



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

As concepções das crianças da 2^a e 3^a infância, dos pais e dos profissionais de educação sobre Igualdade de Género

Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1^o Ciclo do Ensino Básico

Ana Sofia Medroa Pereira

Orientadores

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

outubro 2014



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

As concepções das crianças da 2^a e 3^a infância, dos pais e dos profissionais de educação sobre Igualdade de Género

Ana Sofia Medroa Pereira

Orientadores

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e 1^o Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira, Professora de Psicologia da Unidade Técnico-Científica de Ciências Sociais e Humanas da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

outubro 2014

Composição do júri

Presidente do júri

Professora Doutora Maria Madalena Amaral Veiga Leitão, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Vogais

Professora Doutora Amélia de Jesus Gandum Marchão, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre.

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Agradecimentos

A longa caminhada para a elaboração deste relatório de estágio foi deveras sinuosa. Várias foram os momentos em que desanimei e desisti. Desistência, essa não permanente...

Aquando da desilusão, do sentimento de fracasso, por ter deixado tudo para trás das costas, voltava a renascer, das cinzas, como uma fénix, renovada e pronta para mais uma batalha.

Mas também as fénix precisam de alguém que guarde as cinzas até ao momento de renascer. A essas pessoas, o meu muito obrigada por terem partilhado comigo o desânimo e me terem dado forças para recomeçar.

Dessas pessoas realço o meu par pedagógico, colega e amiga Inês Afonso, que sempre me apoiou, desde a minha entrada na escola.

Às minhas amigas, não menos importantes Susana Mendes e Carina Félix.

Da mesma forma, terei de prestar a minha homenagem à professora e amiga, incansável, Carmo Marques por todo o apoio que me prestou na elaboração deste trabalho.

Os meus familiares que suportaram as minhas constantes ausências e o meu mau humor.

À educadora e professora cooperantes que deixaram de ser “as cooperantes”, mas que passaram a ser amigas. Das quais levo um elevado leque de conhecimentos e que me ajudaram a crescer profissionalmente, oferecendo-me o que de melhor havia nelas, algo que não tem preço.

Não poderei também, deixar de agradecer à escola, instituição que me acolheu neste mestrado e que revelou ser um local com professores que se preocupam com a formação de futuros professores reflexivos e críticos perante as suas ações pedagógicas. Desta panóplia de docentes, claro está que devo salientar a minha orientadora Cristina Pereira que se mostrou sempre disponível para acompanhar o meu desempenho e despendeu de muito tempo para reuniões assim como me auxiliar nos meus pontos mais fracos.

A todos, os meus sinceros agradecimentos por terem tornado possível este trabalho;

Obrigada!

Resumo

Este estudo foi realizado a partir das Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da temática *Igualdade de Género*. O interesse por esta temática surgiu depois de ter assistido a defesas dos relatórios de colegas, tendo considerado importante realizar um estudo que me permitisse compreender e aprofundar questões relacionadas com a *Igualdade de Género*, tendo, ao mesmo tempo, como preocupação observar e intervir no âmbito das duas valências de estágio.

Para a realização deste estudo, primeiramente, foi necessário realizar pesquisas sobre a temática em análise e sobre a realidade, os objetivos e os contextos da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Seguidamente, a esta revisão de literatura, foi necessário escolher qual o tipo de investigação, neste caso, optámos por realizar uma investigação-ação, recorrendo a diversas técnicas de recolha de dados, sendo elas as notas de campo (a partir das atividades realizadas em sala de aula), as entrevistas semiestruturadas e os questionários.

Neste estudo pretendeu-se estudar todo o meio envolvente (mais próximo) da criança, assim, para além de recolhermos dados das crianças, também inquirimos os pais e entrevistamos a educadora e a professora, para que nos dessem a conhecer quais as suas conceções sobre a temática em análise. Essa preocupação relaciona-se com o facto da maioria dos autores consultados considerarem que as conceções dos adultos são, quase sempre, assimiladas pelas crianças, passando estas a assumi-las na sua relação com o mundo.

Na Educação Pré-Escolar, o estudo foi realizado com as dezassete crianças presentes em sala (onze meninas e seis meninos), a educadora e os pais das mesmas. Já no 1º Ciclo do Ensino Básico, seguimos o mesmo método, realizando o estudo com as crianças (nove meninas e treze meninos), os pais e a professora. Optei por analisar e desenvolver atividades com todo o grupo de crianças, pois considero que a turma deve ser estudada como um todo, cada criança, deve ser “ouvida”, de forma a conhecer as diferenças individuais, como defende Thorne (1993), referenciado em Graue & Walsh (2003).

No final de analisados os dados podemos inferir que ambos os grupos de crianças já revelam estereótipos de género, bem como comportamentos tipificados de acordo com as representações sociais de masculino e feminino. Nesse sentido, considero importante e necessário sensibilizar os pais e os profissionais de educação para que consciencializem o papel desempenhado na perpetuação dos estereótipos relacionados com o género, preocupando-se em adotar atitudes educativas

promotoras de Igualdade de Género, de forma a que as crianças, desde cedo se consciencializem que todos são iguais em direitos e deveres.

Palavras chave

Estereótipos de género; Igualdade de Género; Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico; educação para a cidadania.

Abstract

This study was conducted from the Supervised Practice in Preschool Education and 1st Cycle of Basic Education under the theme Gender Equality. The interest in this subject arose after attending the defenses work colleagues, having considered important to conduct a study that would allow me to understand and deepen issues related to gender equality, and at the same time as concern observe and intervene within valences of the two stage.

For this study, first, it was necessary to conduct research on the topic in question and the reality, the objectives and contexts of Preschool Education and the 1st Cycle of Basic Education.

Then, for this literature review, it was necessary to choose which type of research, in this case, we chose to conduct a research-action, using various techniques of data collection, they are field notes (from the activities in the classroom), the semi-structured interviews and surveys.

This study was intended to study all the (nearest) environment of the child, as well, in addition to collect data from children, parents also inquire and interviewed the teachers, that we make known what their conceptions about the thematic analysis. This concern relates to the fact that most of the authors consulted consider that the conceptions of adults are almost always assimilated by the children, passing these to take them in their relationship with the world.

In pre-school education, the study was conducted with seventeen children present in the room (eleven girls and six boys), the teacher and the parents of the same. In the 1st cycle of basic education, we follow the same method, conducting the study with children (nine girls and thirteen boys), parents and the teacher. I chose to analyze and develop activities with the whole group of children, because I think the class should be studied as a whole, each child must be "heard" in order to meet individual differences, as advocated by Thorne (1993), referenced in Graue & Walsh (2003).

At the end of the analyzed data we can infer that both groups of children already show gender stereotypes and behaviors typified according to the social representations of male and female. In this sense, I consider it important and necessary to sensitize parents and education professionals to consciencializem's role in the perpetuation of stereotypes related to gender, worrying about adopting educational attitudes promoting gender equality, so that children, early become aware that all are equal in rights and duties.

Keywords

Gender stereotypes; gender equality; pre-school and 1st cycle of basic education; education for citizenship.

Índice geral

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO	3
Introdução.....	5
1. O Sistema Educativo Português	5
2. Educação Pré-Escolar.....	6
2.1. Conceito.....	6
2.2. Objetivos da Educação Pré-Escolar	7
2.3. Caracterização da Instituição de Educação Pré-Escolar	8
2.4. Caracterização da sala de atividades.....	12
2.5. Caracterização biográfica do grupo de crianças	14
2.6. Organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar	15
2.7. O Projeto Educativo “Como brincava na infância”	16
3. 1º Ciclo do Ensino Básico.....	16
3.1. Conceito	16
3.2. Objetivos do 1º Ciclo do Ensino Básico	17
3.3. Caracterização da Instituição de 1º Ciclo do Ensino Básico.....	18
3.4. Caracterização da sala de aula	20
3.5. Caracterização biográfica do grupo de crianças	22
3.6. Organização dos Programas e Metas no 1º Ciclo do Ensino Básico	24
3.7. O Projeto Educativo “Os Direitos Humanos”	24
4. Explicitação e justificação do contexto do estudo.....	25

CAPÍTULO II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	27
Introdução	29
1. A Igualdade de Género	29
1.1. Cidadania e Género	30
1.2. Diferenciação entre os conceitos de sexo e género	31
1.3. Estereótipo de género	32
1.3.1. Estereótipo de género no processo de socialização	33
1.4. Tipificação dos brinquedos/brincadeiras de acordo com o género e preferência de grupos	34
1.5. O papel do Jardim-de-Infância e da Escola na promoção da Igualdade de Género	36
CAPÍTULO III – INVESTIGAÇÃO EM CONTEXTO EDUCATIVO.....	41
Introdução	43
1. Justificação do estudo.....	43
2. Metodologia.....	45
2.1. Investigação-ação na investigação qualitativa.....	45
3. Problema e objetivos do estudo	48
4. Contextualização do contexto do estudo	49
4.1. Educação Pré-Escolar.....	49
4.2. 1º Ciclo do Ensino Básico	50
5. Técnicas utilizadas na Investigação Qualitativa.....	50
5.1. Notas de campo	51
5.2. Inquéritos por questionário	52
5.3. Inquéritos por entrevistas semiestruturadas.....	53
6. Procedimentos éticos	54
7. Procedimentos de recolha e análise de dados	55

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	57
Introdução.....	59
1. Apresentação e análise dos dados	59
1.1. Atividades desenvolvidas no contexto da Educação Pré-Escolar	59
1.2. Entrevistas às crianças.....	65
1.3. Entrevista à educadora	73
1.4. Questionários aos pais	75
1.5. Atividades desenvolvidas no contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico	76
1.6. Questionários às crianças	85
1.7. Entrevista à professora.....	93
1.8. Questionários aos pais	95
2. Análise integrada.....	97
 CAPÍTULO V – CONCLUSÕES	 101
Introdução.....	103
1. Considerações Finais.....	103
2. Limitações do estudo.....	104
3. Reflexão	105
 Bibliografia	 107
 Referências bibliográficas eletrónicas	 109

ANEXOS.....	111
Anexo A – Inquéritos aos pais de Educação Pré-Escolar	113
Anexo B – Inquéritos aos pais de 1º Ciclo do Ensino Básico	117
Anexo C – Inquéritos às crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico	121
Anexo D – Guião de entrevista à educadora	123
Anexo E – Guião de entrevista à professora	125
Anexo F – Guião de entrevista às crianças de Educação Pré-Escolar	127
Anexo G – Pedidos de autorização aos pais de Educação Pré-Escolar	129
Anexo H – Pedidos de autorização aos pais de 1º Ciclo do Ensino Básico.....	131
Anexo I – Calendário	133
Anexo J – Cartões com as profissões.....	135
Anexo K – Desenhos realizados pelas crianças de Educação Pré-Escolar	137
Anexo L – Guião da história “Gato Borracheiro”	143
Anexo M – Transcrição dos inquéritos aos pais de Educação Pré-Escolar	145
Anexo N – Guião da história “Extraterrestre”	151
Anexo O – Trabalhos realizados pelas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico	153
Anexo P – Cartões com adjetivos	157
Anexo Q – Trabalhos realizadas pelas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico	159
Anexo R – Transcrição das entrevistas aos pais do 1º Ciclo do Ensino Básico	163

Índice de figuras

Fig. 1 – Parque infantil

Fig. 2 – Acesso ao lar

Fig. 3 – Ginásio

Fig. 4 – *Hall* de entrada

Fig. 5 – Corredor

Fig. 6 – Manta

Fig. 7 – Garagem

Fig. 8 – Estante de jogos

Fig. 9 – Cabeleireiro, casinha e loja

Fig. 10 – Área da leitura

Fig. 11 – Mesas de trabalho

Fig. 12 – Casa de banho

Fig. 13 – Esquema da sala de aula

Fig. 14 – Fotógrafa

Fig. 15 – Professora

Fig. 16 - Cozinheiro

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Faixa etária dos pais, por sexo

Gráfico 2 – Habilitações académicas dos pais

Gráfico 3 – Número de irmãos

Gráfico 4 – Profissões escolhidas pelas crianças de Educação Pré-Escolar

Gráfico 5 – Sexo das crianças das crianças

Gráfico 6 – Idade das crianças das crianças

Gráfico 7 – Participa nas tarefas domésticas

Gráfico 8 – Gosto pela participação

Gráfico 9 – Tarefas desempenhas pelas crianças, por sexo

Gráfico 10 – Brinquedos desejados, por sexo

Gráfico 11 – Brincadeiras preferidas pelo grupo

Gráfico 12 – Brincadeiras preferidas, por sexo

Gráfico 13 – Brinquedos estereotipados

Gráfico 14 – Descentralização (brinquedos)

Gráfico 15 – Escolhas relacionais, por sexo

Gráfico 16 – Profissão desejada, por sexo

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

OCEPE – Orientações Curriculares de Educação Pré-Escolar

PE – Projeto Educativo

PS1CEB – Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

PSEPE – Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se no âmbito do Relatório de Estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico e tem como base a experiência vivenciada ao longo das duas Práticas Supervisionadas, integrantes do já referido mestrado.

No primeiro semestre do primeiro ano do mestrado foi pedido que refletíssemos sobre o tema que gostaríamos de trabalhar. Depois de ter assistido a algumas defesas de trabalhos de colegas, achei importante que fosse realizado um estudo com a temática *Igualdade de Género*, envolvendo a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, para que desta forma fosse permitido compreender e aprofundar a questão.

Antes mesmo de iniciar qualquer trabalho, iniciei uma pesquisa sobre a *Igualdade de Género*, de forma a esclarecer-me sobre a temática e procurar qual a realidade que vivemos em Portugal. Numa dessas pesquisas, Cardona et colab. (2009) refere que a escola tem um papel ativo na eliminação das desigualdades entre os géneros que ainda se perpetuam e que isso se poderá atingir através de boas práticas de cidadania.

Num segundo momento foi necessário identificar que objetivos pretendia atingir. Considerando o contexto e as condições de implementação do estudo, identifiquei os seguintes objetivos:

- Identificar as concepções das crianças face à temática;
- Identificar as concepções dos pais face à temática;
- Identificar as concepções do educador/professor face à temática;
- Sensibilizar as crianças para a *Igualdade de Género* através da implementação de algumas atividades no âmbito da temática.

Depois de ter identificado os objetivos, deparei-me com outra questão. Optar por um estudo de caso ou por uma investigação-ação. Apesar de ter consciência que o tempo seria limitado, optei por realizar uma investigação-ação, visto que segundo os autores consultados, este estudo se identifica mais com esta caracterização metodológica, pois, para além de ter sido uma observadora participante, na qualidade de estagiária, pretendi que a minha intervenção contribuísse para alterar alguns estereótipos e representações associados ao género.

Decorrente do enunciado anteriormente, o presente relatório de estágio organiza-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo (Contextualização das Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), farei uma breve síntese de como está organizado o Sistema Educativo em Portugal, passando,

posteriormente, por caracterizar mais pormenorizadamente a Educação Pré-Escolar e o 1º Ciclo do Ensino Básico, relacionando de que forma a temática, em estudo, está relacionada com os Projetos Educativos (PE) desse ano letivo.

Ainda neste capítulo serão caracterizadas as instituições, onde decorreram as práticas e a caracterização dos grupos de crianças, dos pais e da educadora/professora titular de cada grupo.

Seguidamente, no segundo capítulo farei o enquadramento teórico sobre a temática *Igualdade de Género*. Nele estarão presentes conceitos próprios da temática.

No capítulo seguinte é caracterizada a investigação. Começo por justificar o estudo e apresentar a metodologia utilizada, posteriormente, identifico os objetivos da minha investigação. Apesar de já ter contextualizado os contextos, volto a referir neste capítulo de forma a completar alguma informação.

Por fim, apresento quais os instrumentos de recolha de dados que utilizei, justificando as minhas opções.

No penúltimo capítulo apresento os dados recolhidos. Começo por apresentar os dados recolhidos no Jardim-de-Infância, logo após de cada dado, faço uma breve análise. Depois de ter apresentado e analisado os dados de 1º Ciclo de Ensino Básico, faço uma análise integrada de todos os dados recolhidos.

Por último, no quinto capítulo, serão apresentadas as considerações finais decorrentes da análise dos dados recolhidos, assim como as limitações do estudo, deixando a minha reflexão sobre a temática e a elaboração deste relatório de estágio para o final.

CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS SUPERVISIONADAS EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E 1º Ciclo do Ensino Básico

“os contextos são constituídos tanto pelo que as pessoas estão a fazer como por quando e onde o estão a fazer. Isto é, as pessoas em interação servem de contexto umas às outras.”

McDermott e Roth (1978) citado em M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:28

Introdução

Pretende-se que este capítulo dê a conhecer como está organizado o Sistema Educativo em Portugal, focando a Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico. Apresento, também, os conceitos e os objetivos que os caracterizam. Serão dados a conhecer os meus dois locais de estágio, grupos de crianças, pais e educadora e professora, no âmbito das Práticas Supervisionadas de Educação Pré-Escolar e 1ºCiclo do Ensino Básico, onde realizei este estudo e como o integrei nas atividades desenvolvidas com as crianças.

1. O Sistema Educativo Português

A organização do Sistema Educativo Português está assim estabelecida: Educação Pré-Escolar, Ensino Básico, Ensino Secundário e Ensino Superior.

O primeiro nível é a Educação Pré-Escolar, completamente gratuito, que todas as crianças deveriam frequentar, não sendo, no entanto, obrigatório. Este serviço é destinado apenas a crianças com idades iguais ou superiores a três anos e estende-se até ao ingresso no 1º Ciclo do Ensino Básico, que é obrigatório. Apesar das crianças poderem frequentar Creches, este serviço não é participado pelo Ministério da Educação, e, sendo apenas os Jardins-de-Infância privados ou as Instituições de Particulares de Solidariedade Social (IPSS) a disponibilizarem esta valência à comunidade.

Esta oferta de ensino em Educação Pré-Escolar foi aprovada na Lei-Quadro para a Educação Pré-Escolar, em 1997, por ser considerado uma fase muito importante para a formação das crianças, sobretudo para a promoção de igualdade de oportunidades, no combate ao insucesso escolar e ao abandono precoce da escola.

O segundo nível trata-se da escolaridade básica. Atualmente esta abrange o Ensino Básico (1º, 2º e 3º Ciclos) e o Secundário. Para isso, o Estado criou condições e a escolaridade além de obrigatória é de frequência gratuita.

Até ao 3º Ciclo, a formação oferecida é comum (tirando algumas exceções tendo em conta a organização interna dos agrupamentos), sendo o 1º Ciclo, composto por quatro anos, este caracteriza-se por ser um ensino de caráter geral, em monodocência, coadjuvada com alguns professores nas áreas extracurriculares. O 2º Ciclo é composto por dois anos e organiza-se por áreas interdisciplinares. O 3º Ciclo é de três anos e organiza-se por disciplinas, segundo um currículo próprio, tal como nos anos anteriores. O Ensino Secundário (geral ou profissional), passou a ser obrigatório com a promulgação do Decreto de Lei nº176/2012 de 2 de agosto, sendo, presentemente, obrigatório a permanência na escola dos 6 aos 18 anos de idade. Este nível de ensino,

tem a duração de três anos, cada aluno escolhe se quer seguir cursos de carácter profissional, ou cursos orientados para o prosseguimento dos estudos (Ciências Sociais e Humanas, Científico-natural, Artes, Desporto, etc.) ou cursos tecnológicos (que tal como o nome sugere, prepara para o ingresso no mercado de trabalho).

Por fim, o Ensino Superior, que pode ser frequentado em Universidades ou em Politécnicos. Aqui, a frequência é opcional e não é gratuita, só podendo ser admitido quem concluir todos os anteriores níveis de ensino, ou outros equivalentes, e, que obtenha classificação satisfatória, estabelecida por cada instituição frequentada, para ser admitido no curso e Instituição pretendida, pois, cada uma é autónoma nos seus Regulamentos Internos e nos seus Planos de Estudos.

2. Educação Pré-Escolar

2.1. Conceito

A Educação Pré-Escolar apresenta-se como a “primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (ME, 1997, p. 17).

A Educação Pré-Escolar preconiza “a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso das aprendizagens” (ME, 1997, p. 17). No entanto, também é defendida a ideia que a Educação Pré-Escolar não é uma forma de preparação para a escolaridade obrigatória, mas sim um meio facilitador para obter sucesso na etapa seguinte.

As Orientações Curriculares na Educação Pré-Escolar (OCEPE) orientam os educadores a um desempenho pedagógico com carácter lúdico, aliando a brincadeira a aprendizagens significativas. Ferreira (2004, p. 197) referindo autores como Chamboredon & Prévot, (1973. 1975), Brougère (1995) e Ferreira (2000) defende que a criança faz do “brincar o suporte essencial, positivo, espontâneo e natural do seu desenvolvimento. Ferreira (2004, p. 199) ainda defende que “brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo com uma textura complexa, em que criar realidade requer negociações do significado, conduzidas pelo corpo e pela linguagem”. Zabalza (1998) sustenta que também é importante que as educadoras partam das experiências pessoais, que a escola deve aproveitar como alicerces do desenvolvimento de todas as crianças, pois segundo o mesmo, a escola deve “basear-se nas competências já assumidas pelo sujeito e reforçá-las e ampliá-las”.

No art. 3º da Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, de 10 de fevereiro, decreta quatro princípios da Educação Pré-Escolar, sendo eles:

- *A educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar;*
- *A frequência da educação pré-escolar é facultativa, no reconhecimento de que cabe, primeiramente, à família a educação dos filhos, competindo, porém, ao Estado contribuir activamente para a universalidade da oferta da educação pré-escolar;*
- *Por estabelecimento de educação pré-escolar entende-se a Instituição que presta serviços vocacionados para o desenvolvimento da criança, proporcionando-lhes actividades educativas e actividades de apoio à família;*
- *O número de crianças por cada sala deverá ter em conta as diferentes condições demográficas de cada localidade.*
- *Na presente lei, também, é definida a importância da participação da família na educação das crianças, pois, defende que os pais devem ter um papel activo na vida “escolar”, devendo estar presentes na educação não só dos seus filhos, mas de todas as crianças.*

2.2. Objetivos da Educação Pré-Escolar

Considerando que este estudo se insere no contexto da Educação Pré-Escolar, é importante identificar quais são os seus objetivos, que são identificados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar:

- *Promover o desenvolvimento pessoal da criança com base em experiências de vida democráticas numa perspectiva de educação para a cidadania;*
- *Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade;*
- *Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;*
- *Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favorecem aprendizagens significativas e diferenciadas;*
- *Desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilidade estética e de compreensão do mundo;*
- *Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;*
- *Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;*

- *Proceder à despistagem de inadequação, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança;*
- *Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.*

2.3. Caracterização da Instituição de Educação Pré-Escolar

A Instituição onde realizei o meu estágio está instalada num edifício doado, que funcionou como um hospital, anteriormente. Atualmente, funciona com as valências de Creche e Jardim-de-Infância e, também, como um Lar de Idosos, se bem que separadamente.

Existem alguns pontos de referência com interesse localizados perto da Instituição e os quais as crianças poderão visitar com alguma facilidade para desfrutarem de exposições, leituras de livros, passeios ao ar livre e visitas a monumentos da cidade e museus.

O Jardim-de-Infância funciona no 1º andar do edifício.

Fazendo uma apresentação geral da instituição ela é composta por:

- 3 Salas de Creche (berçário, 1 ano e 2 anos);
- 3 Salas de Jardim-de-Infância (3, 4, 5 anos);
- 1 Sala do pessoal docente;
- 1 Sala polivalente;
- 1 Casa de banho para adultos;
- 1 Copa e refeitório;
- No rés-do-chão:
- Parque infantil;
- Ginásio;
- Sala do pessoal não docente/gabinete de atendimento a pais;
- 3 Casas de banho (uma para adultos).

Nas instalações do Centro Social funciona também um Lar e um Centro de Dia para idosos.

Depois de analisado o Despacho-Conjunto nº 268/97, de 25 de agosto podemos concluir que a grande maioria dos critérios assinalados são respeitados. Não podemos descurar o facto de ser um edifício que já tem alguns anos e que apenas sofreu algumas alterações de modo a que pudesse funcionar de acordo com a lei e, por isso, não se trata de um edifício feito de raiz.

Achamos pertinente salientar alguns aspetos gerais relativos à instituição.

Num primeiro contato com a instituição podemos constatar que se trata de um edifício antigo que foi remodelado e recuperado, e neste momento está a funcionar como Jardim-de-Infância e de Lar de Idosos; este edifício que, antigamente, servia de hospital não se encontra devidamente estruturado, pois, o acesso ao parque infantil (uma zona privilegiada para as crianças), o ginásio e até mesmo a entrada principal do Jardim-de-Infância é feita por um lance de escadas, de número considerável, o que dificulta o acesso ao jardim quando se trata de crianças mais pequenas.

Sendo um problema de todos, mas dependendo essencialmente dos adultos, a segurança deve ser garantida a todos os níveis, desde a seleção dos materiais à sua utilização final, devendo ser respeitadas as normas legais em vigor. As condições de segurança e saídas de emergência estão presentes e bem sinalizadas por toda a instituição.

As cores predominantes da Instituição são claras o que transmite uma certa tranquilidade, conforto e harmonia pela forma como estão dispostas, sendo o *hall* de entrada, um local privilegiado para um primeiro contacto com as crianças, transmitindo-lhes ser um local acolhedor como se de suas casas se tratasse. As paredes e armários estão decorados com desenhos animados de modo a que as crianças se sintam mais próximos do seu mundo imaginário.

A instituição situa-se no centro da cidade (na zona antiga) o que facilita o acesso à população que usufrui deste estabelecimento. Contudo, as ruas que o circundam são movimentadas durante o dia uma vez que se situa perto de estabelecimentos comerciais e numa zona habitacional.

Apesar de ser um estabelecimento com variadíssimas janelas é um local um pouco sombrio e que necessita da luz energética em alguns espaços para estar bem iluminado.

São visíveis várias barreiras de proteção ao cimo dos lances das escadas e até mesmo no meio da varanda da instituição, à porta das salas de 1 ano e 2 anos também existem barreiras de proteção.

O pavimento é confortável, resistente, lavável e antiderrapante. As paredes são laváveis, têm cores claras e permitem a fixação de expositores e quadros e garantem um bom isolamento térmico.

Quanto ao parque infantil, tem piso de borracha antichoque e lavável e material adaptado às crianças que usufruem dele.

Espaço Exterior

Varanda: funciona como espaço de brincar, acesso ao parque e ao ginásio. Para acederem ao piso inferior têm que descer um pequeno lance de escadas.

Parque infantil: o parque infantil tem cerca de 120m², tem piso de borracha antichoque e lavável. Equipado com um escorrega, um balancé, três estruturas de mola, uma casinha de brincar em plástico, material adaptado às crianças que usufruem dele. Também se realizam atividades programadas pelas educadoras e festas no parque (Fig. 1).



Fig. 1 - Parque Infantil

A Instituição utiliza espaços tanto no rés-do-chão como no 1º andar onde funcionam as salas de atividades.

Rés-do-chão: em todos os espaços do rés-do-chão existe aquecimento central, exceto no ginásio.

Entrada: quando entramos na Instituição deparamo-nos de imediato com desenhos nas paredes o que torna a entrada mais alegre e acolhedora para que as crianças se sintam confortáveis. Por vezes é utilizado com placards com informações, funcionamento das atividades que vão decorrendo ao longo do ano, nas diversas salas.

Dá também acesso à sala do pessoal não docente/gabinete de atendimento a pais, à lavandaria, ao parque infantil, ao ginásio, às escadas para o 1º andar onde se encontra a Creche e o Jardim-de-Infância.

Existe também um elevador que é utilizado pelos utentes com dificuldades e pelas crianças mais pequenas. Serve ainda de passagem para as instalações do Lar e Centro de Dia.

Depois de subirmos as escadas temos à nossa disposição um placard com trabalhos realizados pelas crianças de modo a dar a conhecer aos pais as atividades desenvolvidas. Este espaço dá também acesso ao interior da instituição, à varanda, à cozinha e ao elevador. Serve também de passagem para as instalações do Lar (Fig. 2) no entanto é de uso restrito.



Fig. 2 - Acesso ao lar

Espaço Interior

Sala do pessoal não docente/gabinete de atendimento aos Pais: é utilizada nas horas vagas e dispõe de uma televisão e dois sofás. É também um espaço utilizado para receber os pais sempre que o gabinete da direção pedagógica esteja ocupado.

Lavandaria: a lavandaria é constituída por duas salas, uma serve o Lar de Idosos, a outra serve o Jardim-de-Infância, sendo as roupas tratadas separadamente.

Ginásio: é utilizado pelas crianças que frequentam a instituição bem como pelos utentes do Centro Social (Fig. 3). É um espaço amplo, adequado às aulas de ginástica e sessões de motricidade. Contém diverso material de psicomotricidade.



Fig. 3 - Ginásio

Cozinha: está equipada de acordo com a normas vigentes e respeitando as regras de segurança alimentar. Na cozinha são confeccionadas as refeições do Jardim-de-Infância e Lar respeitando as ementas elaboradas por um nutricionista que trabalha na instituição. As ementas são semanais e afixadas na entrada do Jardim-de-Infância.

Copa: este espaço serve como apoio à cozinha, aqui é onde se lava a loiça das refeições das crianças, onde se trata dos lanches e prepara a fruta.

Hall de entrada: é utilizado para expor informações e/ou para informar os pais sobre as atividades que se estão a desenvolver (Fig. 4).



Fig. 4 - Hall de entrada

Refeitório: encontra-se logo à entrada. É arejado, amplo e bem iluminado (tem cinco janelas). Com mesas e cadeiras adequadas à idade das crianças que o utilizam.

De manhã, é aqui que se faz o acolhimento das crianças até aos 2 anos e, por isso, tem também uma televisão. Tem também baldes para a reciclagem do lixo e estes são das diferentes cores de um ecoponto do dia-a-dia, incluindo a reciclagem de pilhas.

É um espaço que também é utilizado para reuniões gerais e outras atividades.

O horário das refeições varia de acordo com a faixa etária.

Sala de espera: esta sala situa-se no início do corredor ao lado da sala da direção pedagógica. É um espaço colorido e harmonioso que transmite uma sensação de conforto e tranquilidade.

Sala da direção pedagógica: escritório destinado a reuniões e local de trabalho para atividades não letivas das educadoras. Serve também para receber os pais e outros visitantes.

Casa de banho de adultos: destina-se ao pessoal docente e não docente.

Corredor: dá acesso a todas as salas. Tem placards para expor trabalhos (Fig. 5) e armários para guardar materiais.

Neste espaço, habitualmente, há música para proporcionar um ambiente agradável e calmo.

O corredor tem portas corta-fogo que separa as salas da Creche de Jardim-de-Infância e também alguns extintores.

As paredes são muito coloridas transmitindo ser um espaço alegre e acolhedor.



Fig. 5 - Corredor

Sala Polivalente: está equipada com materiais para as brincadeiras das crianças, possui uma televisão, um leitor de DVD e vídeo.

É um local privilegiado para as entradas (7h30m às 9h) e para as saídas (17h30m às 19h).

Serve também de dormitório e é o local onde se encontra guardado o material de expressão musical num armário.

Existe também uma dispensa onde estão guardados os colchões das crianças mais velhas para dormirem a sesta.

Salas de atividades: são espaços que se destinam ao desenvolvimento de atividades educativas, devendo ser facilitadores e promotores de experiências e conhecimentos. As salas têm o espaço adequado ao número de crianças que o utiliza.

Anualmente a seleção e disposição dos materiais é feita pela educadora responsável da sala.

Com capacidade para cerca de vinte e cinco crianças, são antecedidas por um *hall* que tem cabides devidamente identificados onde colocam os objetos pessoais. Cada sala dispõe de uma casa de banho adaptada às necessidades das crianças.

As salas estão divididas pelos chamados cantinhos (casinha, garagem, leitura,...).

2.4. Caraterização da sala de atividades

A sala dos 4 anos têm duas janelas para o exterior, no entanto, torna-se um pouco sombria porque as janelas estão voltadas para o Lar de Idosos.

A sala está dividida por cantinhos, sendo eles:

-**A manta:** é onde se realiza o acolhimento por parte da educadora, é neste espaço que as crianças conversam com a educadora, onde se realizam atividades lúdicas em grande grupo e onde é dado a conhecer às crianças as atividades a realizar durante o dia (Fig. 6).



Fig. 6 - Manta



Fig. 7 - Garagem

-**Garagem e construções:** neste espaço estão agrupadas duas áreas, nela podem-se encontrar carros, jogos de construção e o tapete “rodoviário” onde as crianças podem brincar com os diversos materiais. Esta área encontra-se decorada com sinais de trânsito, pois será um conteúdo a abordar (Fig. 7).

-**Computador:** na sala existe um computador, as crianças procuram-no sobretudo para jogar e usam apenas o rato. Nesta área apenas pode estar uma criança de cada vez, no entanto, a área das TIC faz parte das metas para a Educação Pré-Escolar e faz todo o sentido esta área estar presente na sala.

-**Estante de jogos:** Na estante podem ser encontrados vários jogos: *puzzles*, lotos, enfiamentos, magnéticos e jogos de associação (Fig. 8). As crianças podem recorrer à manta ou às mesas disponíveis na sala para os jogarem.



Fig. 8 - Estante de jogos



Fig. 9 - Cabeleireiro, casinha e loja

-**Cabeleireiro, casinha e loja:** Nestes três espaços, que estão lado a lado, as crianças procuram-nos para brincar ao faz-de-conta, imitando os adultos e misturando por vezes os vários objetos de cada área (Fig. 9).

-**Área da leitura:** Este espaço está equipado com uma estante onde se podem encontrar vários livros com imagens e algumas revistas alusivas a trabalhos escolares (Fig. 10). Para que as crianças explorem os livros podem usar a manta ou as mesas de trabalho.



Fig. 10 - Área da leitura

-Mesas de trabalho: No centro da sala estão três mesas, em torno delas estão disponíveis cadeiras para todo o grupo (Fig. 11). Este espaço serve para as crianças realizarem trabalhos manuais, realizarem fichas, brincarem com os jogos, lerem os livros. Este espaço é estratégico pois aproveita a luz natural que a sala tem.



Fig. 11 - Mesas de trabalho

-Estante de arrumações: Esta estante está organizada com alguns materiais que as crianças podem ir buscar para a realização de algumas atividades. Nela estão algumas folhas e materiais de escrita. A parte superior é usada pela educadora e auxiliar onde arrumam alguns pertences.

-Armários de arrumações: Estes são usados pela educadora para guardar diferentes materiais usados na realização de atividades, alguns dos seus pertences e também pertences das crianças.

-Hall de Entrada: Este espaço dá acesso à sala de atividades e à casa de banho. Nele estão os pertences de cada criança pendurados num cabide e estes estão identificados com fotos das crianças. Este espaço é onde as crianças ficam mais agitadas, não conseguindo muitas vezes respeitar ordens simples como “mantém-te debaixo do teu cabide”. Por isso este espaço começou a ser dinamizado com algumas canções e jogos para manter alguma ordem no grupo.

-Casa de banho: Este espaço, que tem iluminação natural, está equipado com três sanitas, um *polivan* e três lavatórios equipados com dispensadores de sabonete. Nele as crianças vão à casa de banho, lavam as mãos, a cara e ainda os dentes (Fig. 12). É um espaço otimizado para a promoção da saúde e hábitos de higiene, como da autonomia.



Fig. 12 - Casa de banho

2.5. Caracterização biográfica do grupo de crianças

A sala é composta por dezassete crianças (onze do sexo feminino e seis do sexo masculino), é de referir que a criança mais nova da sala tem quatro anos feitos em novembro e a mais velha fez os cinco em janeiro, ou seja têm quase um ano de

diferença. A grande maioria de pais/mães têm a idade compreendida na faixa etária [31-40]. No grupo existem catorze famílias estruturadas e três monoparentais.

No grupo integra uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE) que está sinalizada desde bebé, esta é acompanhada pela educadora do Projeto de Intervenção Precoce. Para além deste caso existem mais quatro casos específicos, referenciados pela educadora, (segundo esta) necessitam de algumas estratégias específicas da sua parte:

- Uma criança com atraso no desenvolvimento da linguagem, principalmente quando se exalta;
- Uma criança que não tem capacidade de respeitar regras e pouco concentrada;
- Outra que releva alguma imaturidade de desenvolvimento;
- Por fim, uma criança que não tem o português como língua materna.

De uma forma geral, o grupo já distingue as letras dos números, sabem comunicar eficazmente, revelam algum pormenor no desenho da figura humana, já adquiriram uma significativa capacidade de memória, já lhes é familiar a sequenciação do tempo e reconhece os espaços.

O grupo é bastante ativo e dinâmico, mostra interesse nas atividades a desenvolver, sendo por isso um grupo que adquire rapidamente as competências propostas.

2.6. Organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

As OCEPE são o grande documento de apoio para a prática pedagógica do educador. As OCEPE (ME, 1997, pp. 25 - 28) é um documento de orientação, ficando a cargo do educador a gestão do currículo em conformidade com o meio envolvente e o grupo de crianças, devendo, inclusive, selecionar as aprendizagens significativas para esse grupo, tendo em vista uma boa preparação para o ensino obrigatório.

É neste documento que se encontram as áreas a trabalhar numa sala de educação de infância, tais como a área de formação pessoal e social, a área do conhecimento do mundo e a área de expressão e comunicação que se divide em três domínios, sendo eles: domínio da expressão motora, dramática, plástica e musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática. E algumas diretrizes sobre o trabalho a desenvolver.

No contexto deste trabalho, daremos grande relevância à área de formação pessoal e social, apesar de ser indissociável de todas as outras, pois nenhuma das áreas deve ser trabalhada de forma separada, devendo o educador interligar todas as

áreas nas suas atividades. Creio que esta é uma das áreas que todos os educadores trabalham, na maioria das vezes, transversalmente, mesmo sem ter planeado.

A formação social e pessoal é, assim, de acordo com as OCEPE, a área que visa que as crianças adquiram valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários.

2.7. O Projeto Educativo “Como brincava na infância”

Durante o meu estágio, o PE a desenvolver no Jardim-de-Infância, intitulava-se “*Como brincava na infância*”. Este tinha como objetivos, que as crianças conhecessem alguns jogos tradicionais e alguns brinquedos antigos, com os quais os pais brincavam na infância.

Foi então que os pais trouxeram, para uma exposição, no Jardim-de-Infância, alguns dos seus brinquedos. A maioria das mães trouxeram “nenucos” e livros e os pais trouxeram carros e figuras plásticas de animais.

Era também desejável que as crianças produzissem alguns jogos tradicionais e brinquedos e que brincassem com eles.

Tendo os brinquedos e a brincadeira um papel fundamental, tal como defende Ferreira (2004, p. 198), ao considerar que “brincar seria (...) sinónimo de socialização das crianças no mundo adulto, equivalendo essa socialização à preparação para a vida, pela incorporação antecipada de papéis sociais”, foi-me possível interligar o meu trabalho de investigação com o projeto educativo da turma, pois eles estão intimamente ligados com a construção da identidade de género de cada criança.

3. 1º Ciclo do Ensino Básico

3.1. Conceito

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo, de 14 de outubro de 1986, “o sistema educativo é o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente acção formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade”.

Nesse documento é promulgado o direito de que todos, independentemente do sexo, têm direito à educação e, que a formação deve também ter em conta a formação de cidadãos reflexivos sobre valores e condutas.

No art. 6º da Lei de Bases do Sistema Educativo, decreta cinco princípios para a Educação do Ensino Básico, sendo eles:

- *O ensino básico é universal, obrigatório e gratuito e tem a duração de nove anos¹;*
- *Ingressam no ensino básico as crianças que completem 6 anos de idade até 15 de setembro;*
- *As crianças que completem 6 anos de idade entre 16 de setembro e 31 de dezembro podem ingressar no ensino básico se tal for requerido pelo encarregado de educação, em termos a regulamentar;*
- *A obrigatoriedade de frequência do ensino básico termina aos 15 anos de idade²;*
- *A gratuidade no ensino básico abrange propinas, taxas e emolumentos relacionados com a matrícula, frequência e certificação, podendo ainda os alunos dispor gratuitamente do uso de livros e material escolar, bem como de transporte, alimentação, alojamento, quando necessários.*

3.2. Objetivos do 1º Ciclo do Ensino Básico

Sendo que este estudo, para além da Educação Pré-Escolar, também se insere no contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico, é importante identificar os seus objetivos, segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo estão identificados quais são esses objetivos, sendo eles:

- *Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;*
- *Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;*
- *Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, destacando e estimulando aptidões nesses domínios;*
- *Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;*

¹ Entretanto revogada pelo DL nº176/2012, que determina que todas as crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 6 e 18 anos, devem frequentar a escolaridade obrigatória.

² Idem.

- *Proporcionar a aquisição de conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;*
- *Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspetiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;*
- *Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história, e cultura portuguesa;*
- *Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio afetiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;*
- *Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;*
- *Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;*
- *Fomentar o gosto por uma constante atualização de conhecimentos;*
- *Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;*
- *Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;*
- *Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.*

3.3. Caracterização da Instituição de 1º Ciclo do Ensino Básico

A Escola Básica encontra-se em funcionamento desde o dia 1 de Outubro de 1972 e é uma antiga escola preparatória.

Foi reedificada com o objetivo de alargar a escolaridade obrigatória para seis anos de frequência, e passaram a ser lecionados, apenas, o 1º e o 2º Ciclo do Ensino Básico. A partir do ano de 1973, a instituição passou a lecionar o 3º Ciclo do Ensino Básico, o que fez com que o Agrupamento lecionasse nove anos de escolaridade. Entre os anos de 1980 a 1995, na escola existiam apenas alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico e, posteriormente, integrou o 3º Ciclo do Ensino Básico, ficando assim a designar-se por Escola Básica 2, 3. No ano letivo de 2006/2007 adquiriu a designação de Escola Básica Integrada, como atualmente é conhecida, contendo nesta altura duas salas destinadas ao 1º Ciclo do Ensino Básico.

Depois da análise ao PE concluímos que a escola está estruturada da seguinte forma: quatro blocos independentes, um bloco de trabalhos de oficina e, por fim, um pavilhão, que está destinado aos serviços administrativos e de apoio. Existem ainda vinte salas de aula, dez salas específicas, um centro de recursos, uma biblioteca, um refeitório, uma sala para os professores, com bar incluído, uma sala para os alunos também, com *buffet* e um pavilhão gimnodesportivo, onde são praticadas atividades físicas, havendo, também, três campos de jogos no exterior (voleibol, futebol e basquetebol) e uma pista de salto em comprimento.

Para além destes espaços existem outros serviços de apoio à comunidade escolar: serviço de Psicologia e Orientação; Ação Social Escolar; Serviço Social e Núcleo de Ensino Especial (Unidade de Intervenção Precoce e as Unidades de Autismo e de Surdos).

A escola situa-se no distrito e concelho de Castelo Branco. Está localizada numa área residencial onde existe um bairro social habitado por famílias de várias etnias, com maior predominância da etnia cigana.

Próximo da escola existem habitações, instituições de apoio humano e social, tais como o Hospital, o Centro de Saúde, o Instituto Português da Juventude; os Bombeiros Voluntários, a Associação Portuguesa de Pais e Amigos dos Cidadãos Deficientes Mentais e, ainda, o Pavilhão Municipal. Existem, ainda, minimercados; cafés e as instalações do grupo de teatro “Váatão”.

Em volta da escola existem alguns estacionamento, uma vez que esta se localiza numa zona de grande movimentação de trânsito. Contudo, nas principais idas à escola pelos pais (9h00m, 12h30m, 14h00m e 17h30m), o estacionamento não é suficiente para que os pais possam parar para deixar ou levar as crianças. Por vezes, existe um agente da “Escola Segura” nesta área para controlar o trânsito assegurando, assim, a segurança das crianças. O meio envolvente da escola encontra-se bem sinalizado, com um cruzamento mesmo em frente à escola, existem diversas passadeiras, de forma a possibilitar uma melhor passagem dos peões para os locais disponíveis na zona. De salientar a importância da existência das diversas passadeiras, pois esta é uma zona bastante frequentada, porque para além de ser envolvida pela escola, tem por perto o Hospital e o Centro de Saúde.

Para segurança da escola e das crianças, todo o pátio está protegido com vedações em ferro e os portões encontram-se sempre fechados à chave. As crianças só saem do portão para a rua aquando da chegada de um familiar que a venha buscar.

A escola funciona em sistema vertical.

A escola funciona num edifício de dois pisos. Por fora tem um aspeto bastante apelativo devido às cores rosa e verde com que está pintado. Na parte exterior, a

escola não tem nenhum espaço completamente coberto existindo apenas um pequeno átrio mas que não tem paredes laterais para uma maior proteção da chuva e frio.

No primeiro piso funcionam as nove salas de aula (uma das quais funciona como unidade de autismo – sala de ensino estruturado), o *bufett* com cozinha anexa e uma despensa para produtos alimentares, o refeitório, uma sala para auxiliares de ação educativa, dois espaços de arrecadação de materiais diversos, dois espaços destinados à guarda de material didático e audiovisual e o desgaste e de apoio à prática pedagógica, uma sala de professores, um gabinete para a coordenação da escola, um espaço para a reprografia, um ginásio para a educação física e de psicomotricidade, duas casas de banho para adultos, duas casas de banho para crianças e um pequeno espaço para acondicionamento dos materiais de limpeza.

No 1º andar existem dois gabinetes para apoio e complemento educativo e para atendimento aos pais/encarregados de educação, a biblioteca, um corredor aproveitado com dois espaços – um destinado à terapia da fala e um outro, dividido por uma cortina, destinado a aulas de apoio e de atividades extracurriculares.

No interior da escola, podemos encontrar sistemas de segurança, tais como, extintores e alarmes de incêndio. Existem sistemas de aquecimento, distribuídos pela escola, nomeadamente em todas as salas de aula e diferentes espaços de permanência de pessoas.

A população escolar, no passado ano letivo, era de duzentos e treze alunos, quinze docentes e cinco assistentes operacionais. Dos quinze docentes, oito eram titulares de turma, os restantes encontravam-se distribuídos da seguinte forma: dois no ensino especial, um no apoio pedagógico, um destacado na biblioteca, um com cargo de coordenador e dois com o ensino estruturado.

Relativamente aos duzentos e treze alunos, seis apresentavam NEE, autismo. Estes alunos são acompanhados na sala de ensino estruturado, realizando atividades consoante a sua situação e dificuldades.

A escola funciona desde as 8h00m até às 18h30m, tempo compreendido, também, para limpezas e arrumação do edifício. O horário de funcionamento das aulas é das 9h00m às 12h30m e das 14h00m às 17h30m. Os intervalos são entre as 11h00m e as 11h30m e entre as 16h00m e as 16h30m.

3.4. Caraterização da sala de aula

A sala de aula do 4º ano onde foi realizada a prática é uma sala ampla e apesar de ter duas janelas de grandes dimensões é pouco iluminada. Uma das janelas serve como porta para o lado exterior da escola (pátio), porta pela qual os alunos entram e

saem da sala durante o período da manhã e de tarde. Tem ainda mais quatro janelas de menor tamanho em formato de quadrado.

A sala dispõe de vários armários onde estão guardados materiais didáticos, jogos, livros, dossiês dos alunos e caixas de arrumação de material dos alunos. Tem também um computador, placards (de corticite) onde se expõem os trabalhos realizados pelos alunos e uma bancada com várias portas onde estão guardados os materiais de expressão plástica. Nesta mesma bancada existe uma torneira para que os alunos possam lavar as mãos sempre que necessário e para beberem água.

Na sala existe, também, um quadro preto e sobre ele existe iluminação e sempre que existe menos claridade na sala, as luzes acendem-se para que seja mais perceptível o que está no quadro.

Para que os alunos não levem os casacos para os seus lugares existem diversos cabides onde os podem deixar, bem como os chapéus.

Quanto à disposição das mesas, estas estão dispostas de diferentes formas. Em frente ao quadro existe uma fila de quatro mesas, atrás existem duas mesas em forma de quadrado e ao lado uma mesa, atrás destas existe mais uma fila de três mesas. Existe ainda uma mesa ao lado da janela que serve de porta no período da manhã e no da tarde, e um conjunto de três mesas e outro de duas mesas logo à entrada e em frente à bancada.

A mesa da professora está a um canto da sala.

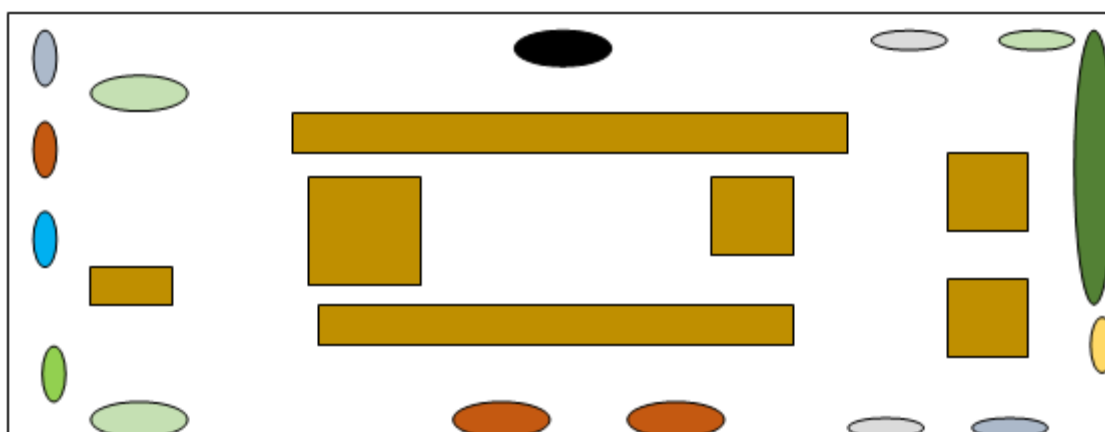


Fig. 13 - Esquema da sala de aula

Legenda:

- - Porta de entrada
- - Bancada
- - Janelas em forma de quadrado
- - Armários

- | | |
|--|---|
|  - Placards |  - Janela que serve de porta para o exterior |
|  - Cabides |  - Secretária da professora |
|  - Quadro |  - Mesas dos alunos |

3.5. Caracterização biográfica do grupo de crianças

A turma do 4º ano é uma turma mista constituída por vinte e dois alunos, treze rapazes e nove raparigas, todos com nove anos.

A turma mostra ser cooperativa, esforçada, atenta e interessada e apresenta um rendimento satisfatório em qualquer área. A turma integra um aluno com NEE, estando abrangido pela Lei 3/2008.

Esta criança é levada para a sala de ensino estruturado de forma a ser feito um trabalho individualizado para que desenvolva as suas capacidades da melhor forma possível. Ela apresenta algumas limitações em relação à restante turma, no entanto, nós como estagiárias achamos que a criança está bastante desenvolvida, pois sabe ler, sabe aplicar os algoritmos, resolve problemas simples e sabe explicar o seu raciocínio, embora de uma forma peculiar.

Esta criança necessita de acompanhamento por parte de um adulto por forma a desenvolver algum trabalho, pois insiste que não completou o 3º ano e que quer realizar tarefas do passado ano, devido a ter completado o ano com notas “fracas”, sendo necessária alguma insistência para que desenvolva algum trabalho.

Para este relatório ainda destacamos alguns casos que devem ser referenciados. Salientamos quatro casos em que nos parece que os alunos apresentam algumas dificuldades na área da matemática ou, pelo menos, no conteúdo da divisão. Algumas das crianças em questão não sabem usar o algoritmo na resolução de problemas.

Na área de português e estudo do meio não observámos quaisquer dificuldades de relevância.

Quanto à questão do comportamento, dentro da sala de aula, por norma, a turma é silenciosa e não perturba o desenrolar da aula, havendo dois casos particulares em que as crianças tentam chamar a atenção, interrompendo com intervenções pouco produtivas para o desenrolar das atividades.

No intervalo, a turma divide-se em dois grupos principais, o grupo que joga à bola e o que prefere outras brincadeiras ou simplesmente fica a conversar, não havendo, no entanto, nenhuma criança que fique sem companhia no intervalo.

Esta turma caracteriza-se por ser unida e com grande sentido de responsabilidade no desenvolvimento das suas aprendizagens.

Situação do agregado familiar

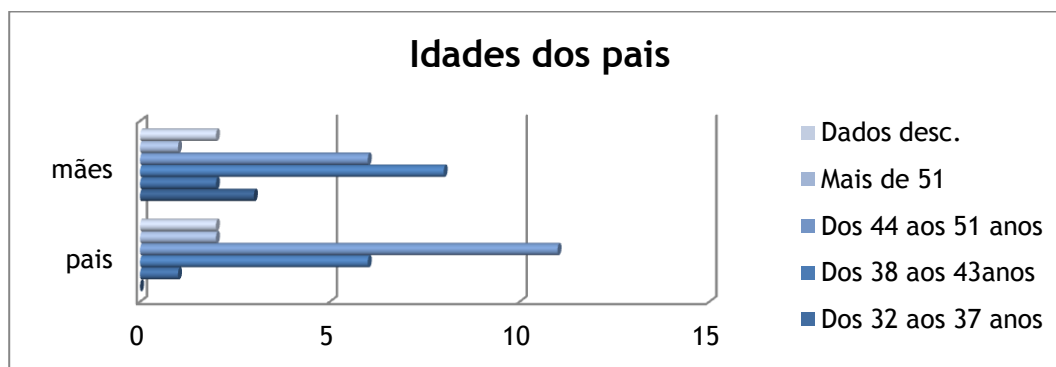


Gráfico 1 - Faixa etária dos pais, por sexo.

Com a elaboração deste gráfico e depois de analisado, podemos concluir que a idade dos pais dos alunos está compreendida na faixa etária dos 44 e 51 anos, já as mães a faixa etária dominante é entre os 38 e os 43 anos.

Podemos então verificar que as mães são ligeiramente mais novas que os pais. A média de idades dos pais das crianças (cujos dados, estão conhecidos) é de 45 anos.

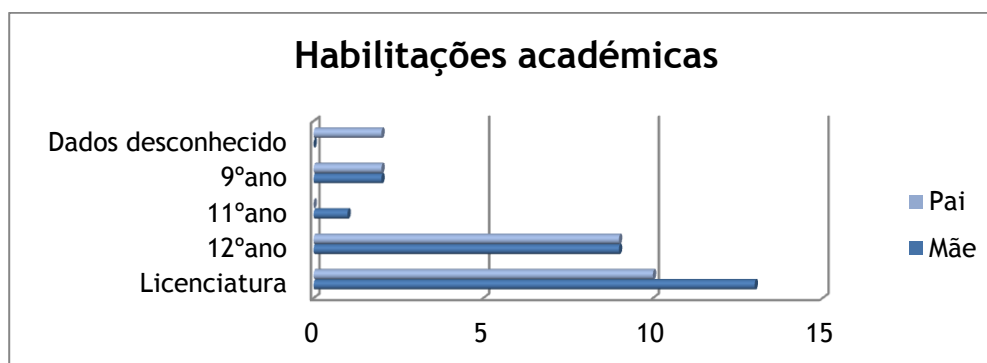


Gráfico 2 - Habilitações académicas dos pais

As habilitações académicas dos pais das crianças podem-se considerar altas, pois a maioria dos pais possuem o 12º ano completo ou uma licenciatura, podendo ser este aspeto uma mais valia na aprendizagem para as crianças, visto que os pais estarão despertos para a importância das crianças estudarem e poderão ajudá-los a estudar.

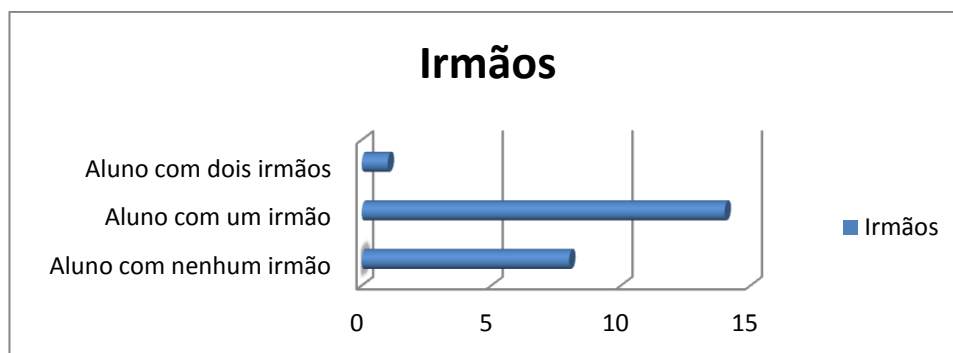


Gráfico 3 - Número de irmãos

A maioria dos alunos (catorze) da turma tem apenas um irmão, existindo ainda oito alunos que não têm nenhum irmão e um que tem dois irmãos.

3.6. Organização dos Programas e Metas no 1º Ciclo do Ensino Básico

Atualmente, os professores de 1º Ciclo do Ensino Básico têm vários documentos disponíveis, onde se devem orientar para a planificação das suas aulas das áreas curriculares.

Para a área de português e matemática, passaram a ser utilizadas as metas curriculares, estas são genéricas, dando apenas indicação ao professor quais são as competências que os alunos, de cada ano de escolaridade, deve ter adquirido, no final de cada ano.

No entanto, para as áreas de estudo do meio e de expressões, os professores ainda utilizam o programa de 1990.

A estrutura curricular do 1º Ciclo do Ensino do Básico, ainda prevê que sejam trabalhadas áreas não curriculares, transversalmente, como a educação para a cidadania, o estudo acompanhado e a área de projeto.

É com base nestas áreas que a professora cooperante decidiu, no início do ano letivo, abordar a temática “Os Direitos Humanos”, abordando assim um pouco o meu tema.

3.7. O Projeto Educativo “Os Direitos Humanos”

Para colocar em prática o tema desta investigação, relacionámo-lo com o tema do projeto da sala de aula, “Os Direitos Humanos”, fazendo o tratamento de valores de

Educação para a Cidadania. Vimos, de certa forma, o trabalho facilitado pois foi fácil fazer a interligação dos temas abordando-os no tempo letivo destinado à área curricular não disciplinar Educação para a Cidadania. O projeto intitulado “Direitos Humanos” da sala onde foi implementada a investigação, surge de acordo com o PE do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva. O lema deste PE é “Integrar, Unir, Formar”, ou seja, “integrar identidades distintas, unir para finalidades comuns e formar para o desenvolvimento completo de cada um dos indivíduos, de acordo com as suas potencialidades e anseios” (PE, 2010/2013, p.3)

Durante o estágio de 1º Ciclo, o PE a desenvolver, intitulava-se “Os Direitos Humanos”. Este teria como objetivos abordar alguns direitos do homem, de forma a que as crianças desenvolvam valores de respeito, capacidade reflexiva e tolerância.

Como a turma possuía uma hora, por semana, destinada a desenvolver esta área (apesar de não estar assim legislado), eu e a minha colega desenvolvemos os nossos projetos neste tempo, pois ela também se encontrava a desenvolver um trabalho com um tema relacionado com os direitos.

Assim, podemos desenvolver os nossos temas em conformidade com o que estava estipulado pela professora cooperante, como aprendizagens significativas para a turma.

4. Explicitação e justificação do contexto do estudo

O estudo insere-se no âmbito das Práticas Supervisionadas em Educação Pré-Escolar (PSEPE) e 1º Ciclo do Ensino Básico (PS1CEB), realizado num Jardim-de-Infância e uma Escola Básica, situadas, ambas, no distrito de Castelo Branco. Este trabalho surgiu a partir da curiosidade que me foi suscitada ao assistir trabalhos de colegas minhas, mas também por na PSEPE o tema estar relacionado. Como à partida na PS1CEB, teríamos de abordar a Educação para a Cidadania, transversalmente, também nos seria possível trabalhar este tema.

É importante salientar que usei diferentes metodologias de acordo com os contextos. Na PSEPE realizei algumas atividades, em que pude observar quais são os papéis sociais que cada criança desempenha. Já na no PS1CEB, realizei algumas atividades de trabalho em grupo.

Outros dos fatores que diferenciaram, os contextos, foi que no PSEPE realizei entrevistas às crianças e no PS1CEB realizei inquéritos, no sentido que desse modo todas as crianças me poderiam responder e era rentabilizado o tempo.

CAPÍTULO II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Ao observar as nossas sociedades constata-se uma extrema diversidade de situações, de papéis e de funções, desempenhados por diferentes pessoas. É graças a estas diferenciações, ou seja, a estas especializações, que a sociedade parece funcionar convenientemente.”

Jean- François Skrzypczak, 1996:17

Introdução

Este capítulo pretende esclarecer alguns aspetos sobre a temática analisada na pesquisa, bem como alguns conceitos a ela associados. É também neste capítulo, que a partir de vários autores, pretendo evidenciar o papel da família e da escola na promoção da Igualdade de Género.

1. A Igualdade de Género

Já no séc. XVIII, Rosseau, citado por Skrzypczak (1996, p. 12), distinguia “dois tipos de desigualdades: uma, a que chamo natural, ou física, visto ser estabelecida pela natureza, e que consiste na diferença de idades, de saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito ou da alma, e outra, a que podemos chamar desigualdade moral ou política, visto que depende de uma espécie de convenção e que é estabelecida, ou pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens”. É nesta última categoria que nos vamos centrar, principalmente na desigualdade de género, que resulta de convenções estabelecidas por uma determinada sociedade consoante o sexo de pertença de cada indivíduo. Associadas a estas convenções estão papéis sociais, características psicológicas, físicas, emocionais que a sociedade, em geral, assume como específicas de cada género.

“apesar de todas as estatísticas apontarem para o facto de, nas últimas décadas, o número de mulheres analfabetas ter decrescido, de as raparigas serem o grupo maioritário nas universidades, de as raparigas obterem, em média, melhores resultados que os rapazes, de se verificar igualmente uma tendência para esbater a escolha estereotipada de uma carreira ou de uma profissão, continua a verificar-se uma enorme assimetria quando confrontamos a posição dos homens e das mulheres no sistema de produção, seja no mercado de trabalho ou no desempenho de responsabilidade e poder social”.

Ana Monteiro Ferreira, 2002:24

Uma análise pouco profunda sobre a vivência social e a assunção de papéis poderá indicar que a Igualdade de Género é uma realidade. No entanto Ferreira (2002) , Cardona et colab. (2009), Amâncio (2003), Capucha et colab. (2005) e a Comissão Europeia (2010), entre outros, apresentam estudos que contrariam essa ideia.

A Comissão Europeia tem-se mostrado preocupada com esta realidade publicando alguns documentos a respeito, tal como a Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia no art.º 23 (2010), bem como a Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Combate à discriminação e igualdade de oportunidades para todos – Uma estratégia quadro (2005).

Tal preocupação também se estende a Portugal. Abrantes (2003) adverte que as escolas portuguesas eram quase exclusivamente frequentadas por crianças e jovens do sexo masculino, até a meados do século XX. Hoje porém, as escolas, dos países ocidentais, são cada vez mais frequentadas por mulheres e, estas obtêm, em média, melhores resultados e níveis de escolaridade mais elevados.

No entanto, Amâncio (1994, p. 73) refere que o mesmo não se verifica no mercado de trabalho, pois as “profissões femininas tendem a ser desvalorizadas” e “subalternizadas”.

Em Portugal tem-se vindo a verificar uma crescente preocupação com esta temática, nomeadamente na criação de vários guiões de apoio ao educador/professor sobre a Igualdade de Género nas escolas.³

É neste sentido que as escolas devem ter preocupação em promover a Igualdade de Género, de forma a que todos os esforços dos órgãos políticos surtam efeitos, pois a escola tem um papel fundamental não só no ensino dos conteúdos programáticos, mas também, e a meu ver, o mais importante, em formar cidadãos.

1.1. Cidadania e Género

Hoje, o tema da cidadania é bastante abordado nas escolas, pois, acredita-se que podemos alcançar uma sociedade mais justa e igualitária através de “boas práticas de cidadania activa e democrática” (Cardona et colab., 2009, p. 8).

Cardona et colab. (2009) defendem que a escola deve ser um local privilegiado para que alguns estereótipos sejam abandonados, de forma a promover uma sociedade contra o autoritarismo e todas as formas de discriminação, implicando, simultaneamente, aceitação do valor de igualdade de direitos e deveres e o respeito pelas diferenças.

³ <http://www.cig.gov.pt/documentacao-de-referencia/doc/>

Sou assim da opinião que as crianças devem abordar estes assuntos desde a primeira etapa educativa e ao longo da vida, tal como a Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género que criou vários manuais de apoio aos educadores e professores de Educação Pré-Escolar, 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico⁴.

1.2. Diferenciação entre os conceitos de sexo e género

Muitas vezes utilizamos o conceito “sexo” e “género” de forma indiferenciada. No entanto os conceitos não são sinónimos.

Para Stoller (1968), referenciado em Amâncio (2003), “sexo” serviria para distinguir os indivíduos em termos biológicos e “género” para categorizar as representações sociais que cada um desempenhava de acordo com os estereótipos, tradicionalmente, aceites.

Ferreira (2002) refere que género é a construção social de papéis sociais característicos de cada sexo, ou seja, um indivíduo vai pertencer ao género feminino se for do sexo feminino ou pertencerá ao género masculino se for do sexo masculino, com todas as características associadas aos diferentes géneros. Desde cedo, a sociedade, define “mentalmente” a qual dos géneros a criança deve pertencer e quais serão os papéis a serem assumidos por ela, tal como defende Cardona et colab. (2009).

Também Skrzypczak (1996) defende que os papéis sociais são “controlados” pela sociedade em que homens e mulheres se inserem. O mesmo autor (1996, p. 210), defende ainda que “em geral, as raparigas estão predispostas a ser mais sociáveis e menos arrojadas no plano físico” e os “rapazes ocidentais seriam, em média, mais agressivos que as raparigas”.

É por se verificarem algumas crenças por parte da sociedade que se considera “normal” que algumas características psicológicas estejam associadas à masculinidade e outros a feminilidade, características distintas, claro.

No entanto, essas características só se evidenciam com base no tratamento que a sociedade tem para com as crianças, desde cedo, por exemplo, vestirem-nos de cores diferentes, relacionarem-se de forma diferente perante um bebé do sexo feminino e outro do sexo masculino e também os brinquedos e brincadeiras que lhes proporcionam aprendizagens distintas. Block (1984), referido em Cardona et colab.

⁴ Idem

(2009), acredita que os brinquedos oferecidos às meninas fomentam uma menor criatividade, que os brinquedos dados aos rapazes, pois têm um finalidade prevista.

Para Oakley (1972) citado em Cardona et colab. (2009, p. 12) “género (...) envolve os atributos psicológicos e as aquisições culturais que o homem e a mulher vão incorporando, ao longo do processo da sua formação da sua identidade”.

Sintetizando, sexo diz respeito às características fisiológicas e anatómicas (biológicas), género diz respeito ao papel socialmente aceite a desempenhar por cada indivíduo, dependendo do seu grupo de pertença.

1.3. Estereótipo de género

Segundo Cardona et colab. (2009), os estereótipos são crenças sobre as características que cada indivíduo deve ter de acordo com o seu grupo de pertença.

Essas características, são mais comumente chamados de papéis sociais. Jacobson (1976, p. 83), cita Linton, que define os papéis sociais como um “conjunto de modelos culturais associados a um estatuto particular. Engloba portanto as atitudes, os valores e o comportamento atribuídos pela sociedade a qualquer pessoa que ocupe esse estatuto.”

Os estereótipos de género podem assumir um papel positivo, assim como negativo. Se por um lado, o estereótipo ajuda o ser humano a adaptar-se na organização da sociedade, por outro, podem ser bastante prejudiciais, na medida em que categoriza aprioristicamente realidades que são partilhadas pela maioria da sociedade.

Segundo Tap (1996), referenciando Durkheim (1922), os estereótipos refletem-se nas ações sociais. Estas poderão refletir-se sob diversas formas, tais como, nas ações, no pensamento e nos sentimentos, que são muitas vezes moldados e impostos pela sociedade envolvente.

No entanto Ferreira (2002), complementa esta ideia, dizendo que apesar de existirem estes estereótipos, o indivíduo é o responsável pela construção da sua identidade de género, tendo em conta os padrões, impostos pela sociedade.

Porém os estereótipos não “decretam” apenas o que o indivíduo deve representar, mas também aquilo que não deve exibir, como por exemplo um homem não deve ser “choramingas” e a mulher não deve ser “agressiva”. No entanto, é socialmente mais bem aceite que a mulher tenha comportamentos ditos masculinos que o inverso.

Segundo um estudo realizado por Amâncio (1994), citado em Cardona et colab. (2009, p. 29), “os estereótipos masculinos mostraram englobar um maior número de características do que os femininos e verificaram mais aspetos positivos do que estes”.

Foi ainda evidenciado, nesse estudo, que as características apontadas como positivas para as mulheres estavam relacionadas com o relacionamento (*afetuosa*,

meiga, sensível), já o homem era valorizado por atitudes (*audacioso, independente, empreendedor*).

A pesquisa de Neto (1997), referenciada em Cardona et colab. (2009, p. 30), no entanto, mostra que, entre os oito e os onze anos, as crianças conhecem mais estereótipos de género relacionados com as mulheres do que com homens.

1.3.1. Estereótipo de género no processo de socialização

Para Buzan (2007) a criança é a “fotocopiadora” perfeita dos gestos, linguagem dos pais, dos irmãos, dos professores e do meio envolvente.

Arribas (2004) crê que as potencialidades da criança não se desenvolvem espontaneamente, são necessárias interações com outros seres humanos para que a criança progrida e se complete.

Dando alguma continuidade a esta ideia, Osterrieth (1975) defende que a família, sendo o primeiro meio de socialização, que a criança conhece, tem um papel fulcral nesse processo. A criança começa por imitar as interações das relações existentes na família, que segundo o mesmo autor, é o primeiro ponto de partida para a socialização.

Assim, a família deve proporcionar à criança vivências variadas, para que se adapte convenientemente à sociedade, só desta forma a criança poderá definir o papel a desempenhar perante os outros e conhecer o seu significado.

Lazard-Levaillant (1977, p. 44) define a família como uma “instituição que liga indiretamente a criança à sociedade, sofrendo o peso das suas leis, tradições e ideologia dominante”.

Ballenato (2008) afirma que a família mais próxima são modelos poderosos, que as crianças seguem, imitando os seus comportamentos, modos de interagir, crenças e valores, entre eles o de género.

É claro que este processo de interações não é desenvolvido de forma isolada, mas sim de acordo com a fase de desenvolvimento da criança, ficando essas interações cada vez mais complexas, conforme defende Arribas et colab. (2004).

Marques (2011) refere que as crianças tendem a imitar os adultos do seu sexo. No entanto, nas últimas décadas, as famílias também têm desempenhado outras funções que não estão, tradicionalmente, vinculadas ao seu género.

Atualmente, ambos os pais têm uma carreira e desempenham as tarefas domésticas, logo, as crianças irão as desempenhar de igual forma, indistintamente,

pois, é assim que eles percebem o ambiente familiar. Os pais, de hoje, contribuem assim para a desconstrução de alguns estereótipos, no entanto, não deixam de perpetuar outros.

Desde cedo que as crianças constroem os papéis socialmente aceites para cada sexo, influenciados pela família ou pela brincadeira. É durante estes tempos livres que muitas vezes as crianças estão sujeitas às mensagens subliminares da televisão e outros meios de comunicação social. Tal como refere Ballenato (2008, p. 223) na maioria dos contos infantis, “a mulher desempenha o papel submisso e frágil, enquanto o homem surge como o herói salvador”.

É entre os três anos e os sete/oito anos que as crianças começam a criar estabilidade quanto ao género a que pertencem. As crianças, para além de conhecerem quais são as características associadas a cada género, também acreditam que são as corretas (Cardona et colab., 2009).

É neste processo que a criança constrói a sua identidade de género, que eles imitam os indivíduos do mesmo grupo de pertença. Segundo Kohlberg (1966) referenciado por Cardona et colab. (2009, p. 24) as crianças apenas começam a imitar esses comportamentos a partir do momento em que estejam consciencializadas do género a que pertencem, até então as crianças desempenham ambos os géneros indefinidamente.

Para Maccoby (1998) é certo que as crianças continuam a aprender os estereótipos, mas é na fase dos cinco aos oito anos que estas apresentam um período mais sexista. No entanto, dos oito aos onze anos, as crianças tendem a ser mais propensas a desempenhar e respeitar os estereótipos. Porém na adolescência, os adolescentes não apresentam um padrão regular no que respeita aos estereótipos “estipulados”.

1.4. Tipificação dos brinquedos/brincadeiras de acordo com o género e preferência de grupos

Segundo Osterrieth (1975) o primeiro contacto que a criança tem com o jogo é ainda em casa, com os pais, sendo muito importante para o desenvolvimento pessoal da criança e a aquisição de aprendizagens.

“O jogo não é de modo nenhum uma <perda de tempo>, (...) é, na realidade, o ponto de origem comum do trabalho, da expressão da sua natureza, de toda a actividade construtiva e regrada, ainda que não pareça à primeira vista, e é também no jogo que emergem, no princípio, a iniciativa, a energia e o autodomínio.”

Paul Osterrieth, 1975:37

Hoje em dia, as crianças são “bombardeadas” pelos *media*. Estes definem à partida quais são os brinquedos destinados às meninas e aos meninos tendo inclusive separadores nas revistas de publicidade, criando a ideia nas crianças que os brinquedos se destinam para “as meninas” ou para “os meninos”.

De acordo com Block (1984), referido por Cardona et colab. (2009), as meninas recebem panelas e tachos, eletrodomésticos, kits de maquilhagem, etc., estes são uma representação do contexto casa. Empiricamente, podemos concluir que as meninas estão a ser “treinadas” para serem boas donas de casa, pois com esses brinquedos elas vão imitar as interações a nível familiar, não havendo assim muita criatividade nas suas brincadeiras. Já os meninos recebem pistas de carros, legos, construções, bolas, transportes em miniatura, etc. o que os liberta de ideias pré-concebidas quanto à finalidade das suas brincadeiras, podendo assim as crianças brincarem despreocupadas, desenvolvendo outras capacidades.

Por sua vez, André (1999), referenciado por Cardona et colab. (2009, p. 11), detetou num catálogo de brinquedos de um hipermercado dois perfis distintos: um que encaminha as crianças para a maternidade, para as tarefas domésticas e a estética do corpo destinado para as meninas e o outro que encaminha para a tecnologia e elementos de violência destinado para os meninos.

Para Urra (2010), é normal que as crianças gostem de brincar com brinquedos, mesmo que não sejam os “destinados” ao seu género, garantindo que a identidade e a orientação sexual em nada fica definida com as brincadeiras que as crianças adotem.

Da mesma forma, o autor ainda defende que a participação das crianças nas tarefas domésticas garantirá uma maior igualdade, devendo os agentes de socialização encorajar as crianças a ter uma participação ativa nelas.

“Não há problema nenhum que os meninos e as meninas brinquem com bonecas, com *cow-boys* ou com carros de bombeiros.”

Javier Urra, 2010:132

Marques (2011), relata, num dos seus capítulos, que os pais, muitas vezes, são os seres mais “castradores” quanto a estes desejos das crianças, tentando a todo o custo dissuadir a criança desse pedido oferecendo-lhes brinquedos estereotipados para o seu género.

Será, no entanto, necessário ressaltar, que tal como refere Cardona et colab. (2009), a rapariga considerada maria-rapaz é melhor aceite pela sociedade que um rapaz a adotar comportamentos, tradicionalmente, associados ao género feminino.

A brincadeira promove:

- “Liderança/obediência”: com algumas brincadeiras as crianças criam relações de assumir o comando ou seguir o comando do líder, normalmente, estes papéis vão rodando ao longo do jogo;
- “Amizade”: é neste tipo de atividades que as crianças encontram os seus pares, que partilham interesses em comum;
- “Relações sociais”: durante a brincadeira as crianças necessitam de chegar a um consenso e entram em negociações, o que o preparará para o mundo real;
- “Vitória/derrota”: é muito importante que a criança saiba lidar com a vitória e a frustração da derrota, com o jogo ela aprenderá a reagir adequadamente;
- “Imitação”: neste processo as crianças podem desenvolver a sua criatividade utilizando os brinquedos disponíveis, mas também aproveitar este momento para imitar a realidade que conhecem.

Tony Buzan, 2007:182

1.5. O papel do Jardim-de-Infância e da Escola na promoção da Igualdade de Género

“Nas sociedades ocidentais actuais, a escola assumiu, juntamente com a família, a forma institucionalizada da maior parte do processo de transmissão de modelos e valores que legitimam as formas de domínio e a justificação da ordem social.”

Ana Monteiro Ferreira, 2002:106

O papel do Jardim-de-Infância e da escola não deve estar “desligado” do papel da família. Estes devem estar em acordo quanto aos valores a transmitir às crianças.

Segundo Arribas et colab. (2004, p. 47) o processo educativo deve ter como meta o equilíbrio e o controle emocional, no entanto, para atingir essa meta é fundamental que a criança viva com um ambiente familiar “sereno, tranquilo, de aceitação incondicional, com afeto sentido e manifestado de maneira adequada”. Os autores referem, ainda, que a escola, sendo outro meio de socialização, é uma influência determinante, a par do papel da família.

O Jardim-de-Infância, sendo a primeira etapa na educação da criança é um meio muito importante para a criação de condições para a promoção da Igualdade de Género, não dispensando, no entanto, o papel da educação formal subsequente neste processo. Tal como referem Cardona et colab. (2009) sendo as instituições escolares palcos de desigualdades sociais, cabe assim à escola a formação de cidadãos e cidadãs ativos que participem na sociedade de forma ativa na construção de uma verdadeira democracia.

A educação tem como objetivos permitir à criança:

- *“Aceitar a sua própria identidade, as características, possibilidades e limitações do próprio corpo;*
- *Valorizar as experiências pessoais como construção da identidade;*
- *Desenvolver a auto-estima, a responsabilidade, o respeito por si e pelas outras pessoas, a coragem, a persistência, a capacidade de superação da adversidade e a afirmação da cidadania em qualquer circunstância;*
- *Ter autonomia quer para o cuidado individual (...), quer para as tarefas de cuidado inerentes à vida familiar (...);*
- *Ter autonomia para o exercício de uma profissão e para o ajustamento aos riscos de conjunturas económicas diversificadas;*
- *Saber como participar socialmente e como assumir responsabilidades, designadamente de liderança, para a construção do bem-estar colectivo tanto a nível local como global;*
- *Saber comunicar no respeito pela igualdade liberdade e pela igual dignidade de todas as pessoas, tendo em conta a pluralidade de pertenças individuais;*
- *Saber comunicar de igual para igual com homens e mulheres;*
- *Saber respeitar a diversidade humana, exercer a liberdade cultural no quadro dos direitos humanos e de uma concepção global e sistémica do mundo em que vivemos;*

- *Saber reconhecer as injustiças e desigualdades a interessar-se activamente pela procura e prática de formas de vida mais justas;*
- *Adquirir critérios de valores relacionados com a coerência, a solidariedade e o compromisso pessoal e social, dentro e fora da escola;*
- *Saber viver em paz, igualdade, justiça e solidariedade, e promover estes valores nas sociedades plurais dos nossos dias.”*

Fórum Educação para a Cidadania, 2008, citado em Cardona et colab., 2009:40

Sabendo, *à priori*, que quando as crianças ingressam no(a) Jardim-de-Infância/Escola são seres individuais, devido às suas experiências individuais, Arribas et colab. (2004) defendem que o educador/professor deve tirar o maior partido dessas diversidades para que sejam feitas aprendizagens significativas através dos pares, dando às crianças um papel importante de forma a confrontarem ideias, formas de agir, linguagens, costumes, valores, etc.

Uma investigação de Rocha (2009), referido em Gomes (2012), revelou que os educadores de infância tendem a estereotipar alguns comportamentos dos pais e das mães, assim como a organização dos espaços didáticos. Tudo isto acaba por ser percebido pelas crianças, o que acaba por lhes transmitir ideias e valores contrários à Igualdade de Género.

Porém, Ferreira (2002) refere que também os manuais ainda possuem mensagens que transmitem os modelos dos papéis sociais, conforme o sexo de pertença e ainda hierarquizando-os.

Arribas et colab. (2004, p. 48) referem que a escola favorece uma educação desigual, que no caso da meninas “favorece a vivência afetiva, valoriza-a positivamente e não “penaliza” de maneira excessiva a sua manifestação”. Mesmo cenário já não acontece com os meninos, em que a “vivência afetiva não é valorizada positivamente e a manifestação emocional é controlada de forma prematura e intensa: “meninos não choram””.

Woolfolk (2000, p. 163) também corrobora desta ideia, defendendo que “as escolas frequentemente favorecem essas tendências de género de inúmeras formas”, tais como, os manuais adotados que por diversas ocasiões são ilustrados com imagens de indivíduos a desempenharem papéis estereotipados, as próprias concepções dos professores, também elas estereotipadas podem influenciar para uma

educação desigual, segundo a mesmos educadores/professores tendem a interagir mais com as crianças do sexo masculino.

Perante esta educação desigual, certamente, que serão educadas crianças que interiorizarão os estereótipos, passando posteriormente a assumi-los, tal como defendem Pernas e Iglesias (2010).

Saavedra (2001, p. 68) refere que nas escolas as crianças são, também, indiciadas pelos estereótipos a escolher as disciplinas “preferidas” por acreditarem na sua melhor aptidão para elas. Pois, devido aos estereótipos já apreendidos, estas acreditam que “os atributos geralmente associados ao género feminino, de intuição, emocionalidade, subjectividade, expressividade e sensibilidade, estão associados às línguas, às humanidades e às artes. Os supostos traços masculinos, de racionalidade, objetividade, frieza e impessoalidade, encontram-se associados às ciências e matemática”.

Dando continuidade a esta ideia e, segundo estudos realizados por Sadker & Sadker (1985), citado em Woolfolk (2000, p. 165), defendem que “pais e professores frequentemente não protestam absolutamente quando uma aluna brilhante diz que não quer nunca mais ter aulas de matemática ou ciências, mas quando um menino da mesma capacidade quer o mesmo, eles desaprovarão”.

CAPÍTULO III - INVESTIGAÇÃO EM CONTEXTO EDUCATIVO

“Todos os educadores, qualquer que seja o grau de ensino que exerçam, deveriam sentir-se implicados nas investigações que digam respeito ao seu campo de atividade e deveriam poder participar, isto é, pertencer à equipa de investigação. isto pressupõe uma iniciação prévia em certas formas de investigação para poderem desempenhar correctamente o seu papel no seio da equipa”

Mialaret, G., n/d citado por Estrela, A., 1994:26

Introdução

No início deste capítulo será dada uma breve justificação da relevância e da motivação para a realização deste estudo.

Em seguida, será apresentada a metodologia utilizada, os objetivos do estudo bem como os contextos da sua realização. Caracterizamos os participantes, identificamos as técnicas utilizadas na recolha de dados, justificando a opção da utilização de cada método.

Por fim, farei um breve menção aos princípios éticos que, enquanto investigadora, adotei no decurso do presente estudo.

1. Justificação do estudo

Tal como refere Estrela (1994) é importante que o plano da formação dos professores inclua a investigação, contribuindo para a construção de uma “*atitude experimental*”. Por sua vez, Pacheco (1995) refere que é através da investigação que os professores refletem e problematizam o processo de ensino-aprendizagem e é após este processo que surgem ideias e métodos inovadores para que seja possível melhorar o ensino.

Bogdan e Biklen (1994) referem que a maioria dos investigadores e académicos desenvolvem estudos em temáticas pelas quais nutrem interesses.

“A investigação sobre o ensino-aprendizagem será educativa na medida em que se possa relacionar com a prática da educação e não se reconheça como uma actividade menor e desprestigiante quando comparada com outras investigações.”

José Augusto Pacheco, 1995:9

Gimeno (1985), referenciado por Pacheco (1995), defende que os professores devem ter uma participação ativa na investigação para que a qualidade de ensino seja melhorada e os processos de ensino sejam compreendidos. Também Oliveira-Formosinho (2008) defende esta ideia, adiantando que o professor deve dar resposta aos “problemas concretos, situados, locais, longe do frenesim normativo e da retórica nominalista _ formular as questões a estudar, elaborar os objetivos a prosseguir e as

metodologias para os abordar e monitorizar, definir formatos para avaliar os resultados” (prefácio em Máximo-Esteves, 2008).

Oliveira-Formosinho (prefácio em Máximo-Esteves, 2008) explica que atualmente na formação de professores, os docentes deixaram de ser um objeto de investigação para serem o próprio sujeito de investigação. Neste sentido passa a ser o próprio a formular as questões sobre um determinado problema.

Considerando que o mestrado habilita para duas vertentes em Educação: Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, achei importante realizar um estudo que abordasse os dois níveis de ensino.

A escolha da temática a investigar aconteceu depois de ter visto algumas apresentações de relatórios de estágio das minhas anteriores colegas. Foi numa dessas apresentações que consciencializei que, muitas vezes, a atitude do educador de infância reflete representações convencionais sobre o género, sendo esse um dos fatores que ajuda a perpetuar representações sociais estereotipadas sobre a temática *Igualdade de Género* nas crianças.

“(...) a finalidade da investigação é ficarmos a saber mais acerca do mundo para podermos torná-lo num lugar melhor.”

M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:9

Neste sentido, o meu estudo recai sobre a temática da *Igualdade de Género*, tendo em conta a atividade da educadora e professora, assim como as famílias, que também são um meio de socialização.

Tal como refere Oliveira-Formosinho (prefácio em Máximo-Esteves, 2008, p. 11), “a investigação forma, transforma e informa”, com isto ele quer explicar as finalidades de um trabalho como este, pois, numa investigação qualitativa pretende-se que o investigador vá para o terreno, que experimente diversas práticas e que “descubra” qual a melhor para aquele contexto, podendo desta forma conhecer quais as melhores práticas a adotar no contexto.

2. Metodologia

2.1. Investigação-ação na investigação qualitativa

“A investigação em Pedagogia tem por objetivo promover a educação ajudando-a na realização do seu fim, que é o desenvolvimento holístico da pessoa.”

Alberto B. Sousa, 2005:29

No presente relatório de estágio, a investigação caracteriza-se por ser de carácter qualitativo.

Curtis e Mays (1978), referenciados por Sousa (2005, p.31), descrevem a investigação qualitativa com as seguintes características:

- *A fonte directa dos dados é o ambiente natural, constituindo o investigador (com o seu pensar e objectividade) o instrumento principal;*
- *Interessa mais a descrição e a compreensão dos fenómenos do que a sua natureza;*
- *O significado e o sentido é mais relevante do que os resultados em si.*

Uma das maiores dificuldades na clarificação metodológica desta investigação, foi identificar se se tratava de uma investigação-ação ou de um estudo de caso. Depois de ter feito algumas leituras, pude concluir que este estudo apresenta características de ambas as investigações, acabando por considerar que, tendo em conta os seus objetivos e estratégias, se identificaria mais com o que os autores consultados consideram investigação-ação. Tenho consciência dos limites, nomeadamente temporais do estudo, mas considerando que a intervenção pretendeu alterar representações, ou seja, introduzir alguma mudança nos contextos de estudo, optei pela caracterização metodológica de investigação-ação.

Todo o trabalho de investigação, tal como refere Pacheco (1995), tem limitações e potencialidades. Essas limitações muitas vezes prendem-se com a impossibilidade de generalizar os resultados a outra amostra e o facto de ter apenas recorrido à utilização de técnicas qualitativas.

“O que o professor faz na sala de aula vê-se condicionado, orientado pelo que o professor pensa, sente, sabe, etc..”

José Augusto Pacheco, 1995:58

Muitos autores não consideram a investigação-ação, realizada pelos professores, simultaneamente atores e investigadores da sua prática, como um trabalho científico.

Por outro lado, tal como refere Máximo-Esteves (2008), outros investigadores valorizam esta nova forma de investigação, pois, consideram que a investigação tradicional é incapaz de apresentar soluções para os problemas sociais específicos e a investigação-ação procura resposta para as necessidades em situações práticas.

Por sua vez, uma investigação-ação, segundo Máximo-Esteves (2008), caracteriza-se por ser um processo dinâmico e interativo, que pode sofrer vários reajustes, tendo em conta o seu desenvolvimento, tal como teve de acontecer com este estudo.

Máximo-Esteves (2008) ainda refere que a investigação-ação pode ter algumas semelhanças como o *self-study research*, pois a investigação “é pessoal, subjectiva, orientada para a prática, de natureza qualitativa e, geralmente, comunicada criativamente através de um formato narrativo pouco formal” (p.47). De acordo com esta perspetiva, o objetivo deste tipo de estudos não é a objetividade mas sim que o professor reflita nas suas práticas por forma a mudar algumas “práticas culturais de que se é portador, por terem sido assimiladas espontaneamente ao longo da vida e que orientam a acção de um modo inconsciente, afastando a acção das práticas educativas ideais” (p.46).

Já Elliot (1978), referenciado por Ketele e Roegiers (1999), defende que a investigação-ação assenta na observação e caracterização das relações humanas (situações que podem ser fenómenos efémeros a que o investigador deve dar uma resposta); tem como objetivo que o professor compreenda o problema, tendo em vista uma resposta; a investigação depende das interpretações dos seus intervenientes; a linguagem utilizada neste tipo de investigação é de uso corrente, em detrimento da linguagem técnica; é examinado a partir do ponto de vista dos participantes e, por fim, os participantes devem ter acesso a informações para que compreendam o problema em causa.

Hodgkinson (1957), referenciado por Sousa (2005, p.98), refere que a investigação-ação se caracteriza por ser:

- *Um meio de remediar problemas diagnosticados em situações específicas, ou de procurar algumas vias para a sua resolução;*

- *Um meio de formação em serviço dos professores, levando-os a procurar novas metodologias e técnicas, desenvolvendo as suas capacidades analíticas e levando-os a situarem-se numa filosofia educacional progressivista;*
- *Um meio de promover a constante reformulação e inovação, num sistema perenista e magistercentrista que geralmente inibe e coarctava inovações e modificações;*
- *Um meio que leva o professor a ser o investigador da ciência pedagógica que baseia a sua profissão como docente;*
- *Um meio que, apesar de falhar um pouco em relação à sua validade científica e à possibilidade de generalização, proporciona uma alternativa que une os professores e alunos num mesmo projecto, oferecendo-se por isso como extremamente motivacional.*

“Podemos definir a investigação-acção como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da acção que nela decorre.”

Citado em Máximo-Esteves, 2008:18

Sintetizando, a investigação-ação é um método de investigação que permite melhorar a prática, a partir do conhecimento gerado pela pesquisa e que leva o professor a questionar as suas práticas, tal como refere Silveiro (2012), referenciando Latorre (2003). A par desta ideia Máximo-Esteves (2008, p. 18), referenciando Altrichter et al. (1996) completa dizendo que a investigação-ação “tem como finalidade apoiar os professores e os grupos de professores para lidarem com os desafios e os problemas da prática e para adoptarem as inovações de forma refletida. Os professores não só contribuem para melhorar o trabalho nas suas escolas, mas também ampliam o seu conhecimento e a sua competência profissional através da investigação que efectuam”.

A investigação-ação adequa-se a qualquer situação, em que “seja requerido um conhecimento específico para um problema específico numa situação específica, ou sempre que se queira aplicar uma nova abordagem a um sistema existente” (Cohen e Manion, 1989, citados por Bell, 1997, p.23).

Bell (1997) ainda defende que a investigação-ação não se trata de um método ou técnica, mas sim de uma abordagem prática do problema, para que sejam solucionados alguns problemas, tal como completa Fortin (1999), citado por Gomes (2012, p. 55), a investigação-ação “possibilita a produção de um estudo compreensivo e interpretativo da prática educativa”.

No entanto, Ketele e Roegiers (1999) ressaltam que a investigação-ação ainda não é bem aceite por todos os investigadores, pois, tal como os autores referem a investigação-ação pode induzir resultados, pela nossa prática, que não foram recolhidos de uma forma, totalmente, neutra, podendo o investigador ter transmitido as suas ideias.

3. Problema e objetivos do estudo

Máximo-Esteves (2008) refere que toda a investigação-ação deve partir de propósitos, sendo eles selecionados pelo investigador.

Neste sentido o meu propósito foi indagar se, atualmente, nas turmas onde realizei a minha prática supervisionada, é implementada uma ação pedagógica que promove uma educação com valores que assentem na Igualdade de Género.

A já referida autora apresenta outra etapa que devemos seguir, onde devemos selecionar os tópicos a serem investigados. Neste sentido, procurei identificar as conceções que as crianças têm sobre a temática em análise, as práticas educativas por parte da educadora/professora, bem como as adotadas pelos pais em contexto familiar. Pretendi, ainda, refletir sobre as minhas próprias conceções e práticas.

No entanto, Pacheco (1995) refere que toda a investigação deve surgir a partir de questões-problema. Máximo-Esteves (2008) propõe outra designação para esta etapa, denominando-a de questões de investigação e refere que estas devem estar bem articuladas com os tópicos e devem já prever alguns percursos de análise. Neste tópico acabei por inserir o que a autora designa de cenários e contextos e nele pretendi trabalhar as conceções das crianças, mas também analisar a intervenção da educadora/professora e dos pais das crianças da amostra.

Seguidamente, serão apresentados os objetivos específicos a trabalhar no âmbito deste trabalho, bem como as questões-problema que orientaram a nossa pesquisa.

Questões-problemas:

- A intervenção pedagógica do educador/professor promove a *Igualdade de Género*?
- Os pais estão sensíveis à temática?

Objetivos:

- Identificar as concepções das crianças face à temática;
- Identificar as concepções dos pais face à temática;
- Identificar as concepções do educador/professor face à temática;
- Sensibilizar as crianças para a *Igualdade de Género* através da implementação de algumas atividades no âmbito da temática.

4. Contextualização do contexto do estudo

“O contexto das crianças constitui a realidade de forma dinâmica e dualista, modelando as oportunidades e as expectativas para interações experimentadas pela criança.”

M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:102

Este ponto já foi apresentado no capítulo 1, onde estão caracterizados, em pormenor, os contextos a estudar. Neste sentido, faremos apenas então uma breve apresentação dos dois contextos e dos seus intervenientes.

4.1. Educação Pré-Escolar

O grupo de crianças deste nível de ensino é composto por dezassete crianças, onze do sexo feminino e seis do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos.

Numa apreciação global, o grupo não apresenta dificuldades cognitivas relevantes, apesar das necessidades educativas especiais referenciadas e das dificuldades individuais, sendo um grupo bastante ativo e dinâmico no desenvolvimento das atividades propostas.

A faixa etária dos encarregados de educação das crianças de Educação Pré-Escolar está compreendida entre os 31 e 40 anos.

O nível de escolaridade dos pais é bastante díspar de criança para criança. Havendo pais com licenciatura e outros apenas com o 9º ano de escolaridade. Considerando que, em geral, apenas os pais que apresentam um nível académico

superior responderam aos inquéritos efetuados, não podemos comparar, de forma objetiva, estas duas realidades.

A educadora é uma pessoa extremamente ativa com as crianças, promovendo o envolvimento das crianças nas atividades e estimulando o interesse nas diferentes áreas curriculares. Por outro lado, dá muita importância às necessidades individuais de cada criança (neste campo refiro a necessidades diversas, muitas vezes afetivas, que as crianças deste contexto vão apresentando).

4.2. 1º Ciclo do Ensino Básico

A turma é composta por vinte e dois alunos, treze rapazes e nove raparigas, todos eles com nove anos de idade e a frequentar o 4º ano de escolaridade.

A turma, em geral, caracteriza-se por ser uma turma com grandes capacidades, unida e com grande sentido de responsabilidade no desenvolvimento das suas aprendizagens, mostrando-se como um grupo interessado e curioso relativamente a temáticas muito diversas.

Os encarregados de educação, de uma forma geral, são licenciados, havendo outro grande grupo que concluiu o 12º ano de escolaridade, sendo que estes dois grupos representam 90% da população. Estes pais caracterizam-se por estarem constantemente interessados com o percurso escolar das crianças, talvez também pelo facto do 4º ano ser exigente em relação às aprendizagens formais e ser um ano de transição para um novo ciclo escolar. Estes pais, em média têm 35 anos, sendo que os pais apresentam idades superiores às das mães. Os pais, na sua maioria, estão na faixa etária dos 38-44 anos e as mães nos 32-38 anos.

A professora titular de turma é uma pessoa que apresenta interesses e conhecimentos diversificados, tendo a preocupação de estimular a curiosidade e competências de pesquisa nas crianças. Pessoalmente, considero que a professora, é carinhosa com as suas crianças, não esquecendo nunca o dever de lhes promover um ensino de qualidade, mostrando muita preocupação em formar cidadãos competentes, críticos e preocupados com o meio em que se inserem.

5. Técnicas utilizadas na Investigação Qualitativa

No início da investigação, tal como refere Máximo-Esteves (2008, p. 84-86), é necessário que o investigador assuma algumas atitudes, tais como: focar-se no problema, tornar o familiar estranho, utilizar um diário, dar tempo ao tempo e ser realista.

Esta fase, tal como refere a autora, é um momento em que se pretende iniciar a investigação, delineada anteriormente. Neste sentido todas as ideias ainda estão confusas, devendo o investigador focar-se na sua sala e seleccionar algumas relações de todo um conjunto do que acontece no contexto. Seguidamente, é necessário e o que mais custa, pessoalmente, é refletir sobre as práticas e as ideias pré-concebidas que cada indivíduo tem e que acaba por passar numa sala de aula às crianças, e, simultaneamente, a estes processos ir anotando os acontecimentos, as dúvidas e as subjetividades vivenciadas, num género de diário que pode ter vários suportes. No meu caso, sempre usei apontamentos sobre tudo o que se passava na sala até para me ajudar nas reflexões semanais.

Tal como refere a autora, todos estes processos podem sofrer alterações a qualquer momento, dependendo do desenrolar de ações com o grupo em causa, pois, nunca podemos prever todas as condicionantes. Por último, será necessário sermos realistas, pois é impensável, com este trabalho, de tão curta duração, mudar as concepções das crianças face à temática em análise. No meu caso, foi-me possível perceber quais as suas concepções, verificar o trabalho desenvolvido pelas cooperantes e, então, refletir numa forma de, eu, enquanto educadora/professora futuramente promover uma educação para a Igualdade de Género, tal como poderemos ver nos capítulos seguintes em que apresentarei os resultados e refletirei sobre a minha prática/concepções.

Para que este trabalho fosse exequível, utilizei algumas técnicas de recolha de dados, Bruyne et al. (1975), citado por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994), apresentam as três grandes técnicas que se usam numa investigação qualitativa para a recolha de dados, sendo elas: o inquérito (quer por questionário, quer por entrevista), a observação (direta ou participante) e a análise documental.

Sendo que utilizei estas técnicas na recolha dos meus dados durante os contextos, seguidamente, serão apresentadas, como as utilizei e a razão de ter usado essa técnica e não outra.

5.1. Notas de campo

“Observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientada por um objectivo final ou organizador e dirigido a um objecto para recolher informações sobre ele.”

Jean-Marie de Ketele, 1980:27

A partir da observação direta nos dois contextos, recolhi algumas notas das interações que ocorreram durante os períodos em que estive presente. Tal como defendem Graue e Walsh (2003, p. 94) os dados devem surgir a partir “das interações do investigador num contexto local, através das relações com os participantes e de interpretações do que é importante para as questões de interesse”.

Adler e Adler (1994), referenciados por Aires (2011), também defendem que a observação qualitativa se caracteriza por ser naturalista. É feita no contexto através das interações dos intervenientes da investigação e é realizada de forma não evasiva, ou seja, é feita a partir das rotinas, do quotidiano.

Tal como defendem Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994) o investigador deve compreender as relações existentes do interior e, assim, a sua participação está ao serviço da observação e não o inverso, ou seja, a partir das suas interações pode recolher dados, conduzindo essas mesmas interações.

Quivy e Campenhoudt (1994) referem também que é essencial que, durante esta observação participante, o investigador não perturbe o normal funcionamento do grupo a ser estudado.

Máximo-Esteves (2008) refere que esta forma de recolha de dados deve ser a primeira fonte, no meu caso, utilizei esta fonte durante todo o processo, dando maior ênfase no início, quando ainda me estava a ambientar ao contexto, no entanto também retirei algumas notas a partir de alguns esclarecimentos relativamente às atividades desenvolvidas com as crianças.

Não me interessei só em recolher dados. Interessei-me, sobretudo, que as crianças justificassem as suas ideias/valores, sem julgar os mesmos, pois, os já referidos autores referem que “a chave para criar dados valiosos é ligá-los de forma interpretativa a públicos-alvo relevantes que possam entender o significado desses dados” (Graue e Walsh, 2003, p. 94).

5.2. Inquéritos por questionário

Os inquéritos são elaborados com o objetivo de obter informações pertinentes face ao estudo realizado, de forma a poder ser feita uma análise e ser possível tecer comparações, tal como defende Bell (1997).

No entanto, a mesma autora defende que na maioria dos casos, o inquérito é apenas feito para uma pequena amostra representativa. No meu estudo distribuí os inquéritos (Anexos 1 e 2) a todos os pais (de Educação Pré-Escolar e de 1º Ciclo do Ensino Básico) e a todas as crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico (Anexo 3).

Nesses inquéritos pretendi saber as opiniões dos pais face à temática da Igualdade de Género, mediante as questões, previamente formuladas (Quivy e Campenhoudt, 2005).

5.3. Inquéritos por entrevistas semiestruturadas

“a técnica da entrevista é (...) *necessária* quando se trata de recolher dados válidos sobre as crenças, as opiniões e as ideias dos sujeitos observados.”

Werner e Schoepfle (1987) citados por Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyette, Gérald Boutin, 1994:160

Walker (1989), citado por Pacheco (1995, p. 88), define as entrevistas como “mecanismos de recolha de dados que pretendem obter respostas a perguntas que foram cuidadosamente normalizadas e que supõem a mínima intervenção possível: trata-se de ir peneirando a superfície da consciência do sujeito em busca de um conjunto de afirmações, opiniões e atitudes”.

Já Werner e Schoepfle (1987), referenciado por Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (1994), afirmam que a entrevista é uma forma do observador confrontar, o observado, sobre o “significado” que dá à sua prática.

No entanto, Rodrigues (2002), referenciando Blanchet (1985), vai mais longe, ao dizer que a entrevista pode servir para que o entrevistado reflita e possa fazer uma avaliação sobre a sua prática.

Ambas as entrevistas (educadora/professora) foram feitas num espaço reservado, onde eu e a minha colega de estágio nos colocámos no papel de entrevistadoras. Optei por uma entrevista semiestruturada, pois, foi uma intervenção mútua, que ocorreu numa única sessão, tendo o entrevistador um guião base (Anexo 4 e 5) para colocar as questões, não fugindo assim muito do assunto, mas podendo, sempre que necessário, alterar o guião para clarificar alguns pontos que pudessem não ser esclarecidos pelo entrevistado na sua resposta. Máximo-Esteves (2008) ainda refere que esta forma de entrevista dá oportunidade ao entrevistado de dizer o que sabe e o que pensa sobre a questão, estando a cargo do entrevistador guiar a entrevista da forma mais conveniente.

“As crianças sabem mais do que elas próprias sabem que sabem.”

M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:139

No contexto do Jardim-de-Infância, realizei entrevistas (Anexo 6) com as crianças, pela única razão que estas, ainda, não sabem ler e escrever.

As entrevistas com crianças não são fáceis de realizar. A entrevista típica onde o investigador se senta com o entrevistado numa cadeira não é recomendada, visto que esta forma de interação não é usual com crianças (Graue e Walsh, 2003), Máximo-Esteves (2008), citando Graue e Walsh (1998), recomenda que o entrevistador escolha qual o melhor momento para que seja realizada a entrevista, que tenha um papel muito ativo durante toda a entrevista, que integre pelo menos duas crianças, que seja uma pessoa capaz de dialogar abertamente com as crianças, colocando-lhes, maioritariamente, questões hipotéticas ou na terceira pessoa. É, também, recomendado que sejam utilizados alguns objetos de apoio. No entanto, na minha entrevista não seria útil a sua utilização, pois, as minhas questões eram todas sobre quais as preferências das crianças.

Apoiando-me em Pacheco (1995), procurei não limitar as respostas dos entrevistados. Este processo não foi fácil aquando das entrevistas às crianças de Educação Pré-Escolar, que por diversas vezes tentaram “fugir” ao tema, devido à sala onde foi realizada, que era a única disponível, onde poderíamos ter algum tipo de privacidade, mas que por essa altura albergava uma exposição de brinquedos antigos.

6. Procedimentos éticos

“temos a responsabilidade de sermos éticos no nosso relacionamento com elas. Devemos fazer o nosso melhor para garantir que não haja qualquer dano provocado pelas nossas interações com elas. (...) Algumas pessoas têm sugerido que a investigação sobre crianças é feita mais por causa dos nossos <eus> académicos do que por causa daqueles com quem trabalhamos.”

M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:104

Este trabalho terá muito a ver com os nossos “eus”, pois, somos confrontados com a necessidade de realizar um estudo para a obtenção do grau de mestre. No entanto, deve estar sempre presente na nossa mente, enquanto “educadores/professores”, que será necessário, com a nossa intervenção, que as crianças aprendam alguns conceitos.

“Nada pode ser mais devastador para um profissional do que ser acusado de uma prática pouco ética.”

Robert Bogdan e Sari Biklen, 1994:75

Foi neste sentido que, muitas vezes, fui “obrigada” a deixar para trás a minha investigação, em benefício das aprendizagens das crianças, pois Bogdan e Biklen (1994, p.75) defendem que qualquer investigação deve ter em atenção que “os sujeitos não são expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir”, e tratando-se de uma turma de 4º ano, acredito que foi para benefício deles, pois, eles teriam que realizar exames nacionais.

Sousa (2005) declara que é de extrema importância que o investigador seja delicado, gentil, que apresente boas maneiras e tenha atitudes de respeito para com todos os intervenientes da investigação e, ainda, ressalva a importância de todos estarem a par do que se trata a investigação, quais os objetivos e estratégias. Foi neste sentido que os pais foram informados, pessoalmente, sobre o que tratava a investigação e lhes foi distribuído um pedido de autorização (Anexo 7 e 8) para a realização da mesma. Da mesma forma, as crianças sempre que estavam envolvidas numa atividade para a investigação foram disso informados.

7. Procedimentos de recolha e análise de dados

Para a realização do presente estudo em causa, realizei um calendário (Anexo 9), que fui ajustando conforme as necessidades e o desenrolar do processo.

A pesquisa desenrolou-se nos dois contextos e níveis onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada, de acordo com o que tinha sido previamente definido com a minha orientadora. Iniciei o processo de recolha de dados mesmo antes do Projeto de Relatório de Estágio ter sido formalmente aprovado, caso contrário, teria que prolongar a recolha de dados no contexto de Jardim-de-Infância para o segundo semestre do segundo ano do mestrado, numa altura em que já estaria a realizar o estágio no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Assim, o meu estágio em Educação Pré-Escolar iniciou-se em março de 2013, tendo terminado em junho do mesmo ano. Tal como referi, depois de conversar sobre a minha ideia com a orientadora e de ter o aval da educadora, iniciei a recolha de dados no grupo de Jardim-de-Infância, estando em anexo um cronograma, que possibilita uma melhor visualização do período de tempo e qual o trabalho desenvolvido nesse tempo.

Inicialmente, comecei por recolher dados relativamente à Instituição e ao grupo de crianças.

Posteriormente, e depois de estar minimamente familiarizada com o grupo, implementei atividades que tiveram como objetivo promover a construção de conceções sobre a Igualdade de Género, tendo procedido à recolha de notas de campo relativamente à atividade e aos resultados obtidos. Durante o mesmo período de tempo enviei os inquéritos aos pais.

Também, a meio do período de estágio, foi realizada a entrevista à educadora. Só as entrevistas das crianças foram realizadas já no final do período de estágio, pois foi um momento que temi por não ter experiência na realização de entrevistas e, também, por ser uma atividade que as crianças nunca tinham vivenciado.

Durante o interregno das aulas (de junho de 2013 a outubro do mesmo ano), aproveitei esse tempo para tratar alguns dados por mim recolhidos no Jardim-de-Infância.

É de salientar que, ao longo de todo o processo de construção e desenvolvimento do estudo, realizei pesquisa documental sobre a temática em análise, de forma a clarificar e aprofundar conceitos e conhecer outros estudos relacionados com a área de estudo.

Os mesmos procedimentos foram adotados na recolha de dados no contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Após todo o processo de recolha de dados, foi iniciada a redação do trabalho escrito.

No capítulo que se segue serão apresentados os dados recolhidos e a sua posterior análise.

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

“O conjunto do material compilado no campo não é, em si mesmo, um conjunto de dados, mas é sim, uma fonte de dados. As notas de trabalhos, as gravações em vídeo e os documentos respeitantes ao local de estudo não são dados. Mesmo as transcrições das entrevistas não o são. Tudo constitui material documental a partir do qual os dados serão constituídos graças aos meios formais que a análise proporciona”

Frederick Erikson (1986) citado por Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyette, Gérald Boutin, 1994:107

Introdução

No presente capítulo serão apresentadas as atividades que implementámos com as crianças no âmbito da PSEPE e PS1CEB, tal como as ilações a que chegámos, no âmbito do tema Igualdade de Género, em que pretendemos conhecer as concepções das crianças, assim como dos adultos que mais lidam com elas.

É, também, neste capítulo, que reunimos os dados dos questionários aos pais, as entrevistas às crianças de Jardim-de-Infância e dos questionários às crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico, assim como as entrevistas à educadora e à professora.

Para uma melhor compreensão, começo por veicular os dados recolhidos na Educação Pré-Escolar, analisando-os posteriormente; em seguida, estão os dados do 1º Ciclo do Ensino Básico e seu tratamento. Por fim, é feita uma análise integrada sobre os dados obtidos nos dois contextos educativos.

1. Apresentação e análise dos dados

1.1. Atividades desenvolvidas no contexto da Educação Pré-Escolar

a) Atividade “As profissões”

No âmbito da minha primeira semana individual de estágio, em que o tema a tratar seria “As profissões”, foram desenvolvidas algumas atividades para a abordagem deste tema.

Neste sentido, comecei por apresentar o tema às crianças, aquando da conversa na manta em que os questioneei sobre as profissões dos pais e dando a sequência à conversa, li-lhes a história “Panda – As profissões”.

Posteriormente, apresentei algumas profissões como modelo e falámos sobre elas, nomeadamente sobre as suas funções, o seu local de trabalho, etc. em seguida, realizámos alguns jogos com a designação dessas profissões, no género masculino/feminino, fazendo a divisão de sílabas, em que as crianças iam batendo as palmas enquanto proferiam os nomes.

Só depois desta abordagem pedi às crianças que realizassem um desenho da sua futura profissão que gostariam de exercer enquanto adultos, no cantinho “do trabalho”.

De seguida, podemos analisar o guião da atividade que realizei com as crianças:

Guião da atividade “As profissões”

Tema: Estereótipos de género.

Objetivos: Analisar o modo como os papéis sociais tradicionalmente atribuídos a mulheres e a homens estão presentes nas nossas perceções individuais.

Idade preferencial: 4/5 anos

Nº de participantes: 15 crianças

Duração: aprox. 30 min.

Materiais:

- Folhas A4 (com o título “ Quando eu for grande quero ser... _____”);
- Diversos materiais de escrita;
- Cartões com algumas profissões;
- Porte de sapatos onde estão alguns acessórios característicos das profissões abordadas.

Implementação passo-a-passo:

1. Conversa com os alunos sobre quais são as profissões dos pais;
2. Leitura de uma história “Panda – As profissões”;
3. Apresentação de algumas profissões como forma de exemplo (Anexo 10);
4. Realização de alguns jogos (transformar as profissões em masculino/feminino, dividir em sílabas, etc.);
5. Desenho da previsão da futuraprofissão (Anexo 11);
6. Apresentação de um porta-sapatos para as crianças brincarem ao faz-de-conta com os diversos acessórios.

Análise da atividade:

Esta análise tem como base as notas de campo decorrentes da observação participante e co construídas entre mim e o par pedagógico.

Na conversa da manta cada criança apresentou as profissões dos pais com alguma clareza, sabiam bem as tarefas que os pais realizam, porém, algumas não sabiam a designação dessa mesma profissão.

Aquando na apresentação dos cartões representativos das profissões, nenhuma criança achou nada de estranho ao, por exemplo, haver um cozinheiro, também por já ser uma profissão executada pelo sexo masculino (Anexo 10).

No entanto, quando as crianças realizaram os desenhos individuais, a maioria cingiu-se às profissões apresentadas, anteriormente, tal como podemos verificar nos resultados, pois, as únicas crianças que não



Fig. 15 - Professora

escolheram profissões abordadas anteriormente foi uma menina que não esteve presente nesse dia e realizou o seu desenho posteriormente, tendo escolhido como profissão o ser professora, tal como uma menina cuja língua materna não é o português e, ainda, encontra dificuldades ao descodificar a mensagem quando a atividade é para o grande grupo.

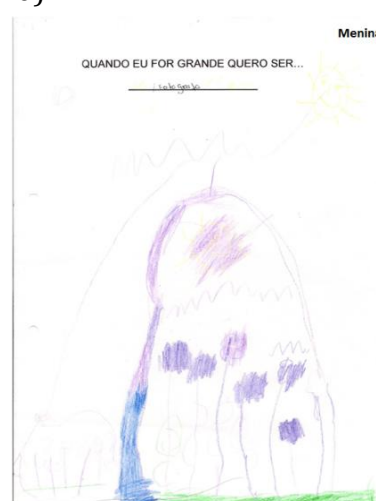


Fig. 14 - Fotografia

No entanto, as restantes crianças que realizaram o desenho, nesse dia, escolheram profissões, tradicionalmente, associadas ao seu género.

Abaixo, apresento um gráfico representativo das profissões escolhidas pelas meninas (nove) e pelos meninos (cinco):

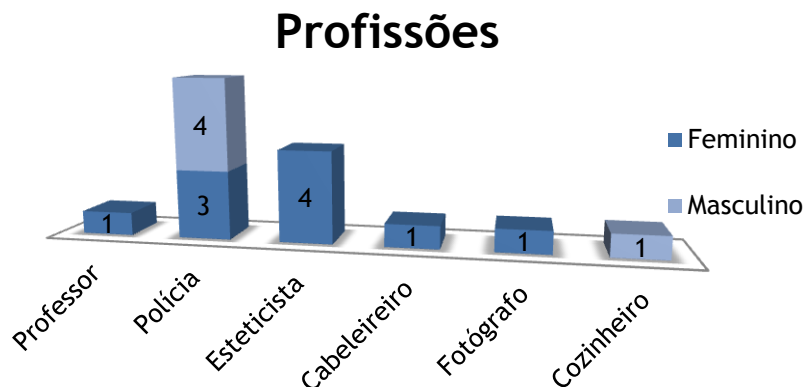


Gráfico 4 - Profissões escolhidas pelas crianças de Educação Pré-Escolar

Tal como podemos verificar, a partir do gráfico, só as meninas escolheram ter como profissão professora, esteticista, cabeleireira e fotógrafa, sendo que as três primeiras são profissões, tradicionalmente, consideradas femininas.

Três meninas, ainda, escolheram seguir a profissão polícia, um grande número até, visto ser uma profissão desempenhada, maioritariamente, pelo sexo masculino.

Os meninos escolheram, na sua maioria, ter como profissão ser polícia, havendo apenas um menino que escolheu ser cozinheiro.

As particularidades (as meninas que preferem ser polícia e o menino cozinheiro), são já profissões aceites pela sociedade como uma profissão que possa ser desempenhada pelos dois géneros.

b) Atividade “Contos de feiticeiros”

Quase no final do estágio, realizei outra atividade com as crianças. Nesta semana pretendíamos explorar a área da fantasia, pois, as crianças não brincavam nela. Assim, e em conjunto com a educadora e o meu par pedagógico, procurámos levar as crianças a ter algum interesse nela.

A nossa sala de intervenção pedagógica, primeiramente, não tinha a área da fantasia. Esta foi “criada” depois da nossa chegada e com a nossa cooperação. No



Fig. 16 - Cozinheiro

entanto, e como a instituição não possuía meios financeiros para a compra de fatos, este projeto foi sendo desenvolvido ao longo do estágio de uma forma integrada por nós duas (estagiárias).

Numa primeira fase, foi solicitado, às crianças, que trouxessem para a sala os seus fatos de carnaval. Ainda nesta fase, deixámos que as crianças explorassem este novo espaço.

Posteriormente, as crianças participaram em jogos sócio dramáticos utilizando os mesmos adereços, considerando que esta é “uma atividade educativa que, ao mesmo tempo, proporciona o mais amplo estímulo no desenvolvimento de factores afectivos, cognitivos, sociais e motores da personalidade da criança” (Sousa, 1989, p. 19)

Nos primeiros tempos, as crianças caracterizaram-se com os fatos e alguns adornos. Apesar de ter tentado promover a utilização do cantinho da fantasia, percebemos que, progressivamente, as crianças deixaram de o “frequentar”. Nesse sentido, decidimos organizar a atividade que a seguir descrevemos com o objetivo de fomentar a fantasia à volta de uma subversão da história “O Gato Borracheiro”.

Assim, tal como já foi referido anteriormente, procurámos levar as crianças a frequentar, de novo, este espaço. Assim, procurei dirigir uma atividade para abordar o cantinho da fantasia interligando essa mesma atividade com o tema a desenvolver no âmbito deste relatório de estágio.

Posto isto, foi apresentada, à orientadora, a minha ideia para desenvolver esta atividade, a qual achou que seria uma atividade interessante e exequível para a faixa etária, tal como a educadora.

Tendo em vista uma atividade que permitisse uma consciencialização sobre os papéis “feminino” e “masculino”, decidimos contar uma história que eles conhecessem, alterando os personagens femininos por masculinos e vice-versa.

Verificou-se, no entanto, uma resistência por parte das crianças em aceitar essa “subversão”, assumindo os papéis que já tinham interiorizado.

Assim antes de ler “A Cinderela”, e porque as crianças conheciam a história original, pedi para me indicarem quais as semelhanças e as diferenças encontradas nas histórias.

Posteriormente, a terem sido lidas ambas as histórias, foram distribuídos os grupos e, cada um ficou responsável por representar uma das histórias lidas, anteriormente, utilizando a melhor indumentária para caracterizar a sua personagens (também decidido pelo grupo).

Abaixo, encontra-se o guião da atividade realizada:

Guião da atividade “Contos de feiticeiros”

Tema: Estereótipos de género.

Objetivos: Analisar o modo como os papéis sociais são, tradicionalmente, atribuídos a mulheres e a homens e estão presentes nas nossas perceções individuais.

Idade preferencial: 4/5 anos

Nº de participantes: 15 crianças

Duração: aprox. 45 min.

Materiais:

- História “O Gato Borracheiro”;
- Fatos da área do faz-de-conta;
- Manta.

Implementação passo-a-passo:

1. Leitura da história “O Gato Borracheiro” (Anexo 12);
2. Conversa com as crianças sobre a semelhança com histórias que conheçam e destacamento das principais diferenças;
3. Leitura da história, original, “A Cinderela” (presente na sala);
4. Distribuição das crianças, em grupos homogéneos, e distribuição dos grupos por cada adulto presente na sala (3 adultos);
5. Conversa com o grupo sobre quais as personagens relevantes;
6. Distribuição das personagens (estabelecido pelas crianças);
7. Caracterização das personagens com o vestuário existente na sala;
8. Pequena representação da história;
9. Conversa com as crianças sobre a atividade.

Análise da atividade:

Na manta, começámos por contar a história alterada em que os papéis associados à mulher passassem a ser associados ao homem, como por exemplo ser um padrasto mau e não uma madrasta má, como é, tradicionalmente, associado nos contos infantis.

Tal como descreveu a minha colega de estágio, que sempre me ajudou a retirar algumas notas de campo, uma das crianças, imediatamente, se levantou da manta para ir buscar o livro d' "A Cinderela", por ter identificado as semelhanças, com este conto.

No final do conto, todas as crianças mostraram interesse em recontar a história, não alterando os papéis, propositadamente, alterados, mas deixando claro que essa não era a história que conheciam.

Depois de terem pedido, li a história do livro que tinham na sala (A Cinderela).

Posteriormente, indiquei às crianças o desenrolar da atividade e que deviam escolher a história que mais gostavam para representar e decidir, entre si, os papéis a desempenhar e a quem caberia esse papel.

Todos os grupos decidiram representar a história tradicional e papéis associados ao seu género, não aceitando de bom grado quando se colocava a ideia de representar outros papéis que não fossem os associados ao seu género.

Posteriormente, e como se aproximou a hora de almoço, sentamo-nos na manta para falar sobre a atividade.

As crianças não estranharam a história d' "O Gato Borracheiro" e até a acharam "muito gira". No entanto, revelaram alguma relutância em desempenhar personagens de outro género que não o seu.

Com isto, podemos concluir que não acharam estranho o personagem principal desenvolver tarefas domésticas, nem que fosse o padrasto o personagem malévolo, mas na hora de representar, escolheram a história tradicional, o que mostra que continuam a perpetuar as representações tradicionais, talvez pelos processos de socialização a que já estão sujeitos desde o nascimento.

1.2. Entrevistas às crianças

Estas entrevistas tiveram como objetivos compreender se as crianças se envolvem nas tarefas familiares de igual forma (quer sejam do sexo masculino ou feminino) e se as suas escolhas (relativamente aos brinquedos e às suas relações) são influenciadas por estereótipos de género.

Todas elas foram realizadas na sala da exposição e tiveram lugar no período final da manhã, conforme as crianças iam acabando as suas atividades. Assim, eu e a minha colega preparámos umas almofadas na sala tal como os materiais para a realização das entrevistas.

Ainda na sala de atividades, procurei explicar às crianças envolvidas o que iremos fazer à outra sala e para que serviria essa atividade. Pois, considero que as crianças devem estar cientes de todas as atividades em que estão envolvidas.

Procurei que as crianças envolvidas fossem sempre menino e menina. No entanto, apenas tinha autorização dos pais de três meninos e, no total, apenas nove crianças tinham sido autorizadas a colaborar nas entrevistas.

Posto isto, passamos a apresentar a transcrição do conteúdo das entrevistas. No final de cada uma farei uma análise sintética, para, no final, fazer então uma análise mais detalhada.

a) Entrevista 1

Eu: Os pais pedem ajuda para realizar as tarefas domésticas?

Crianças: Sim.

Eu: E gostam de ajudar?

Crianças: Sim.

Eu: O que mais gostam de fazer?

Masc.: Limpar a loiça. Varrer.	Fem.: Fazer bolos. Varrer.
---------------------------------------	-----------------------------------

Eu: Qual é o brinquedo que não têm e que gostariam de ter?

Masc.: (Já tem tudo).	Fem.: Livros.
------------------------------	----------------------

Eu: Na sala, qual é o cantinho que mais gostam?

Masc.: Garagem.	Fem.: A casinha.
------------------------	-------------------------

Eu: Criança Fem., o que é que gostas na casinha?

Criança F: Porque gosto de lavar a loiça, brincar ao cabeleireiro.

Eu: Achas que existem brinquedos só para meninos e só para meninas?

Masc.: Sim.	Fem.: Sim.
--------------------	-------------------

Eu: Dá-me exemplos de brinquedos que sejam só para meninas e brinquedos que sejam só para meninos.

Masc.: Bonecos para os meninos e bonecas para as meninas.	Fem.: Bonecos para os meninos e bonecas para as meninas.
--	---

Eu: Porquê?

Masc.: (NR.)	Fem.: Porque assim é mais as diferenças.
---------------------	---

Eu: E se fossem de sexos opostos gostavam das mesmas coisas?

Masc.: Não.	Fem.: Não.
--------------------	-------------------

Eu: Do que é que gostariam(se pertencessem ao sexo oposto)?

Masc.: Bonecos.	Fem.: Bonecos.
------------------------	-----------------------

Eu: Com quem te relacionas melhor? Meninos ou meninas? Porquê?

Masc.: Meninas. Porque são nossas namoradas.	Fem.: Meninas. Porque também casam.
---	--

Eu: Que profissão desejas ter futuramente?

Masc.: Flautista.	Fem.: Bailarina.
--------------------------	-------------------------

Ao chegar à sala, as crianças pediram logo para no final da entrevista ouvirem a gravação, pois, antes de gravar pedi para que esta fosse registada em formato áudio.

As respostas das crianças refletiram que o processo de interiorização de papéis e funções tipificados, por género, é já um processo em construção, apesar de não serem capazes de compreender o seu significado, tendo em conta a sua idade e desenvolvimento cognitivo.

b) Entrevista 2

Eu: Os pais pedem ajuda para realizar as tarefas domésticas?

Crianças: Sim.

Eu: E gostam de ajudar?

Crianças: Sim.

Eu: O que mais gostam de fazer?

Masc.: Limpar a loiça. Varrer.	Fem.: Fazer bolos. Varrer.
---------------------------------------	-----------------------------------

Eu: Qual é o brinquedo que não têm e que gostariam de ter?

Masc.: Carros.	Fem.: Eu tenho o que queria ter. Eu queria um nenuco, só que aquele fala e não era aquele, era o nenuco que não quer comer. Queria esse, mas também aquele já o queria há muito tempo. Por isso olha (encolhe os ombros).
-----------------------	--

Eu: Na sala, qual é o cantinho que mais gostam?

Masc.: (Responde afirmativamente com a cabeça quando a colega lhe pergunta se ele gosta da garagem).	Fem.: Eu gosto da casinha.
---	-----------------------------------

Eu: Criança Fem., o que é que gostas na casinha?

Criança F: Então é assim: na casinha há as panelas e assim o fogão e os armários e depois podemos comprar à loja e temos lá muita comida.

Eu: Criança Masc., o que é que gostas na garagem?

Criança M: Porque tem animais (...) e carros e carrinhos e depois tem uma coisa... Como é que se chama para andar de comboio?

Eu: Achas que existem brinquedos só para meninos e só para meninas?

Masc.: Sim.	Fem.: Não.
--------------------	-------------------

Eu: Dá-me exemplos de brinquedos que sejam só para meninas e brinquedos que sejam só para meninos.

Masc.: Bonecos para meninas e carrinhos para meninos (as duas crianças falaram entre si e acabaram por concordar em que ambos os brinquedos eram os mais apropriados para cada um dos géneros).	Fem.: (Acha que ambos os géneros podem brincar com todos os brinquedos, mas concorda com a opinião do colega de que existem alguns brinquedos mais apropriados).
--	---

Eu: E se fossem de sexos opostos gostavam das mesmas coisas?

Masc.: Sim.	Fem.: Não.
--------------------	-------------------

Eu: Com quem te relacionas melhor? Meninos ou meninas? Porquê?

Masc.: Meninas.	Fem.: Meninas.
------------------------	-----------------------

Eu: Que profissão desejas ter futuramente?

Masc.: : Jogador de futebol.	Fem.: Cabeleireira e médica.
-------------------------------------	-------------------------------------

Aquando da ida para a sala, ambas as crianças se mostraram entusiasmadas em sair da sala para realizar a entrevista, pois, antes de sair da sala expliquei-lhes o que iríamos fazer e para que serviriam as entrevistas.

No corredor, fomos falando sobre os trabalhos desenvolvidos na semana anterior, como fizemos com o grupo anterior.

Sentámo-nos e, mais uma vez, pedi para gravar a entrevista, pedido a que ambas as crianças acederam. Tudo corria bem, até que pedimos à criança do sexo masculino para falar mais alto, pois, ele não se ouvia, ou seja, não iríamos conseguir ouvi-lo na gravação.

Nesse momento, a criança ficou tímida e começou a responder por gestos, recusando-se a falar, mas esse comportamento já era habitual na sala de aula. Por esse mesmo motivo, escolhemos, como sua parceira, a menina que é mais expressiva, pois, considerámos que ela o iria levar a responder a algumas questões, o que se veio a confirmar, pois, eles, durante a entrevista, foram conversando entre si.

c) Entrevista 3

Eu: Os pais pedem ajuda para realizar as tarefas domésticas?

Crianças: Sim.

Eu: E gostam de ajudar?

Crianças: Sim.

Eu: O que mais gostam de fazer?

Masc.: “Fazer o comer com o meu pai”.	Fem.: (encolhe os ombros).
--	-----------------------------------

Eu: Qual é o brinquedo que não têm e que gostariam de ter?

Masc.: “Eu queria ter um pífaro”.	Fem.: (encolhe os ombros).
--	-----------------------------------

Eu: Na sala, qual é o cantinho que mais gostam?

Masc.: “do tapete”, “porque assim não apanho frio nos joelhos”, “gosto de brincar (...) ao jogo do galo”.	Fem.: Jogos.
--	---------------------

Eu: Achas que existem brinquedos só para meninos e só para meninas?

Masc.: Sim.	Fem.: Sim.
--------------------	-------------------

Eu: Dá-me exemplos de brinquedos que sejam só para meninas e brinquedos que sejam só para meninos.

Masc.: Pistas (só para meninos).	Fem.: Aviões (só para meninos). Bebés (para meninas).
---	---

(*)O menino deixou de responder a partir desta pergunta.

Eu: E se fossem de sexos opostos gostavam das mesmas coisas?

Masc.: (*)	Fem.: Não.
-------------------	-------------------

Eu: Do que é que gostariam(se pertencessem ao sexo oposto)?

Masc.: (*)	Fem.: De carros.
-------------------	-------------------------

Eu: Com quem te relacionas melhor? Meninos ou meninas? Porquê?

Masc.: (*)	Fem.: Com as meninas...
-------------------	--------------------------------

Eu: Que profissão desejas ter futuramente?

Masc.: (*)	Fem.: “Pintar a cara aos outros”.
-------------------	--

Todos os processos anteriores foram feitos da mesma forma, mas, desde o início, tivemos receio em recorrer a estas duas crianças. São duas crianças extremamente reservadas que não costumam participar espontaneamente e se insistirmos muito com elas mostram mesmo desconforto.

Tal como podemos verificar, esse receio acabou por ser fundado. As crianças foram respondendo, mas tanto a menina como o menino foram deixando questões por responder.

Ainda tentámos levar as crianças a responder, fazendo questões e até tendo conversas a meio da entrevista, no entanto, não surtiram resultado.

d) Entrevista 4

Eu: Os pais pedem ajuda para realizar as tarefas domésticas?

Crianças: Sim.

Eu: E gostam de ajudar?

Crianças: Sim.

Eu: O que mais gostam de fazer?

Fem.: Limpar o pó.	Fem.: Limpar o pó.
---------------------------	---------------------------

Eu: Qual é o brinquedo que não têm e que gostariam de ter?

Fem.: “um baloiço pendurado na árvore”.	Fem.: “um cão de brincar”.
--	-----------------------------------

Eu: Na sala, qual é o cantinho que mais gostam?

Fem.: Da casinha, “porque há mais espaço para brincar”.	Fem.: Da garagem, “porque tem animais”.
--	--

Eu: Achas que existem brinquedos só para meninos e só para meninas?

Fem.: Não. (...) “Ah tinha percebido mal... Há brinquedos para meninos e para meninas”, “A garagem é para meninos e para meninas. A casinha (pausa) também. A loja também é...Todos os cantinhos são para meninos e para meninas”.	Fem.: Não.
---	-------------------

Eu: E se fossem de sexos opostos gostavam das mesmas coisas?

Fem.: Sim.	Fem.: Sim.
-------------------	-------------------

Eu: Com quem te relacionas melhor? Meninos ou meninas? Porquê?

Fem.: Com os meninos.	Fem.: Com os meninos.
------------------------------	------------------------------

Eu: Que profissão desejas ter futuramente?

Fem.: Pintora.	Fem.: Pintora.
-----------------------	-----------------------

Como não tínhamos meninos suficientes para realizar outra entrevista, decidimos que faríamos outra entrevista, mas com duas meninas.

Esta última correu bem. Ambas as crianças foram respondendo às questões.

Mas tal como elas nos contaram no corredor, já sabiam qual era o teor da entrevista, se bem que não creio que tivessem premeditado qualquer tipo de respostas.

Análise das entrevistas às crianças:

Nas entrevistas às crianças, tentei que fossem realizadas a pares, um menino e uma menina. No entanto, como não tinha autorizações necessárias de todos os pais, realizei a última entrevista com duas meninas. Penso que isso não “distorceu” em muito os dados da investigação, visto que a população em estudo também é, maioritariamente, constituída por meninas.

No início, expliquei às crianças o que iria suceder e pedi a autorização das crianças para que fosse gravada toda a entrevista para mais tarde as poder transcrever, da mesma forma em todas as atividades realizadas para este fim, foi-lhes anunciado e explicado que se tratava de um trabalho académico.

Durante a entrevista, tentei desenvolver uma conversa com as crianças, tendo um guião base para a realização desta, no entanto, não formulei as perguntas da mesma maneira em todos os grupos.

Passemos então à análise das entrevistas:

Todas as crianças responderam afirmativamente à questão “se gostavam de ajudar aos pais nas tarefas domésticas”. Aquando da pergunta “quais as tarefas” que mais gostavam de fazer, as opiniões dividiram-se, no entanto, a maioria identificou tarefas, tradicionalmente, associadas ao sexo feminino, tendo uma das crianças, do sexo masculino, referido “fazer comer com o pai”.

Na questão “qual é o cantinho que mais gostam?”, só as meninas responderam que gostavam da casinha, no entanto, verificou-se que também existe uma menina que gosta da garagem, porque “tem animais”.

Em síntese, consideramos que as respostas das crianças indicam que as suas representações sobre o género já refletem a tipificação “masculino” e “feminino”,

mesmo que, aparentemente, as atividades realizadas em casa sejam distribuídas de uma forma mais “igualitária”.

1.3. Entrevista à educadora

A entrevista à educadora ocorreu no final do mês de maio, numa tarde de quarta-feira, período em que a educadora tinha algum tempo livre.

Escolhemos a sala de educadoras para a sua realização, pois era o local mais sossegado e, como avisámos antes as restantes colegas, não seríamos interrompidas.

Os objetivos eram, principalmente, identificar se na atividade pedagógica da educadora, ela teria a preocupação de trabalhar com as crianças para uma educação que promovesse a Igualdade de Género, e se estaria sensível à temática estudada.

Questão 1 - Considera que há cantinhos preferidos pelos meninos e pelas meninas?

Educadora: “Sim considero. Há sempre exceções (acena com a cabeça) e eu sou atenta a isso... Mas, no geral, as meninas procuram mais a casinha, a loja, os fantoches e os meninos a garagem, as ferramentas....”

Questão 2 - Existem crianças que se neguem a frequentar algum cantinho?

Educadora: “Negar não (acena negativamente)... Mas, que espontaneamente não escolhem, sim... E, quando confrontadas com a necessidade de rotatividade entre espaços revelam alguma frustração por ter de sair dos espaços preferidos.... Mas têm de dar a vez a todos...”

Questão 3 - Quando as crianças dizem “este brinquedo não é para meninos/meninas” toma alguma atitude?

Educadora: “Procuro que se fale sobre esse assunto, ouvindo a opinião das crianças e dando a minha opinião.”

Questão 4 - Mudaria alguma coisa na organização do espaço e dos materiais? Se sim, o quê e porquê?

Educadora: “Sim, melhoraria o sistema de registo de ida para cada espaço, para que garantisse um melhor controlo da rotatividade, de todos, entre todos os espaços da sala.”

Questão 5 - Tem ideia se os pais das crianças do grupo distribuem as tarefas domésticas entre si?

Educadora: “Sim... (pausa breve) Há crianças que referem várias situações de tarefas que os pais fazem tradicionalmente associadas às mães... mas as mães não mudam os pneus dos carros, nem arranjam os mesmos... (risos)”

Questão 6 - Implementa algumas estratégias de forma a promover a Igualdade de Género?

Educadora: “Não são atividades planeadas. Mas procuro, sobretudo, em situações espontâneas, que surgem na sala e, que vejo que posso aproveitar, como por exemplo as opiniões das crianças, representações delas...”

Questão 7 - Considera que os pais estão sensíveis à temática sobre a Igualdade de Género?

Educadora: “Acho que sim... Os pais mais atentos aceitam... Mas não acho que considerem prioritário...”

Questão 8 - Considera importante que se realizem estudos sobre o tema?

Educadora: “(Com um ar determinado) Concerteza!”

Questão 9 - Porquê?

Educadora: “Porque acho que para trabalhar nesta tenra idade, nem pais nem profissionais estão sensibilizados para este tema.”

Questão 10 - Por último, o que entende por Igualdade de Género?

Educadora: (Suspira fundo e sorri) A tentativa de se garantir que homens e mulheres tenham ou beneficiem de respeito, dignidade social... etc... (pausa) da mesma forma, e independentemente, precisamente do género, serem homens ou mulheres...”

Análise da entrevista à educadora:

No decorrer da entrevista, a educadora reconhece que o grupo de crianças, na sua maioria, procura brincar e representar papéis em cantinhos que sejam associados ao seu género. Normalmente, “as meninas procuram mais a casinha, a loja, os fantoches e os meninos a garagem, as ferramentas...”, no entanto, também, refere que as crianças brincam em qualquer dos cantinhos, não por iniciativa própria, mostrando por vezes “alguma frustração por ter de sair dos espaços preferidos”.

A educadora analisou a questão da utilização dos diferentes espaços pelos dois géneros uma perspetiva centrada quase exclusivamente, na gestão e organização dos “cantinhos”, não valorizando a relação entre essa utilização e a implementação de atividades que podem promover a Igualdade de Género, através da representação de papéis sociais e o desempenho de tarefas independentemente da sua tipificação sexual.

Apesar disso, a educadora referiu que a introdução das atividades por mim desenvolvidas são adequadas e pertinentes, integrando-se nos objetivos de Educação Pré-Escolar afirmando, contudo, “para trabalhar nesta tenra idade, nem pais, nem profissionais estão sensibilizados para este tema”.

No entanto, quando confrontada por alguns comentários sobre a temática, refere que procura “que se fale sobre esse assunto, ouvindo a opinião das crianças e dando a (...) opinião.”

1.4. Questionários aos pais

A meio do período estágio, realizei questionários para serem distribuídos pelos pais das crianças do Jardim-de-Infância, com o objetivo de conhecer quais as concepções dos pais e, se estão sensíveis à temática.

Depois de terem sido discutidos com a orientadora e de alguns pontos terem sido revistos, pedi à educadora para distribuir os mesmos, aos pais das crianças, pois só à tarde os pais tinham uma conversa com a educadora e nesse momento já não estaríamos na Instituição.

Nessa conversa, a educadora explicaria aos pais que eu estaria a fazer um trabalho para a obtenção do grau de mestre e quais os objetivos do questionário, algo que para ela seria fácil, visto que também se encontra a frequentar um mestrado.

Apresentamos a transcrição das respostas dos questionários aos pais de Educação Pré-Escolar em anexo (Anexo 13), devido a questões de organização e por serem muito extensos.

Análise dos questionários aos pais:

Tal como já referido, nem todos os pais responderam aos questionários, chegando-me apenas nove questionários respondidos. No entanto, a educadora admitiu que, por norma, nem todos os pais se mostram recetivos a este tipo de atividades por diversas razões.

Analisando as respostas dos pais, podemos aferir que a maioria dos pais sabe que deve haver igualdade entre os géneros, dizendo que é importante para que sejam quebrados estereótipos e sobretudo para que haja respeito e igualdade em ambos os géneros, mesmo que sintam alguma dificuldade na definição do conceito.

Os pais que responderam aos questionários referem que em casa são distribuídas as tarefas. No entanto, uma das mães respondeu que as “tarefas difíceis” ficam para a

mãe e as “fáceis” para o pai e crianças. Com a maioria das respostas, podemos concluir que existe divisão de tarefas, havendo mesmo alguns casais que seguem o princípio de que quem chega primeiro faz!

Na distribuição das tarefas domésticas, os pais responsabilizam cada criança por tarefas básicas que lhes são de fácil execução, mas que estão perfeitamente adaptadas à idade, como por exemplo arrumar o quarto, pôr a mesa, limpar o pó, arrumação dos seus brinquedos, etc. No que diz respeito aos brinquedos os pais preferem os brinquedos “neutros” que tenham caráter didático, como os livros ou os jogos. No entanto, também podemos constatar que nenhum menino recebe bonecas ou as meninas, carrinhos.

No que respeita à futura profissão, os pais mostram-se preocupados com a conjectura socioeconómica do país. No entanto, não têm opinião definida de que profissões virão a ter, desejando apenas que seja uma profissão que os realize, mas quando questionados sobre se a profissão deve ser escolhida consoante o seu género, a maioria dos pais é da opinião que não. Havendo apenas um pai que considera que existem profissões só para homens, como as que exigem demasiados esforços físicos e só para mulheres.

1.5. Atividades desenvolvidas no contexto do 1º Ciclo do Ensino Básico

a) Atividade “Extraterrestre”

No âmbito da área curricular não disciplinar *Educação para a Cidadania*, cujo tema recai sobre os Direitos do Homem, decidi integrar, neste tema tão abrangente, a educação para uma Igualdade de Género, desenvolvendo assim com as crianças o meu projeto para a realização deste trabalho.

Depois de ter exposto o meu projeto/planificação à professora cooperante, decidimos começar a desenvolver as atividades depois da férias de natal, período que considerou mais adequado tendo em conta a organização das aprendizagens das crianças.

Depois de ter analisado alguns materiais, achei que o manual de apoio Coolkit (2011) era o mais adequado para a planificação de atividades para esta turma em estudo.

O objetivo principal desta atividade é identificar os estereótipos de género, existentes na turma, partindo do princípio que eles existam.

Guião da atividade “Extraterrestre”

Tema: Estereótipos de género

Objetivos: Analisar o modo como os papéis sociais, tradicionalmente, atribuídos a mulheres e a homens estão presentes nas nossas perceções individuais.

Idade preferencial: 9/10 anos

Nº de participantes: 4 grupos de 5 ou 6 elementos (1 grupo apenas constituído por rapazes, outro apenas por raparigas e 2 mistos).

Duração: aprox. 1h e 30min.

Materiais:

- 2 folhas A3 de papel de cavaleiro;
- Marcadores;
- Lápis de cor.

Implementação passo-a-passo:

1. Conto de uma história, em conjunto, com as crianças (Anexo 14);
2. Distribuição dos grupos;
3. Distribuição das folhas de papel de cavaleiro, pelos grupos;
4. Explicação que cada grupo fica responsável por caracterizar o homem e a mulher.
5. Debate sobre as diferenças a nível físico, psicológico e a forma de vestir, entre o homem e a mulher.

Análise da atividade:

As crianças conseguiram realizar o trabalho (Anexo 15) autonomamente, mostraram algumas dúvidas apenas em conceitos, tais como “menstruação” e se algumas características se inseriam no nível psicológico ou físico.

Nos grupos mistos, as crianças dividiram o trabalho. As meninas ficariam responsáveis por caracterizar a mulher e os meninos o homem.

O grupo masculino mostrou alguma dificuldade em caracterizar a mulher, fazendo-me várias perguntas (qual o fruto que mais gosto, as cores preferidas, etc., eu disse que não lhes ia responder, mas que podiam servir-se da minha pessoa para me caracterizar e opinar sobre as minhas possíveis preferências).

Além dos aspetos biológicos e fisiológicos que diferenciam o sexo feminino e masculino e que as crianças identificaram, estas, na maioria dos casos, caracterizaram a mulher e o homem usando alguns estereótipos, como por exemplo: o género feminino caracterizar-se por usar cabelo comprido e qualquer tipo de roupa, assim como maquilhagem, a nível psicológico caracterizam-se por serem “meigas”, “bonitas”, “mais trabalhadoras”, “sensíveis”, “fracas”, “amorosas”, “mais afetuosas”, “tranquilas”, “medrosas”, “tagarelas” preferem “língua portuguesa”, gostam de cores como o “cor-de-rosa e roxo” e “gostam de homens”; já o género masculino é caracterizado por usar o cabelo curto, e calças ou calções, já a nível psicológico caracterizam-se por serem mais fortes (“grande condição física”), “não são lamechas”, “brutos”, “consomem mais álcool”, “menos bonitos”, “corajosos”, preferem “matemática”, “são menos tagarelas” e gostam de cores como o “vermelho e azul”, por fim e muito curioso a observação que os homens foram os que “dominaram a história”, pois chegaram à conclusão que em Portugal reinaram 35 reis e apenas 2 rainhas.

Com esta atividade, poder-se-á constatar que as crianças ainda veem o homem e a mulher com características que seguem os estereótipos tradicionalmente aceites.

Curiosamente, todos os grupos, de uma forma geral, caracterizaram os género “feminino” de *sexo fraco* e o “masculino” de *sexo forte*.

b) Atividade “1, 2, 3...”

Esta atividade surgiu no seguimento do projeto já explicado anteriormente, no âmbito da Educação para a Cidadania.

Esta área surge, na nossa turma, com um tempo próprio, pois apesar de estar integrada nas restantes áreas de conteúdo, também lhe era dado um tempo extraordinário e desta forma, eu e o meu par pedagógico, poderíamos trabalhar os nossos temas, ambos relacionados com os Direitos do Homem, pois, o outro tema a desenvolver pelo meu par pedagógico debruçava-se sobre os Direitos das Crianças.

Após ter apresentado a proposta de atividade à minha orientadora da atividade, esta achou-a algo complexa para crianças desta idade. No entanto, e devido ao nível de desempenho demonstrado pela turma, decidimos implementá-la com algumas adaptações.

A atividade com as crianças ocorreu num período fora do estágio, da parte da tarde e decorreu no espaço habitual das aulas. Esta atividade tem como objetivos a caracterização de ambos os géneros a nível psicológico de forma a compreender se também neste campo as suas concepções eram influenciadas por papéis associados, tradicionalmente, ao género feminino e ao género masculino.

Considerando que a atividade incluía a utilização de conceitos complexos, clarifiquei-os antes, aquando da apresentação das tarefas a realizar. Para isso utilizei os dicionários presentes na sala e o *Priberam*, tendo-os adaptado depois.

Guião da atividade “1, 2, 3...”

Tema: Estereótipos de género.

Objetivos: Compreender a influência dos estereótipos de género no processo de socialização.

Idade preferencial: 9/10 anos

Nº de participantes: 4 grupos de 5 ou 6 elementos (1 grupo apenas constituído por rapazes, outro apenas por raparigas e 2 mistos).

Duração: aprox. 1 hora

Materiais:

- 2 Conjuntos de cartões com adjetivos (Anexo 16)
- 1 Cartolina por grupo (cada grupo será responsável por dividir a cartolina conforme o modelo levado para a sala).
- Caneta de feltro, tesoura, cola batom e régua (o chefe de grupo será responsável por disponibilizar no grupo estes materiais).

Implementação passo-a-passo:

1. Relembro os alunos do trabalho feito anteriormente (atividade Extraterrestre), em que foi analisado qual é o conceito de Igualdade de Género.
2. No quadro já tenho escrito os constituintes de cada grupo e quem é o chefe de cada grupo.
3. É dito quais são os materiais necessários, que cada grupo terá de ter disponíveis, para a realização da atividade.

4. Explico alguns conceitos para a realização do trabalho:

a) Como desenhar a tabela numa cartolina (Dobrar a cartolina a meio. Aproveitar a dobra e dobrar novamente a meio. Com a altura da régua traçar duas linhas. Traçar as colunas com a caneta de feltro, a do meio de cima a baixo e a segunda linha apenas da primeira linha para baixo. Escrever com a mesma caneta de feltro “Homem”/”Mulher” e “Desejável”/”Indesejável”);

b) Explicação oral de alguns conceitos para a elaboração da atividade;

c) Posto a explicação, são distribuídas as cartolinas e os adjetivos pelos grupos, enquanto os chefes vão buscar os materiais necessários e se dirigem ao lugar já destinado;

d) Os grupos dividem as cartolinas;

e) Recortam os cartões;

f) Vou procurando ajudar, todos os grupos, nas duas tarefas citadas anteriormente;

g) É feita uma breve discussão, no grupo, sobre qual o destino de cada cartão.

Análise da atividade:

Como fui passando pelos lugares e percebi que as crianças não tinham percebido muito bem qual a definição de alguns adjetivos, então, resolvi “entrevistar”, grupo a grupo, a razão de algumas escolhas que tomaram.

Depois de ter sido feito o levantamento de cada grupo (ver abaixo algumas considerações pertinentes), construí uma tabela de fácil visualização, onde se veem as características que cada grupo considerou ser desejáveis e indesejáveis, assim como a frequência em que foi escolhida:

Mulher									
Desejável	F	M	1	2	Indesejável	F	M	1	2
Ambiciosa		X		X	Ambiciosa	X		X	
Ativa	X	X	X	X	Ativa				
Competente	X	X	X	X	Competente				
Conformada	X	X	X		Conformada				X
Decidida	X	X	X	X	Decidida				
Dependente					Dependente	X	X	X	X
Diplomática	X	X	X	X	Diplomática				
Dominante		X			Dominante	X		X	X
Emocional	X	X		X	Emocional			X	
Frontal				X	Frontal	X	X	X	
Incompetente					Incompetente	X	X	X	X
Indecisa					Indecisa	X	X	X	X
Independente	X	X	X	X	Independente				
Objetiva	X	X	X		Objetiva				X
Passiva	X			X	Passiva		X	X	
Racional	X	X	X		Racional				X
Subjetiva					Subjetiva	X	X	X	X
Submissa			X	X	Submissa	X	X		

Homem									
Desejável	F	M	1	2	Indesejável	F	M	1	2
Ambicioso		X		X	Ambicioso	X		X	
Ativo	X	X	X	X	Ativo				
Competente	X	X	X	X	Competente				
Conformado	X	X	X		Conformado				X
Decidido	X	X	X	X	Decidido				
Dependente					Dependente	X	X	X	X
Diplomático	X	X	X	X	Diplomático				
Dominante					Dominante	X	X	X	X
Emocional	X			X	Emocional		X	X	
Frontal				X	Frontal	X	X	X	
Incompetente					Incompetente	X	X	X	X
Indeciso					Indeciso	X	X	X	X
Independente	X	X	X	X	Independente				
Objetivo	X	X	X		Objetivo				X
Passivo	X			X	Passivo		X	X	
Racional	X	X	X		Racional				X
Subjetivo					Subjetivo	X	X	X	X
Submisso			X	X	Submisso	X	X		

Legenda:	
F	Grupo constituído por crianças do sexo feminino.
M	Grupo constituído por crianças do sexo masculino.
1	Grupo constituído por crianças de ambos os sexos.
2	Grupo constituído por crianças de ambos os sexos.

Análise dos quadros:

As crianças, por norma, adjetivaram da mesma forma a mulher e o homem. Havendo apenas duas situações que não coincidiram.

O grupo constituído pelos rapazes, foi o único, a considerar que seria desejável que a mulher fosse *dominante* e indesejável que o homem fosse *emocional*.

A opinião de todos os grupos é de que a mulher deve ser *ativa, competente, decidida, diplomática e independente*, sendo estas características associadas, tradicionalmente, ao género masculino.

Os grupos apenas se dividiram na altura de categorizar com os adjetivos *ambicioso, conformado, emocional, frontal, objetivo, passivo, racional e submisso*.

Para avaliar esta atividade e perceber se as crianças tinham entendido as definições dos adjetivos, decidi “entrevistar”, grupo a grupo, e anotar algumas considerações sobre as razões de adjetivar o homem/mulher dessa forma, tal como podemos analisar no quadro seguinte:

Grupo Feminino	Grupo Masculino	Grupo Misto	Grupo Misto
<ul style="list-style-type: none"> - “Chegámos à conclusão que tanto o homem como a mulher têm os mesmos deveres e direitos (...) por isso não deviam ser julgados pelo género”; - As características que uma mulher deve ter “o homem também deve ter”; - “Antigamente as mulheres eram julgadas por serem de um sexo diferente do homem. Não podiam trabalhar e hoje não deve haver essa diferença”; - “Antigamente as mulheres tinham menos direitos” (se a tabela fosse feita 	<ul style="list-style-type: none"> - “Frontal é indesejável no homem e na mulher porque é mais ou menos ser mal-educado”; - “O homem não pode mandar em tudo”; - “Também não deve ser submisso perante a mulher... Devem estar os dois em equilíbrio”; - a mulher deve ser dominante... “isso é outro tipo de dominante... se o homem se organizar sozinho, uma mulher se organizar sozinha e um casal se organizar... vamos comparar as três casas: a do homem 	<ul style="list-style-type: none"> - “As características são iguais” tanto para homens como para mulheres; - Chegámos a essa conclusão “porque os dois sexos são iguais”; - É desejável que, ambos, sejam submissos e indesejável que sejam dominantes, porque dominante significa que “mandam em tudo” e “submisso é que se preocupam com os outros e não só com eles”, “dão a sua vida por eles”; - É bom ser conformado porque “só se preocupa com as coisas importantes”; 	<ul style="list-style-type: none"> - “Pessoas racionais são boas, porque irracionais são os animais”; - É desejável que o homem e a mulher sejam emocionais “porque se discutirem pedem desculpa”, “mostram o que estão a sentir”; - As pessoas passivas são “pessoas calmas” - Não é desejável ser objetivo pois essa pessoa vai querer levar os seus planos avante sem ter em conta a vontade dos outros; - É bom ser-se frontal porque essa pessoa “enfrenta”, “diz o que pensa,

<p>no tempo das suas mães e pais seria definitivamente diferente);</p> <p>- Se fosse no tempo em que os pais deles eram da idade delas era desejável “que a mulher fosse dependente”.</p>	<p>completamente desorganizada, a da mulher organizada e a do casal é organizada, porque a mulher manda em casa”;</p> <p>- “Os dois têm de ser conformados” para não entrarem em conflito;</p> <p>- Há diferenças “porque o homem é diferente da mulher, nas suas atitudes”;</p> <p>- “O homem é bruto, tem mais força que a mulher”;</p> <p>- “A mulher é mais bondosa, trata melhor os filhos”;</p> <p>- “A mulher é boa a fazer tudo... já o homem é muito bom a fazer uma coisa, mas noutras é péssimo. A mulher é mais equilibrada”.</p>	<p>- Ser ambiciosa não é bom porque “quer tudo para ela e assim não partilha com os outros”, “cobiça”;</p> <p>- “Subjetivo é uma pessoa que não tem objetivos”;</p> <p>- É importante haver estas semelhanças “para não haver discussões no mundo.</p>	<p>logo é sinsera”;</p>
---	---	--	-------------------------

Estas crianças mostram ter adquirido a capacidade de se abstrair da sua realidade e pensar sobre alguns assuntos, utilizando já uma boa capacidade de argumentação para defenderem as suas ideias, mostrando, no entanto, terem apreendido alguns estereótipos, tradicionalmente, associados ao género feminino ou masculino.

Em geral, revelaram ainda alguma dificuldade em compreender o significado de alguns dos adjetivos utilizados, o que considerámos expectável tendo em conta a sua idade.

No entanto com esta atividade, a maioria, mostrou que seria desejável haver igualdade entre os géneros, havendo indícios de que serão mais tolerantes perante alguns comportamentos que não estejam, tradicionalmente, associados ao género do indivíduo que os pratique.

1.6. Questionários às crianças

As crianças realizaram os seus questionários num período ao final do dia, já depois de terem realizado a primeira atividade.

Tal como já referi no capítulo anterior, optei por realizar questionários neste nível etário por já saberem ler e escrever, sendo mais prático que realizar as entrevistas, apesar de ter consciência que nestas recolheríamos dados mais ricos.

Mais uma vez, estes questionários tiveram como principal objetivo compreender se as crianças se envolvem nas tarefas domésticas de igual forma (quer sejam do género masculino ou feminino) e se as suas escolhas (relativamente aos brinquedos e às suas relações) são influenciadas por estereótipos de género.

Como realizei questionários com respostas maioritariamente fechadas, tratei os dados utilizando gráficos, pois, são de fácil visualização. Aquando de respostas mais “completas” transcrevi-as, tal como podemos ver abaixo:

Dados das crianças:

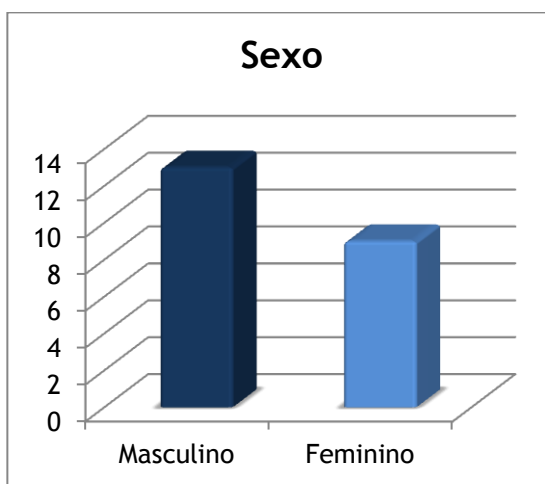


Gráfico 5 - Sexo das crianças

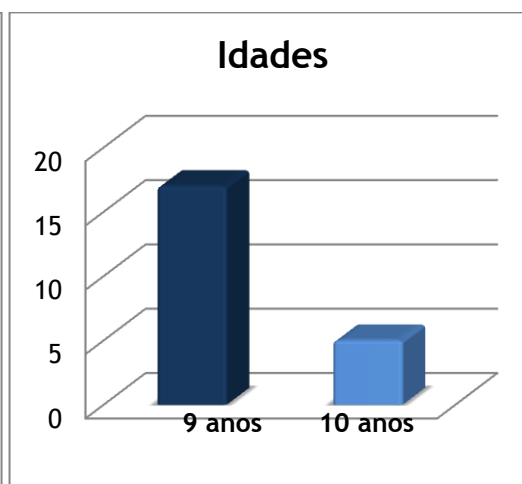


Gráfico 6 - Idades das crianças

Questão 1 – Os pais pedem-te ajuda nas tarefas domésticas? Gostas de ajudar?
Qual a tarefa que mais gostas de realizar?

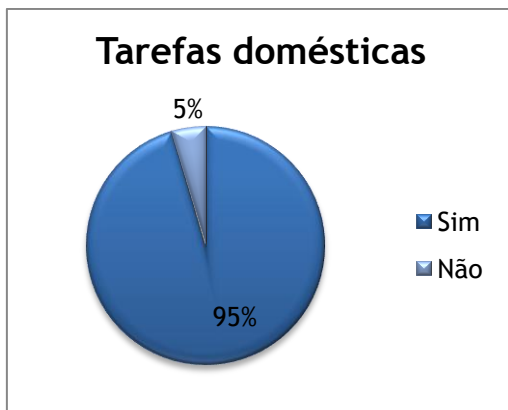


Gráfico 7 - Participa nas tarefas domésticas



Gráfico 8 - Gosto pela participação nas tarefas domésticas

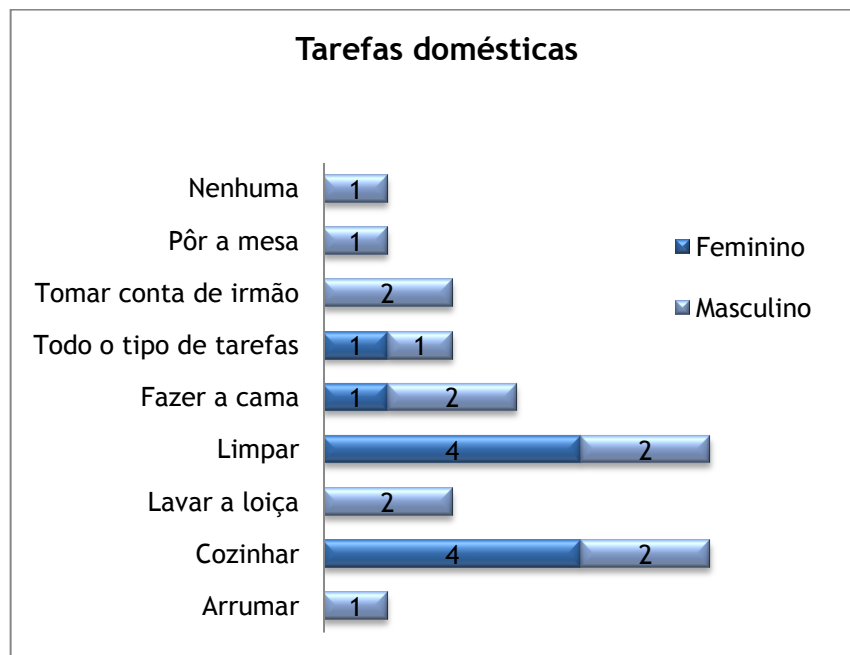


Gráfico 9 - Tarefas desempenhadas pelas crianças, por sexo

Questão 2 – Dos seguintes brinquedos, quais gostarias de ter e não tens?

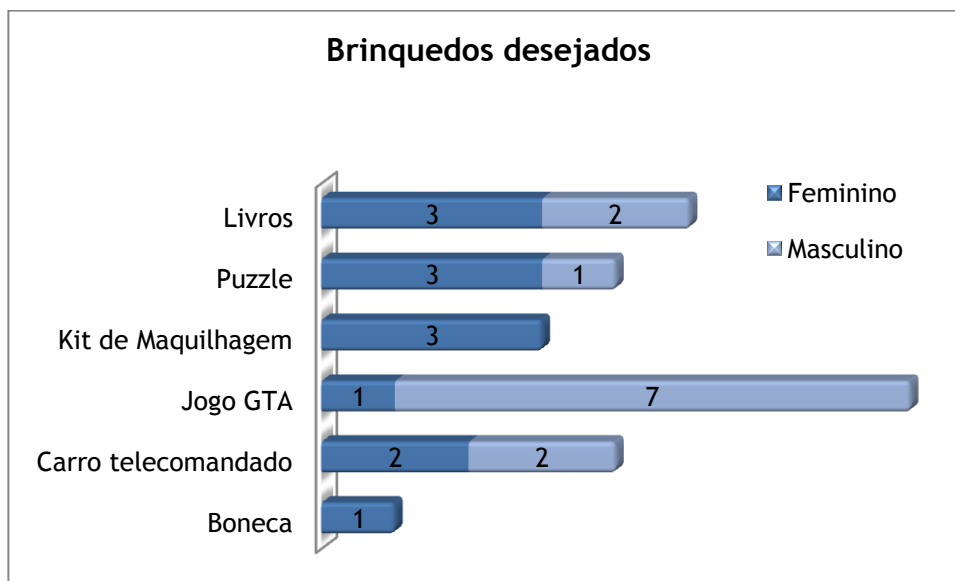


Gráfico 10 - Brinquedos desejados, por sexo

Questão 3 – Enumera de 1 a 6, (1 a que preferes e 6 a que menos gostas), das seguintes brincadeiras que preferes.

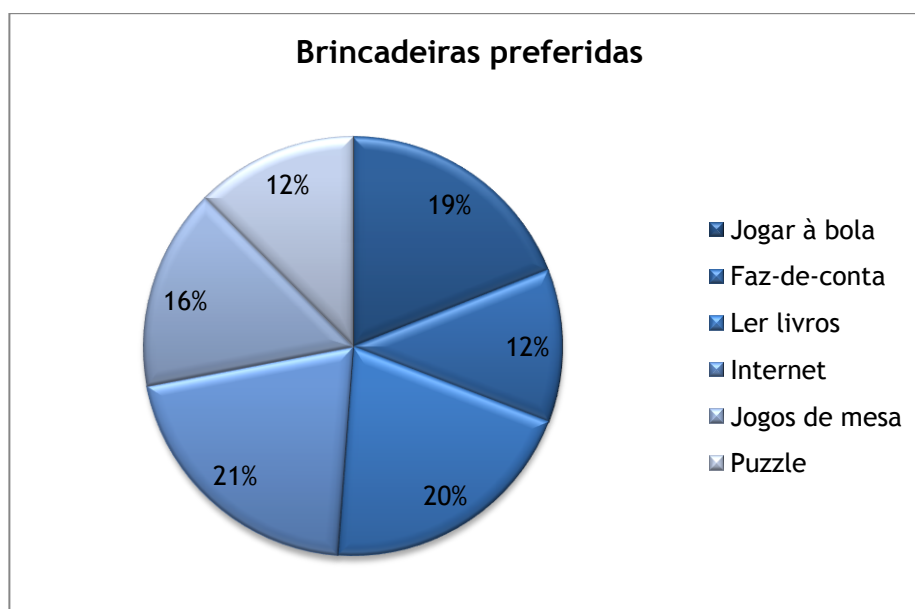


Gráfico 11 - Brincadeiras preferidas pelo grupo

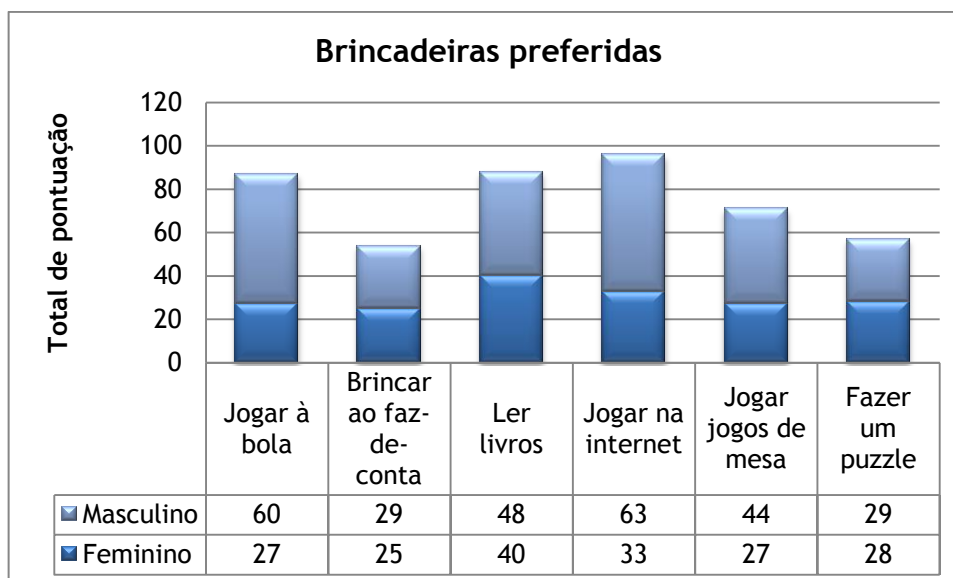


Gráfico 12 - Brincadeiras preferidas, por sexos

Questão 4 – Achas que existem brinquedos só para meninas e só para meninos?
Em caso afirmativo, dá exemplos:



Gráfico 13 - Descentralização (brinquedos)

1. “A *barbie* é para a menina. Os *Angry Birds* para os meninos.” **(M)**
2. “Apanhadas, escondidas, faz-de-conta” **(M)**
3. “Para meninas há bonecas e para rapazes há jogos, como por exemplo: “*Invizimals, o Reino Perdido.*” **(M)**
4. (“Se a menina gostar dos brinquedos de rapazes pode brincar.”) **(M)**
5. “Jogos, casa *Pini Pon*, bonecas de *barbie*, *puzzles...*” **(M)**

6. “Exemplo: Um menino não vai pôr batom, nem uma menina ser futebolista” **(F)**

(*) F = feminino e M = masculino

Questão 5 – Se fosses do sexo oposto, gostarias das mesmas coisas?



Gráfico 14 - Descentralização (preferências)

Questão 6 – Com quem te relacionas melhor, com as meninas ou com os meninos? Porquê?

	Masc	Fem
Meninos	12	2
Meninas	2	8

Gráfico 15 - Escolhas relacionais, por sexo

1. “Porque eu gosto de brincar com todas as crianças.” **(M)**
2. “Porque sou menino e gosto de brincar com os meninos.” **(M)**
3. “Com as meninas porque são mais simpáticas.” **(M)**

4. “Eu relaciono-me melhor com os rapazes, porque eles estão mais tempo comigo.” **(M)**
5. “Porque os meninos são mais divertidos.” **(M)**
6. “Relaciono-me melhor com meninos, porque tenho um irmão desde os dois anos.” **(M)**
7. “Eu gosto mais de brincar com os meninos porque gostamos todos das mesmas brincadeiras.” **(M)**
8. “Relaciono-me melhor com os meninos, porque geralmente têm todos os mesmos gostos.” **(M)**
9. “Porque as meninas são mais problemáticas.” **(M)**
10. “Eu gosto mais de me relacionar com os meninos, porque eles brincam a melhores jogos para mim.” **(M)**
11. “Porque gosto mais de brincar com meninos.” **(M)**
12. “Eu gosto mais de umas coisas e algumas raparigas de outras.” **(M)**
13. “Por que eles são meus amigos e jogam os jogos que eu gosto.” **(M)**
14. “Eu relaciono-me melhor com meninas, porque me compreendem melhor e posso desabafar com elas de modo mais reconfortado.” **(F)**
15. “Porque os rapazes costumam jogar futebol e às vezes jogar a jogos de confusões e eu não gosto de confusões.” **(F)**
16. “Eu relaciono-me melhor com os meninos, porque gosto de jogar futebol.” **(F)**
17. “Relaciono-me melhor com as meninas porque sou do sexo feminino.” **(F)**
18. “Eu relaciono-me menos com os meninos, porque não gostam do que eu quero fazer; por isso é que assinalei as meninas.” **(F)**
19. “Eu sou menina por isso gosto mais de brincar com raparigas.” **(F)**
20. “Porque sou uma rapariga.” **(F)**
21. “Porque me relaciono mais com as meninas e brinco mais com elas.” **(F)**
22. “Porque me dou melhor com as meninas.” **(F)**

Questão 7 – Que profissão desejas ter futuramente?

Profissão	Masc	Profissão	Fem
Designer	1	Bióloga	1
Negócio privado	1	Pintora	1
GNR	1	Veterinária	3
Cozinheiro	2	Cantora	2
Atleta	2	Educadora	1
Bombeiro	1		
Condutor	1		
Professor de e.f.	1		
Estilista	1		
N.S.	1		
Engenheiro	1		

Gráfico 16 - Profissão desejada, por sexo**Análise dos questionários:**

Tal como referi anteriormente, os questionários às crianças decorreram no final do período das aulas, dentro da sala de aula, tendo sido todos entregues no dia da sua realização.

As crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico revelam-nos que todos gostam de ajudar nas tarefas domésticas, no entanto 5% da população em estudo indica que não as realiza. Das tarefas preferidas, pelas meninas, quatro referem que gostam de *limpar e cozinhar*. Os meninos, por outro lado, realizam um pouco de todas as tarefas, não havendo nenhuma que desempenhem em maior número.

Aquando da questão de quais os brinquedos preferidos pelas crianças, a maioria escolheu o *jogo GTA*, algo muito “normal”, visto que a turma é composta, maioritariamente, por meninos e, apenas, uma menina selecionou o jogo como o seu brinquedo pretendido. Os *livros* também são objetos bastante apreciados pelas crianças, sendo que foram três meninas e três meninos a elegê-los. Os *puzzle* e os *carros telecomandados* também foram alguns brinquedos referenciados pelas crianças, sendo o *puzzle*, apenas, uma vez escolhido por uma criança do sexo masculino e o *carro telecomando* foi escolhido por ambas as partes de igual forma (dois meninos e duas meninas). Por fim, apenas as raparigas escolheram o *kit de maquilhagem* e a *boneca* como brinquedos favoritos.

Na questão sobre a preferência das brincadeiras, resolvi dar pontuação às respostas. Assim, na primeira escolha, atribuí a pontuação 6 (visto ser em as variáveis existentes), dando 5 pontos à segunda escolha e assim por diante.

Tal como podemos visualizar no Gráfico - 12, as brincadeiras preferidas destas crianças são *jogar na internet, ler livros e jogar à bola*.

No entanto, quando analisamos as preferências por sexos (Gráfico - 12), podemos verificar que os valores diferem. Se atendermos às pontuações das crianças do sexo masculino (treze) e do sexo feminino (oito) e calcular a média de pontuação que cada brincadeira recebeu, podemos identificar que a brincadeira preferidas dos meninos como sendo *jogar na internet, seguindo-se logo o jogar à bola*. As menos apreciadas são *brincar ao faz-de-conta e fazer puzzles*.

Já as meninas elegeram *ler livros* como atividade preferida, seguindo-se *jogar na internet* como a sua segunda escolha. Das menos apreciadas encontram-se *brincar ao faz-de-conta, jogar jogos de mesa e jogar à bola*.

Aproximadamente, um quarto das crianças respondeu que haveria apenas brinquedos para meninos e para meninas, tais como a *barbie, o faz-de-conta e pini pon* destinam-se apenas a meninas, assim como os *angry birds e jogos de computador* para rapazes.

Uma das crianças (do sexo masculino) apesar de ter respondido que não existiam brinquedos destinados a um dos sexos, referiu que “Se a menina gostar dos brinquedos dos rapazes pode brincar”, e esta é a pergunta que hoje coloco: “E se fosse um menino, poderia ele brincar com os brinquedos das meninas?”.

As opiniões dividem-se perante a questão se gostariam das mesmas coisas, caso fossem do sexo oposto. Seis meninos e quatro meninas manteriam os seus brinquedos enquanto que sete meninos e cinco meninas mudariam os gostos por pertencerem a um sexo diferente do seu.

As crianças, também, preferem, pelo menos na sua maioria, relacionar-se com crianças pertencentes ao mesmo género, apresentando razões, sobretudo, de que só assim podem estar com pessoas com interesses comuns.

Por fim, as crianças revelaram quais as suas profissões desejadas. A escolha recaiu sobre profissões muito variadas, no entanto, quase todas se encaixam em profissões, tradicionalmente, consideradas masculinas (para os rapazes) ou femininas (para as raparigas), havendo apenas um menino que selecionou a profissão de estilista, profissão essa vinculada ao género feminino.

1.7. Entrevista à professora

A professora aceitou ser entrevistada, para tal, decidimos que a entrevista seria feita num intervalo do período da manhã, a meados do mês de novembro, na sala de aula.

Os objetivos eram, principalmente, identificar se na sua atividade pedagógica teria a preocupação de trabalhar com as crianças para uma educação que promovesse a Igualdade de Género, e se estaria sensível à temática em análise.

Questão 1 - Considera que, no intervalo, existem brincadeiras preferidas pelas meninas e pelos rapazes? Existem crianças que se neguem a participar em atividades consideradas masculinas ou femininas.

Professora: “Não. Pois, embora no intervalo a maioria dos rapazes jogue à bola, há meninas nas equipas de futebol. Depois, há rapazes e raparigas que conversam e correm pelo átrio, em grupos, mistos e só de um género, consoante os interesses por amigos, independentemente do sexo.”

Questão 2 - Quando as crianças dizem que algum tipo de atividade “é para meninos/meninas”, toma alguma atitude?

Professora: “Não. Apenas questiono interesses e preferências.”

Questão 3 - Tem por hábito associar o cor-de-rosa e o azul às meninas e aos meninos, respetivamente?

Professora: “Não. As cores associam-se às sensibilidades e às afetividades.”

Questão 4 - Tem ideia se os pais das crianças do grupo distribuem as tarefas domésticas entre si?

Professora: “Atendendo a que todos desempenham profissões ao longo de horários longos, em casa, pelo que me é dado a perceber, todos desenvolvem tarefas domésticas, de acordo com a permanência em casa.”

Questão 5 - Considera que os pais estão sensíveis à temática sobre a Igualdade de Género?

Professora: “Não, particularmente. Não diferencio as tarefas pelos géneros. Sou pela naturalidade, pela sensibilidade e pelos interesses, independentemente do género.”

Questão 6 - Considera importante que se realize estudos sobre o tema?

Professora: “Penso que sim.”

Questão 7 – Porquê?

Professora: “Todos os temas merecem estudos e reflexões, enquanto temas geradores de conflitos sociais e como abordagens de realidades que refletem injustiças e situações de desconforto.”

Questão 8 - O que entende por Igualdade de Género?

Professora: “Independentemente dos interesses, dos gostos e das preferências individuais, todos, independentemente de serem homens ou mulheres, devem ter os mesmos direitos e deveres pessoais, profissionais, familiares e sociais, pela concertação nos diferentes grupos em que está inserido.”

Análise da entrevista:

A professora cooperante no início desta entrevista começa por dizer, tal como o evidenciado pelas crianças, que estas se relacionam com os seus pares devido aos seus interesses, que não existem “grupinhos” só de meninos ou meninas. Que ambos os géneros se relacionam entre si.

Não tomando uma atitude de “discriminação” perante a tarefas distribuídas na sala de aula, pois, diz ser “pela naturalidade, pela sensibilidade e pelos interesses, independentemente do género”, a professora revela também que não planifica atividades que tenham a preocupação de uma promoção de Igualdade de Género, não deixando, no entanto, de “questionar interesses e preferências” que vão surgindo por parte das crianças.

A partir de algumas conversas com as crianças e, tendo em conta a vida dos pais, a professora revela que as tarefas domésticas são distribuídas em casa, não havendo uma distribuição de tarefas “fáceis” ou “difíceis” como vimos, anteriormente, nos questionários realizados aos pais de Educação Pré-Escolar.

Para a docente este tema merece atenção, como todos os outros temas, pois, segundo a mesma “todos os temas merecem estudos e reflexões, enquanto temas geradores de conflitos sociais e como abordagens de realidades que refletem injustiças e situações de desconforto”, neste sentido e sendo um tema social, será um tema a ser abordado de maneira a levar as crianças a refletir sobre ele e não a “dar receitas” para que haja uma mudança efetiva.

Por fim, e segundo a professora cooperante, a Igualdade de Género caracteriza-se por ser uma igualdade de “direitos e deveres pessoais, profissionais, familiares e sociais, pela concertação nos diferentes grupos em que está inserido” independentemente do sexo a que pertencem.

1.8. Questionários aos pais

A meio do estágio realizei questionários para serem distribuídos pelos pais das crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Estes foram redigidos tendo por base as questões já colocadas aos pais das crianças de Educação Pré-Escolar. Os questionários chegaram aos pais pelas próprias crianças, pois, estas já assumem essa responsabilidade. Estes foram distribuídos no mesmo dia em que as crianças realizaram os seus.

Mais uma vez por questões de organização, as transcrições dos questionários aos pais encontram-se em anexo (Anexo 17).

Análise dos questionários aos pais:

Os pais das crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, talvez por termos sido apresentadas no final de período e de terem recebido um breve esclarecimento sobre o nosso trabalho, enquanto estudantes de mestrado, e também por já terem sido desenvolvidos outros trabalhos nesta turma, mostraram-se interessados em participar neste estudo, tendo eles respondido aos questionários, na sua maioria.

Este interesse mostra que talvez seja muito importante esta fase de conhecimento e de conversa, para que exista uma “relação” de confiança entre os investigadores/estagiários e os participantes no estudo, algo que não foi feito com os pais de Educação Pré-Escolar e que poderá ter conduzido a uma menor disponibilidade demonstrada por parte dos pais.

Em geral, estes pais mostraram estar esclarecidos sobre o que se pretende, dando exemplos conforme a realidade em que se inserem. Para eles Igualdade de Género é sobretudo uma igualdade de “tratamento entre os sexos”, quer nas “oportunidades” oferecidas, quer nos “direitos, deveres” e “liberdades”, podendo assim ser possível uma “equivalência social”.

Apenas um pai considera que este estudo não é relevante, pois, segundo o mesmo, “os géneros são diferentes entre si”. Todos os outros parecem sensibilizados para a temática e consideram um tema a desenvolver com as crianças, visto que devem respeitar e conhecer “a igualdade de oportunidades”, os “direitos e deveres”, não devendo o homem continuar a assumir “um lugar privilegiado”, como ainda é socialmente aceite, promovendo assim a “eliminação da discriminação social” e de “ideias pré-concebidas da existência de um sexo forte e de um sexo fraco”.

Em contexto familiar, também os pais educam os filhos para a divisão de tarefas, muito devido ao contexto social em que estão inseridos. No entanto, é notável a

crescente preocupação dos pais em incluir as crianças nas tarefas domésticas, como forma de uma melhor integração familiar.

Muitos dos pais, talvez os mais sensíveis à temática e de acordo com os questionários, já não só responsabilizam os filhos por tarefas predestinadas como “arrumar o quarto”, arrumar “os seus brinquedos”, arrumar a sua “roupa”, mas levam as crianças a participar em todas as tarefas indispensáveis ao bom funcionamento da vida familiar, assim como a sua participação e do cônjuge, referindo que “quase tudo é feito em comum e sem tarefas pré-definidas”, ou “no geral todos contribuem, sem excepção ou diferença, nas tarefas de casa”, ou ainda, “todos participam em tarefas como aspirar, (...). Em relação à preparação das refeições a partilha por enquanto é só entre os pais”.

Tal como referem, este é um processo de sensibilização das crianças para a temática. No entanto, alguns pais ainda identificam outras forma de promover a Igualdade de Género no seio familiar, tais como: “atribuir as mesmas tarefas ao meu filho e à minha filha”, “diálogo sobre o assunto”, “, dando exemplos de situações ou comportamentos (reais ou fictícios) como nos desenhos animados ou séries infantis”, “comportamentos adotados em relação aos filhos (um de cada sexo) iguais”, não havendo discriminação relativamente à distribuição de tarefas.

Outro aspeto valorizado por dois pais foi a necessidade de gerir de forma coerente as sanções e repreensões utilizadas na educação dos filhos. Estes consideram que “Não interferimos quando repreendemos o nosso filho, embora à vezes estejamos em desacordo, em frente à criança nunca o mostramos.”

Relativamente aos brinquedos, a maioria dos pais refere que são oferecidos brinquedos ou materiais didáticos, não querendo com isto dizer que não sejam oferecidos brinquedos lúdicos. Estes normalmente são dados consoante o seu género, normalmente porque tal como defendem os pais é o que eles “gostam” e “solicitam”.

No entanto, houve uma resposta curiosa em que um pai refere que, aquando do nascimento do irmão, a criança pediu um nenuco. Pedido que foi prontamente acedido pelos pais, pois tal como defendem “Não costumamos dizer que este ou aquele brinquedo é de “menina””.

Quando foram confrontados com qual a futura profissão da criança, os pais não se mostraram muito confiantes quanto a uma profissão promissora, devido à situação socioeconómica do país. No entanto, mostram algum interesse que a maioria escolha uma profissão que faça a criança sentir-se “realizada” e, “algo que gostem de desempenhar”, havendo ainda alguns que pretendam que completem um curso superior.

Todos os pais acreditam que nenhuma das profissões, que as crianças possam escolher deva ter como impedimento o género a que pertencem. No entanto, alguns

pais referem que “existem de facto algumas profissões que pela sua natureza específica se adequam mais a homens e a mulheres”, mostrando, aqui, alguma relutância na escolha de determinadas profissões que são socialmente aceites apenas por um dos géneros. Também “as características físicas inerentes ao género podem ser impeditivas de escolher certas profissões”, segundo um dos pais. Por fim, outro pai refere que não encontra “qual a diferença a apontar na escolha da pessoa, a não ser se for uma profissão que se tenha de fazer muito esforço físico, mas só por esta razão”.

2. Análise integrada

Após os dados recolhidos e analisados, podemos inferir que a Igualdade de Género, ainda, não é uma realidade, tal como defendem Cardona et colab. (2009), Amâncio (2003), Capucha et colab. (2005). No entanto, para que haja uma mudança nas representações sobre o género é necessário que educadores e professores consciencializem eventuais atitudes e práticas discriminatórias, assumindo uma vivência pedagógica assente no conceito de cidadania.

As observações e os dados recolhidos, ao longo do nosso estudo, permitiram-nos constatar a presença de comportamentos estereotipados relativamente ao género, quer nas crianças da Educação Pré-Escolar, quer nas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, de acordo com a perspetiva de Buzan (2007).

Tal como as crianças de Educação Pré-Escolar, as crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico estão bem inseridas e adaptadas na sociedade seguindo o padrão dominante nos seus comportamentos. Decorrente desse facto categorizam, irrefletidamente, “maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo” Tap (1996), citando Durkheim (1922).

Denota-se que as crianças de Jardim-de-Infância estão já cientes da sua identidade de género, tal como diz Cardona et colab. (2009), defendendo que nesta idade as crianças começam a criar a estabilidade quanto ao género a que pertencem.

Perante as atividades realizadas, as crianças não fugiram dos padrões, tradicionalmente, aceites quando escolheram as suas profissões e a representação da história, em que, tal como refere Ballenato (2008, p. 223), as crianças preferiram representar o conto onde “a mulher desempenha o papel submisso e frágil, enquanto o homem surge como o herói salvador”.

Apesar de na atividade das profissões haver um número significativo de meninas a escolher ser polícia de profissão, esta, nos dias de hoje, já é socialmente aceite, também como feminina, apesar de ser uma profissão, tradicionalmente, masculina. Quando as meninas se desviam dos seus padrões são menos “apontadas” que o inverso.

Perante as atividades realizadas no 1º Ciclo do Ensino Básico e contrariando a ideia de Maccoby (1998) que defende que as crianças desta faixa etária estão mais predispostas a desempenhar e respeitar os estereótipos, a turma em estudo mostrou, na sua maioria, desempenhar papéis associados aos estereótipos. No entanto, admite que possa haver desvio por parte de outros indivíduos, aceitando-os. Foi possível constatar essa opinião, pois, o grupo do 1º Ciclo do Ensino Básico revelou uma maior capacidade de análise e crítica, revelando que uma maior complexidade cognitiva.

Refiro esta última situação, pois, aquando da discussão de resultados, as crianças referiram que as mulheres usam “na sua maioria” cabelo comprido, mas que também há mulheres com cabelo curto e homens que usam cabelo comprido, dando o exemplo do pai de uma das crianças presente na sala e outras figuras públicas, por eles, conhecidas.

Levando as crianças a refletir, estas reconhecem a diferenciação de géneros, mas admitem, na sua maioria, que possa haver uma igualdade, isso foi evidenciado na atividade 1, 2, 3... em que a maioria dos grupos apresentou os mesmos adjetivos para homens e mulheres, havendo apenas um grupo, curiosamente o grupo constituído apenas pelo sexo masculino, que indicou características, tradicionalmente, masculinas e femininas, indicando que “o homem é diferente da mulher, nas suas atitudes”: a mulher deve ser dominante... “isso é outro tipo de dominante... se o homem se organizar sozinho, uma mulher se organizar sozinha e um casal se organizar... vamos comparar as três casas: a do homem completamente desorganizada, a da mulher organizada e a do casal é organizada, porque a mulher manda em casa”, “O homem é bruto, tem mais força que a mulher”, “A mulher é boa a fazer tudo... já o homem é muito bom a fazer uma coisa, mas noutras é péssimo. A mulher é mais equilibrada” e “A mulher é mais bondosa, trata melhor os filhos”.

A escola, tal como refere Cardona (2009), sendo um local privilegiado, deve promover uma sociedade que não discrimine e contra o autoritarismo, fazendo com que os indivíduos abandonem os estereótipos, educando, assim, uma sociedade que assentem nos valores da igualdade de direitos e deveres, respeitando sempre as diferenças, pois para Tap (1996) é na escola que as exigências e as aquisições são transmitidas para que sejam perpetuadas nas sociedades futuras.

Claro que este trabalho nas escolas só é possível com a colaboração da família, tal como refere Ferreira (2002). É neste sentido que as entrevistas à educadora e à professora foram realizadas, pois, são elas quem passam a maior parte do tempo com as crianças e a quem cabe o papel de as formar, nunca esquecendo os pais, pois, são eles que educam as suas crianças e devem estar informados dos valores que a escola transmite, sendo muito importante ouvir a opinião dos pais.

Cardona et colab. (2009, p. 61) referem que os “profissionais de educação nem sempre são sensibilizados para uma educação promotora de uma maior Igualdade de

Género.” Neste estudo a educadora e a professora mostraram-se sensíveis à questão. As profissionais de educação levam as crianças a refletir sobre assuntos que possam surgir sobre esta temática. No entanto, ambas referem que não são planificadas atividades neste sentido, não desvalorizando, no entanto, o trabalho que foi realizado.

Da mesma forma, foram realizados os questionários aos pais, estes mostram na sua maioria, que pretendem que os seus filhos sejam educados com valores que promovam a Igualdade de Género. Claro que existiram sempre estereótipos que eles próprios perpetuem, mas também eu, enquanto investigadora/estagiária, me dei conta que seguia irrefletidamente alguns estereótipos.

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

“A crença de que estamos a tornar o mundo num lugar melhor pode fazer-nos presumidos, arrogantes até - NÓS, os investigadores (e não vocês comuns mortais), vamos tornar o mundo melhor. Podemos ter esperança que assim seja, mas penso que os investigadores enfrentam um desafio mais premente e mais intensamente vivido que é descobrir. A razão pela qual devemos descobrir é que a alternativa a descobrir *não* é não descobrir, mas sim inventar, ou mais, frequentemente ainda, pedir a outros que inventem por nós.”

M. Elizabeth Graue e Daniel J. Walsh, 2003:10

Introdução

No final deste relatório de estágio, irei mostrar quais as considerações que pude retirar com a sua elaboração, assim como as limitações do estudo face aos objetivos.

Proponho, também, algumas sugestões para futuras investigações no âmbito do tema Igualdade de Género e estratégias a utilizar com as crianças, para que ela seja promovida nas escolas.

Por fim, faço uma reflexão individual sobre este trabalho e sobre os contextos nos quais realizei as práticas, tentando promover uma educação com valores assentes na Igualdade de Género.

1. Considerações Finais

Não se poderá dizer que a realização deste relatório de estágio tenha sido fácil. Foi um grande desafio para mim e reconheço que só foi possível com o contributo dos intervenientes.

Apesar de à primeira vista, tal como já foi referido, este tema parecer pouco atual, visto considerar-se que vivemos numa sociedade igualitária em direitos e deveres, conseguimos perceber que essa ainda não é uma realidade.

Posto isto, também podemos constatar que os profissionais de educação ainda não estão sensibilizados para a temática, visto que não basta as conversas informais para que sejam abandonados os estereótipos, tradicionalmente, aceites. Será, pois, necessário criar diversas atividades cujos objetivos serão: educar para a *Igualdade de Género*, assim como, levá-las a questionar-se sobre os seus *valores* e a aprenderem a respeitar o outro.

No decorrer deste trabalho podemos concluir que as crianças seguem alguns estereótipos de género, tal como podemos verificar nas atividades realizadas com as crianças de ambos os contextos (cf. Capítulo IV).

Apesar desta constatação, devemos também salientar que no decorrer de algumas conversas sobre a temática e a partir da análise de algumas situações, as crianças admitem a existência de outros padrões de comportamento e tendem a respeitá-los.

Muitos dos estereótipos adquiridos por elas, pelo que me foi dado a entender, são apreendidos no seio familiar, nas histórias, na televisão e outros meios de socialização.

É assim necessário uma crescente preocupação por parte dos profissionais de educação para que sejam “filtrados” alguns materiais utilizados nas aprendizagens

das crianças, pois, o educador/professor deve ser um indivíduo consciente da sua ação e do que pode advir dela, tal como defendem Pernas e Iglesias (2010).

Cogito que para além destes estudos, de casos particulares, seja importante serem realizadas ações de formação para que sejam debatidas diversas temáticas e levem os educadores e professores a refletirem sobre a sua prática, para que dessa forma escolham materiais e estratégias mais adequados a uma educação para a cidadania.

É claro que nós (educadores/professores), como seres humanos, também estamos “presos” ao processo de socialização e acabamos sempre por transmitir os nossos valores, ideais e alguns estereótipos adquiridos. No entanto, devemos conversar com as crianças e mostrar que nem sempre somos os seres mais corretos e que, também, podemos estar errados, tentando sempre mostrar o ideal.

Os pais envolvidos neste estudo mostraram respeitar as características individuais de cada criança, prevalecendo o desejo de que as crianças realizem o que lhes dará realização pessoal e profissional e não algo que seja, tradicionalmente, considerado o mais indicado. A maioria, também muito devido às condições da sociedade atual, vê-se obrigada a distribuir as tarefas por todos os membros da família, não se verificando uma distribuição de tarefas tipificadas por género. Esta última constatação, também, poderá ser um dos fatores que levem a uma maior aceitação no que concerne ao desconstruir os estereótipos.

2. Limitações do estudo

Na realização deste estudo podemos encontrar algumas limitações. Como já foram realizados alguns estudos no âmbito de Jardim-de-Infância, pessoalmente, decidi que seria interessante realizar um estudo nas duas vertentes para que este mestrado capacita.

No entanto, considero que se tornou um trabalho extremamente complexo, ao qual não foi possível dar um resposta plenamente satisfatória, pois, com mais tempo, seriam abordadas questões de outra forma para dar uma resposta mais completa a algumas questões, e essa é outra das limitações, o tempo.

O facto de ser o primeiro contacto com a investigação em contexto educativo e de não me sentir preparada para este género de trabalho, também dificultou o meu percurso de aprendiz, tendo desanimado por diversas ocasiões, salientando e advertindo futuros colegas de que é necessário ter bastante interesse pelo tema, para que esse desânimo não conduza a qualquer forma de desistência.

A pouca experiência, nas práticas, também, foi uma limitação, pois, por vezes, apostamos em atividades inovadoras e com um grau de dificuldade desafiante para as crianças e nem sempre os resultados são os esperados.

3. Reflexão

Poderá parecer estranho mas, no final deste trabalho, questiono-me: “Poderemos nós influenciar tanto a vida das nossas crianças, através do processo educativo?”.

Considero que sim... Será, por isso, necessário começar a tomar consciência que devemos educar as nossas crianças promovendo a Igualdade de Género, pois, penso que todos os educadores e professores têm a preocupação de educar as crianças com base na igualdade de direitos e deveres. Porém, por vezes, irrefletidamente, acabamos por “deseducar” ao transmitirmos a nossa bagagem de valores, também eles estereotipados.

Com a realização deste trabalho, posso concluir que o professor deve questionar sempre as suas práticas e deve refletir sobre elas, de forma a proporcionar uma educação que permitirá, progressivamente, formar cidadãos livres e responsáveis. Claro está que não basta apenas pormo-nos em causa; o professor tem, de igual forma, procurar esclarecer-se sobre o assunto e, por fim, experimentar várias práticas para que este objetivo seja atingido.

Não se poderá dizer que é uma tarefa fácil, porque não o é. Também não considero que o professor seja capaz de mudar tudo de um dia para o outro, no entanto, como seres humanos, iremos decerto realizar mudanças progressivas.

As duas Práticas Supervisionadas ajudaram-me a crescer enquanto profissional de educação. Com este mestrado tive uma melhor perceção de como se organiza e se desenvolve a ação educativa em ambas as valências.

Com estas experiências, vi-me confrontada com uma realidade, completamente, diferente daquela que vivi, enquanto aluna de 1º Ciclo do Ensino Básico. Ainda recordo das minhas aulas e de como a minha professora tinha o pleno controlo de todo o desenrolar das aprendizagens.

No entanto, tentei sempre seguir uma linha construtivista, pois, tal como defendeu Sócrates, referenciado em Gusdorf (1963, pp. 13-14), “nada veio de fora enriquecer aquela inteligência, que descobriu por si mesma as relações”, em que tentou defender a sua tese em que o homem também consegue aprender por si próprio desde que estimulados para tal, sendo por isso essencial que o professor tenha um papel de “despertar uma consciência (...) e guiar o desenvolvimento dela no sentido que mais lhe convém”.

Porém, nem sempre é fácil seguir esta linha, pois, tal como defende Fosnot (1998, p. 294) “os professores tendem a ensinar mais como foram ensinados do que como foram ensinados a ensinar” e nós ainda estamos nessa fase de transição, em que por vezes, ainda, nos apoiamos no que conhecemos, ou seja, nas nossas experiências.

Muitas vezes, ao final do dia, reflito sobre as minhas práticas, de forma a identificar os aspetos mais débeis e qual a sua razão. Posteriormente, penso noutras estratégias a adotar para que a minha ação educativa seja mais motivadora e desafiadora para as crianças. Pois, considero que as crianças só se sentem motivadas se as aprendizagens forem significativas e, a meu ver, é de grande importância serem as crianças a realizar o caminho das suas aprendizagens para que haja essa motivação.

Cabe, assim, aos educadores/professores delinear as atividades e orientá-las, de forma a que cada criança possa desenvolver as suas aprendizagens. Nem sempre é fácil, mas também nunca ninguém me disse que ser professor é uma tarefa simples.

Bibliografia

Abrantes, P. (2003). Os Sentidos da Escola: Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade. Oeiras: Celta Editora.

Amado, J. (coord.). (2013). Manual de Investigação Qualitativa em Educação. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Amâncio, L. (1994). Masculino e Feminino: A construção social da diferença. Porto: Edições Afrontamento.

Amâncio, L. (2003). O género no discurso das ciências sociais. *Análise Social*, vol. XXXVIII, pp. 687-714.

Arribas et colab. (2004). Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização curricular (5ª Edição). Porto Alegre: Artmed Editora.

Ballenato, G. (2008). Educar sem gritar - Pais e filhos: conviniência ou sobrevivência? Lisboa: A Esfera dos Livros.

Bell, J. (1997). Como realizar um projecto de investigação. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora.

Buzan, T. (2007). A Criança Inteligente: Pais brilhantes formas crianças brilhantes. Dafundo: Oficina do Livro.

Cardona et colab. (2009). Guião de Educação Género e Cidadania: Educação Pré-Escolar. Lisboa: CIG.

Ferreira, A. M. (2002). Desigualdades de Género no Actual Sistema Educativo Português: Sua influência no Mercado de Emprego. Coimbra: Quarteto Editora.

Ferreira, M. (2004). A gente gosta é de brincar com os outros meninos!. Porto: Edições Afrontamento.

Fosnot, C. T. (1998). Construtivismo e Educação. Lisboa: Instituto Piaget.

Gomes, V. R. V. (2012). A Promoção da Igualdade de Género com Recurso à Atividade Lúdica - Uma experiência com crianças de Educação Pré-Escolar. Relatório de Estágio, Instituto Politécnico de Castelo Branco - Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Portugal.

Graue, M. & Walsh, D. (2003). Investigação Etnográfica com Crianças - Teorias, Métodos e Ética. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Gusdorf, G. (1963). Professores para quê? (2ª Edição). Lisboa: Moraes editores.
- Jacobson, P. M. (1976). O trabalho social em equipe. Lisboa: Moraes Editora.
- Lazard-Levaillant, D. F. (1977). A criança, essa desconhecida. Lisboa: Moraes Editores.
- Marques, T. P. (2011). Clínica da Infância. Alfragide: Oficina do Livro.
- Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Ação. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Osterrieth, P. (1975). A criança e a família (3ª Edição). Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Pernas, G. & Iglesias, T. (2010). Mediação Sócio-Pedagógica na Escola. In Peres, A. & Vieira, R. Educação, Justiça e Solidariedade na Construção da Paz. (pp. 59. 133). Amarante: Gráfica do Norte.
- Rojão, G. et all. (2011). Coolkit_Jogos para a não violência e Igualdade de Género. Covilhã: Gráfica do Tostosendo.
- Saavedra, L. (2001). Sucesso/insucesso escolar: a importância do nível socioeconómico e do género. Associação portuguesa de psicologia, 15:1, pp. 67-92.
- Skrzypczak, J.-F. (1996). O inato e o Adquirido: Desigualdades "Naturais" Desigualdades Sociais. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (1989). Educação pela arte e artes na educação (2º Vol.). Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Tap, P. (1996). A Sociedade Pigmaleão - Integração Social e Realização da Pessoa. Lisboa: Instituto Piaget.
- Urra, J. (2010). Educar com bom senso. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Vigotsky, L. (1988). Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone Editora.
- Woolfolk, A. E. (2000). Psicologia da Educação (7ª Edição). Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Zabalza, M. A. (1998). Qualidade em Educação Infantil. São Paulo: Artmed.

Referências bibliográficas eletrónicas

Carta dos Direitos fundamentais da União Europeia. Acedido em março 30, 2014, em <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2010:083:0389:0403:pt:PDF>

Capucha, Luís et colab. (2005). *Formulação de Propostas de Conceção Estratégica das Intervenções Operacionais no Domínio da Inclusão Social*. Acedido em março 23, 2014, em www.observatorio.pt/download.php?id=128

Comissão das Comunidades Europeias. (2005). *Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: Combate à discriminação e igualdade de oportunidades para todos – Uma estratégia quadro*. Acedido em março 27, 2014, em http://www.cite.gov.pt/imgs/instrumcomunit/Roteiro_igualdade_homens_mulheres_2006_2010.pdf.

Legislativas e documentação normativa

Lei de Bases do Sistema Educativo de 14 de outubro. Diário da República nº 46/86. Assembleia da República. Lisboa.

Lei Quadro da Educação Pré-Escolar de 10 de fevereiro. Diário da República nº 34/97. Assembleia da República. Lisboa.

Decreto de Lei nº 176/2012 de 2 de agosto. Diário da República nº 149/2012. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

ANEXOS

Anexo A - Inquéritos aos pais de Educação Pré-Escolar



Escola Superior de Educação de Castelo Branco **Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar**

Inquérito

Eu, Ana Sofia Medroa Pereira, aluna de mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, encontro-me a realizar o estágio pré-profissionalizante no Jardim-de-Infância _____.

Com este inquérito pretendo recolher alguns dados, para realizar um estudo para a conclusão do mestrado referido acima, intitulado “As concepções das crianças na 2ª e 3ª infância”, orientado pela Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira.

Mais se informa que garantimos o anonimato da escola e dos colaboradores implicados no estudo (educadora, crianças e “pais”) e com o compromisso de que, logo que a investigação esteja concluída, disponibilizar os resultados obtidos.

Inquérito

Parentesco: _____

É o encarregado de educação: Sim Não

Sexo da criança: M

Idade da criança: 4 anos

F

5 anos

1. O que entende por Igualdade de Género?

2. Concorda com a crescente preocupação, por parte dos profissionais, em promover a Igualdade de Género?

Sim Não

Porquê?

3. Na sua função pai/mãe tem como preocupação educar para a Igualdade de Género?

Sim Não

Em caso afirmativo, indique um comportamento que costume adotar para esse objetivo.

4. É costume dividir-se as tarefas domésticas em casa?

Sim Não

Dê exemplos.

5. É pedido À criança para participar nas tarefas domésticas?

Sim Não

Indique as tarefas que ela costuma desempenhar.

6. Qual é o tipo de brinquedos que oferece ao seu/sua filho/a? Porquê?

7. Quais as suas expetativas quanto à futura profissão do seu/sua filho/a?

8. Considera que a escolha da profissão deve ser feita de acordo com o género?

Sim Não

Porquê?

Agradeço a sua colaboração e mais uma vez relembro que todos os dados recolhidos serão mantidos em anonimato, servindo apenas para a realização do estudo.

.....
Ana Sofia Medroa Pereira

Anexo B - Inquéritos aos pais de 1º Ciclo do Ensino Básico



Escola Superior de Educação de Castelo Branco Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

Inquérito

Eu, Ana Sofia Medroa Pereira, aluna de mestrado em Educação Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, encontro-me a realizar o estágio pré-profissionalizante na escola de _____.

Com este inquérito pretendo recolher alguns dados, para realizar um estudo para a conclusão do mestrado referido acima, intitulado “As concepções das crianças na 2ª e 3ª infância”, orientado pela Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira.

Mais se informa que garantimos o anonimato da escola e dos colaboradores implicados no estudo (professora, crianças e “pais”) e com o compromisso de que, logo que a investigação esteja concluída, disponibilizar os resultados obtidos.

Inquérito

Parentesco: _____ É o encarregado de educação: Sim Não

Sexo da criança: M Idade da criança: 9 anos
F 10 anos

1. O que entende por Igualdade de Género?

2. Concorda com a crescente preocupação, por parte dos profissionais, em promover a Igualdade de Género?

Sim Não

Porquê?

3. Na sua função pai/mãe tem como preocupação educar para a Igualdade de Género?

Sim Não

Em caso afirmativo, indique um comportamento que costume adotar para esse objetivo.

4. É costume dividir-se as tarefas domésticas em casa?

Sim Não

Dê exemplos.

5. É pedido À criança para participar nas tarefas domésticas?

Sim Não

Indique as tarefas que ela costuma desempenhar.

6. Qual é o tipo de brinquedos que oferece ao seu/sua filho/a? Porquê?

7. Quais as suas expetativas quanto à futura profissão do seu/sua filho/a?

8. Considera que a escolha da profissão deve ser feita de acordo com o género?

Sim Não

Porquê?

Agradeço a sua colaboração e mais uma vez relembro que todos os dados recolhidos serão mantidos em anonimato, servindo apenas para a realização do estudo.

.....
Ana Sofia Medroa Pereira

Anexo C - Inquéritos às crianças de 1º Ciclo do Ensino Básico



Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

Sexo: M

Idade: _____

F

1. Os pais pedem-te ajuda nas tarefas domésticas?

Sim Não

a. Gostas de ajudar?

Sim Não

b. Qual a tarefa que mais gostas de realizar? _____

2. Dos seguintes brinquedos, quais gostarias de ter e não tens?

Boneca		Kit de maquilhagem	
Carro telecomandado		Puzzle	
Jogo GTA		Livros	

3. Enumera de 1 a 6, (1 a que preferes e 6 a que menos gostas), das seguintes brincadeiras que preferes.

Jogar à bola		Jogar na internet	
Brincar ao faz-de-conta		Jogar com jogos de mesa	
Ler livros		Fazer um puzzle	

4. Achas que existem brinquedos só para meninas e só para meninos?

Sim Não

a. Em caso afirmativo, dá exemplos:

5. Se fosses do sexo oposto, gostarias das mesmas coisas?

Sim Não

6. Com quem te relacionas melhor, com as meninas ou com os meninos?

Meninos Meninas

a. Porquê?

7. Que profissão desejas ter futuramente? Qual a razão?

Anexo D - Guião de entrevista à educadora



Escola Superior de Educação de Castelo Branco **Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar**

1. Considera que há cantinhos preferidos pelos meninos e pelas meninas?
2. Existem crianças que se neguem a frequentar algum cantinho?
3. Quando as crianças dizem “este brinquedo não é para meninos/meninas” toma alguma atitude?
4. Mudaria alguma coisa na organização do espaço e dos materiais? (O quê? Porquê?)
5. Tem ideia se os pais das crianças do grupo distribuem as tarefas domésticas entre si?
6. Implementa algumas estratégias de forma a promover a Igualdade de Género? Dê exemplos.
7. Considera que os pais estão sensíveis à temática sobre a Igualdade de Género?
8. Considera importante que se realizem estudos sobre o tema? Porquê?
9. O que entende por Igualdade de Género?

Anexo E - Guião de entrevista à professora



Escola Superior de Educação de Castelo Branco Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

1. Considera que, no intervalo, existem brincadeiras pelas meninas e pelos rapazes?
2. Quando as crianças dizem que algum tipo de atividade “é para meninos/meninas”, toma alguma atitude?
3. Tem por hábito associar o cor-de-rosa e o azul às meninas e aos meninos, respetivamente?
4. Tem ideia se os pais das crianças do grupo distribuem tarefas domésticas entre si?
5. Implementa algumas estratégias de forma a promover a Igualdade de Género? Dê exemplos.
6. Considera que os pais estão sensíveis à temática sobre a Igualdade de Género?
7. Considera importante que se realizem estudos sobre o tema? Porquê?
8. O que entende por Igualdade de Género?

Anexo F - Guião de entrevista às crianças de Educação Pré-Escolar



Escola Superior de Educação de Castelo Branco **Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar**

1. Os pais pedem ajuda para realizar as tarefas domésticas? E gostas de ajudar? O que mais gostas de fazer?
2. Qual é o brinquedo que não têm e que gostariam de ter?
3. Na sala, qual é o cantinho que mais gostas? Porquê?
4. Achas que existem brinquedos só para meninos e só para meninas? Dá-me exemplos. Porquê?
5. E se fossem de sexos opostos gostavam das mesmas coisas?
6. Do que é que gostariam (se pertencessem ao sexo oposto)?
7. Com quem te relacionas melhor? Meninos ou meninas? Porquê?
8. Que profissão desejas ter futuramente?

Anexo G - Pedidos de autorização aos pais de Educação Pré-Escolar



Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Autorização

Eu, Ana Sofia Medroa Pereira, a realizar o estágio pré-profissionalizante, encontro-me a fazer um estudo de caso para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico cujo tema é *Conceções das crianças sobre Igualdade de Género na 2ª e 3ª Infância*.

Para tal, solicito ao encarregado de educação da criança _____, a autorização para serem realizadas algumas entrevistas sobre a temática. Devo ainda informar que todos os dados serão confidenciais.

Castelo Branco, __ de _____ de 2013

Autorizo

Não autorizo

Assinatura:

Anexo H - Pedidos de autorização aos pais de 1º Ciclo do Ensino Básico



Escola Superior de Educação de Castelo Branco Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

Autorização

Eu, Ana Sofia Medroa Pereira, a realizar o estágio pré-profissionalizante, encontro-me a fazer um estudo de caso para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico cujo tema é *Conceções das crianças sobre Igualdade de Género na 2ª e 3ª Infância*.

Para tal, solicito ao encarregado de educação da criança _____, a autorização para serem realizadas algumas entrevistas sobre a temática. Devo ainda informar que todos os dados serão confidenciais.

Castelo Branco, __ de _____ de 2014

Autorizo

Não autorizo

Assinatura:

Anexo I - Calendário

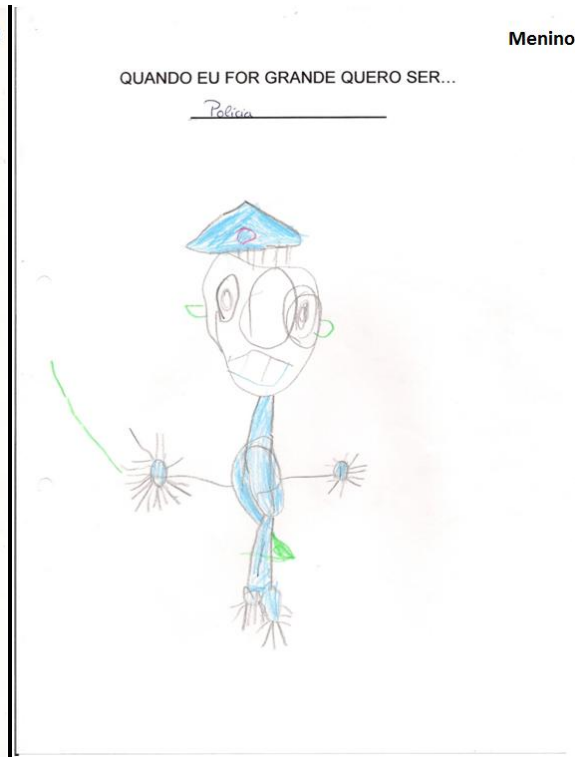
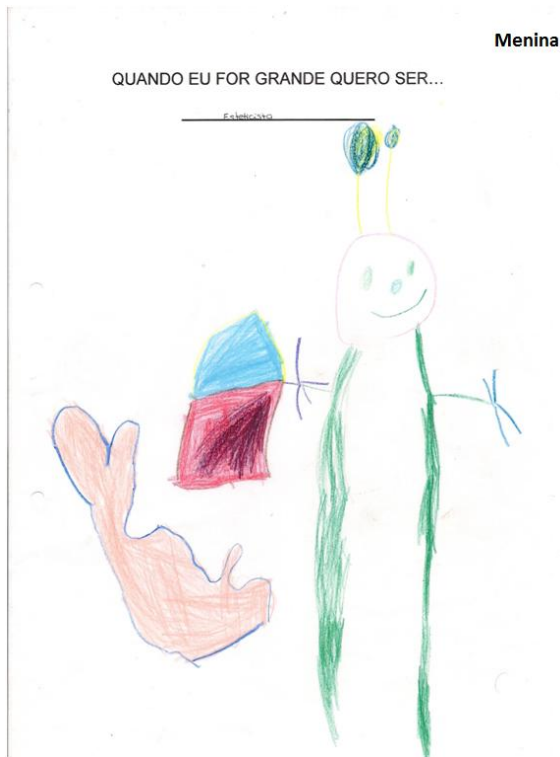
Período de tempo/Atividade	abr. 2013	mai. 2013	jun. 2013	(*) 2013	out. 2013	nov. 2013	dez. 2013	jan. 2014	fev. 2014	mar. 2014	abr. 2014	mai. 2014	jun. 2014
Observação direta/Notas de campo em Pré-Escolar	■	■	■										
Implementação de atividade/Notas de campo		■	■										
Inquérito aos pais		■	■										
Entrevista à educadora		■											
Entrevista às crianças			■										
Observação direta/Notas de campo em 1 C.E.B.					■	■	■	■	■				
Implementação de atividade/Notas de campo								■	■				
Inquérito aos pais						■	■						
Entrevista à professora							■						
Inquérito às crianças								■					
Tratamento de dados				■					■				
Tratamento dos dados recolhidos												■	■
Revisão teórica/bibliográfica	■	■	■	■					■	■	■	■	■
Redação do trabalho escrito										■	■	■	■

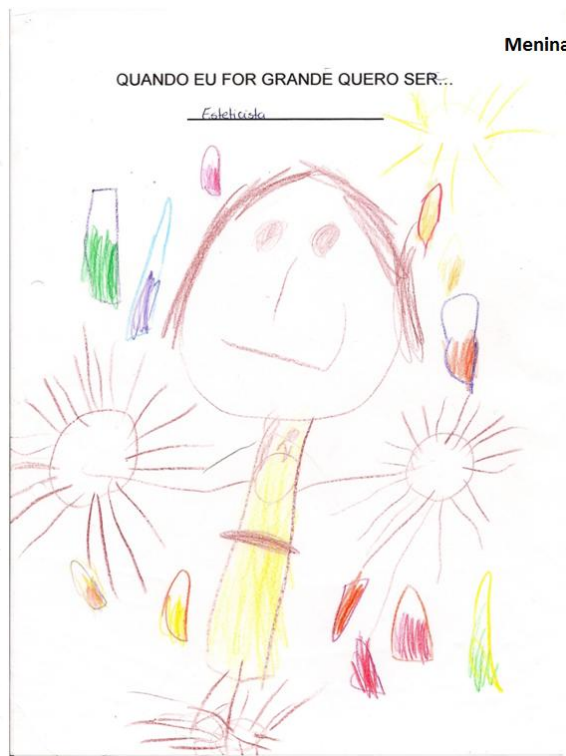
(*)Período de férias

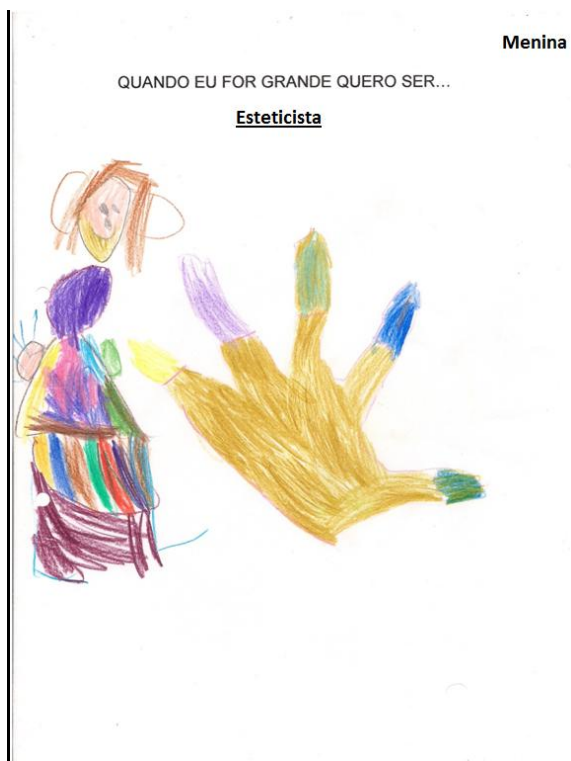
Anexo J - Cartões com as profissões

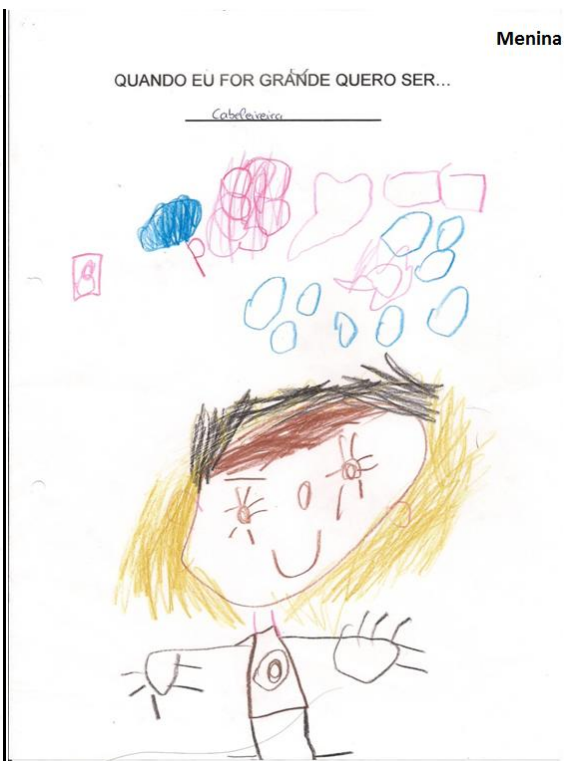
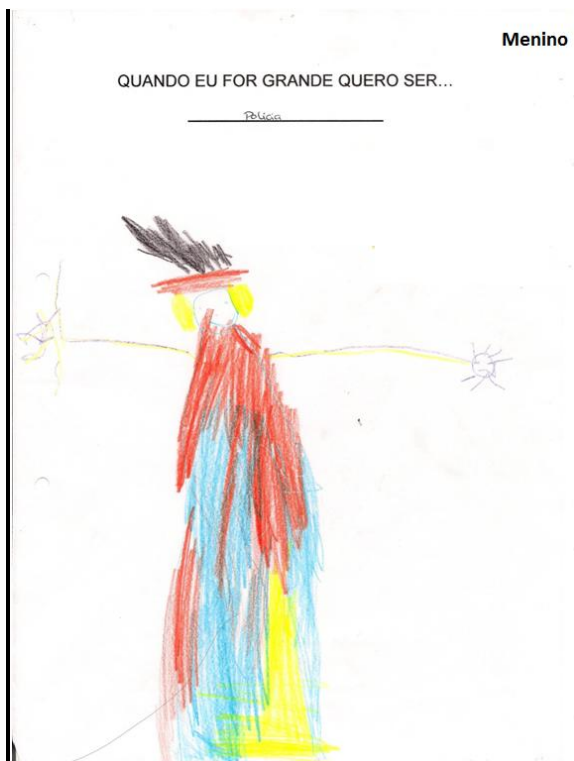


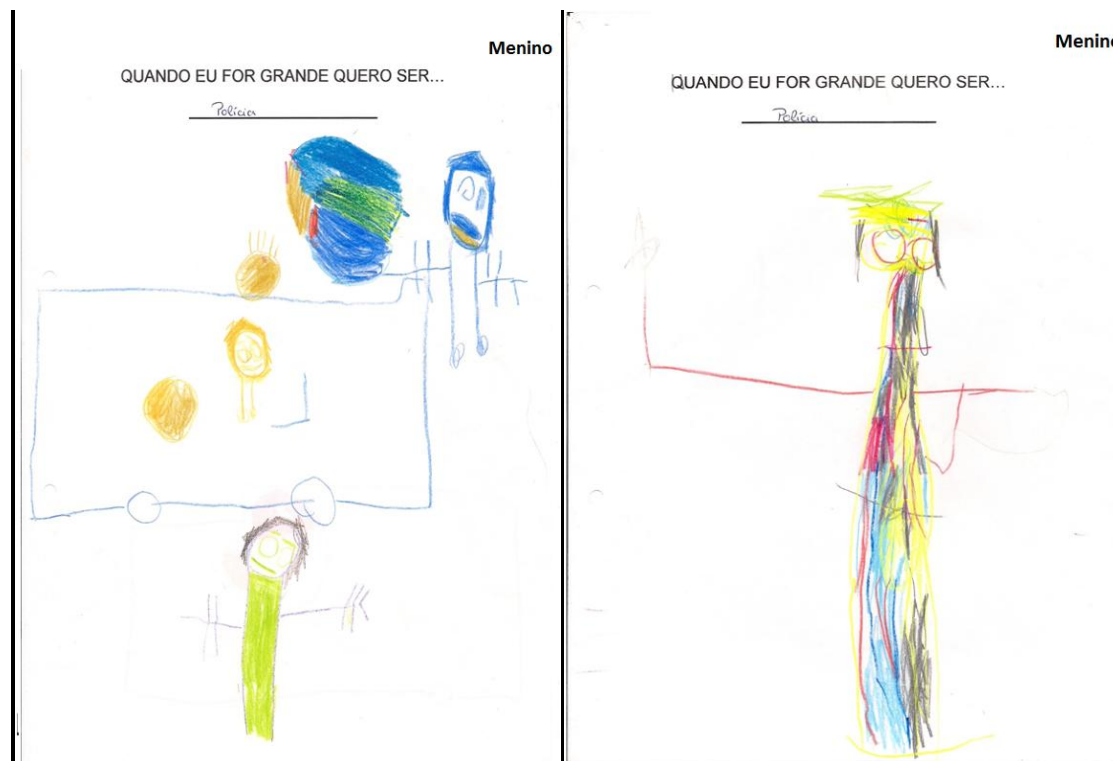
Anexo K - Desenhos realizados pelas crianças de Educação Pré-Escolar











Anexo L - Guião da história “Gato Borralheiro”



Escola Superior de Educação de Castelo Branco

Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico



Gato Borralheiro vivia com o padrasto e dois meios-irmãos que não gostavam nada dele.

Certo dia, a princesa, desejando casar-se, deu uma festa para conhecer todos os jovens do reino. Gato Borralheiro naturalmente foi excluído e ficou em casa a tratar dos trabalhos domésticos.

Cansado, foi sentar-se junto da chaminé. Apareceu-lhe, então, um feiticeiro para o ajudar. Com a sua varinha mágica transformou uma abóbora em coche e alguns ratos em cocheiros. Arranjou-lhe um *smoking* maravilhoso e uns sapatos, que davam para ver o seu reflexo.

Com o Gato de partida, o feiticeiro lembrou:

-- Agora vai à festa, mas tens de voltar para casa antes da meia-noite. Depois dessa hora tudo isto desaparecerá.

Ao chegar ao palácio, a princesa viu-o logo. Achou-o tão belo que dançou com ele toda a noite, sem sequer olhar para os outros jovens.

No entanto, o relógio bateu a meia-noite e Gato Borralheiro despediu-se da princesa. Com a pressa, perdeu um dos sapatos que a jovem, já apaixonada, logo apanhou nas escadas.

No dia seguinte, uma mensageira anunciou que a princesa decidira casar com o jovem que calçasse aquele sapato. Qual não foi o espanto que viram que só o pequenino pé de Gato Borralheiro conseguia calçar!

Feliz, a princesa tomou-o como o seu esposo e Gato Borralheiro tornou-se o rei mais amado do reino. Viveram juntos muitos anos em felicidade e alegria.

Anexo M - Transcrição dos inquéritos aos pais de Educação Pré-Escolar

Questão 1 – O que entende por Igualdade de Género?

1. “Igualdade de Género é um princípio em que todos os indivíduos, homens ou mulheres, devem ter os mesmos direitos, deveres, privilégios, oportunidades, independentemente da raça, cor ou estatuto. “Todos diferentes mas todos iguais”. **(F; f)**
2. “Não sei bem. Mas talvez igualdade entre meninos e meninas.” **(F; f)**
3. “É o direito de igualdade entre os homens e as mulheres.” **(F; f)**
4. “Igualdade de Género, a meu ver, é não haver discriminação racial, entre homens e mulheres.” **(F; m)**
5. “Igualdade entre crianças do sexo feminino e masculino. Ambos com direitos e deveres, e com capacidade de aprender.” **(F; m)**
6. “Entendo que seja igualdade em direitos e deveres.” **(F; f)**
7. “Igualdade de Género é quando as pessoas têm direitos iguais na educação, na sociedade, na religião, na profissão, na família, ou seja não há discriminação de sexo (o mundo perfeito).” **(F; f)**
8. “Direitos e deveres iguais, quer dos homens quer das mulheres.” **(F; f)**
9. “É o modo como as sociedades entendem às diferenças sociais entre homens e mulheres.” **(F, M; m)**

Questão 2 – Concorda com a crescente preocupação, por parte dos profissionais, em promover a Igualdade de Género? Porquê?

1. “Sim. Simplesmente para que não haja discriminação logo na infância.” **(F; f)**
2. “Sim. Tem de haver igualdade, em certas partes claro.” **(F; f)**
3. “Sim.” **(F; f)**
4. “Sim. Claro que sim! Se for inculcido logo na pré-escola penso que se formaram pessoas com mais liberdade de expressão sobre esse assunto.” **(F; m)**
5. “Sim. Para quebrar com antigos ideais deixados pelos nossos antepassados.” **(F; m)**
6. “Sim. Porque cada vez mais a sociedade marginaliza quase de forma inconsciente os mais fracos, a nível económico e social.” **(F; f)**
7. “Sim. Porque é através da educação que os jovens de amanhã poderão respeitar-se mutuamente, sem subjugarem, humilhar o sexo oposto.” **(F; f)**

8. “Sim. Todos são iguais independentemente do género.” **(F; f)**
9. “Sim. Para uma menor discriminação.” **(F, M; m)**

Questão 3 – Na sua função pai/mãe tem como preocupação educar para a Igualdade de Género? Em caso afirmativo, indique um comportamento que costume adotar para esse objetivo.

1. “Sim. Em relação a pessoas de côr diferente tento que a minha filha não tenha medo nem se sinta oprimida.” **(F; f)**
2. “Sim.” **(F; f)**
3. “Sim.” **(F; f)**
4. “Sim. O comportamento não é específico, tento sempre indicar-lhe que tanto é bom ser a mãe a lavar a loiça como o pai (ex.). Que tanta força tem o homem como a mulher. Que como há jogadores futebol, também há jogadoras, etc.” **(F; m)**
5. “Sim. Em casa todos trabalhar para manter o espaço limpo.” **(F; m)**
6. “Sim. Tratar toda a gente de forma educada sem distinguir raças ou idades.” **(F; f)**
7. “Sim. Em casa pai e mãe <mandam>, ambos trabalham e ambos têm a preocupação de respeitar o outro. O verbo <mandar> aqui tem apenas o significado para a criança saber que os pais é que decide tudo e não a criança.” **(F; f)**
8. “Sim. A criança vê frequentemente o pai a desempenhar tarefas em casa por isso está habituada também a ajudar o pai com as ferramentas e a limpar o carro por exemplo.” **(F; f)**
9. “Sim. Estimular para que não haja diferença entre pessoas, seja pela cor, sexo, ou extracto social.” **(F, M; m)**

Questão 4 – É costume dividir-se as tarefas domésticas em casa? Dê exemplos.

1. “Sim. A ___ costuma arrumar o quarto dela, ajuda a fazer bolos, a pôr a mesa, gosta muito de andar com a esfregona na mão (embora às vezes não limpa).” **(F; f)**
2. “Sim. As tarefas mais difíceis ficam para a mãe, as mais fáceis para a ___ e para o pai, a ___ faz a cama lava a loiça, arruma o quarto, a mãe passa a ferro, estende a roupa, faz a paparoca...” **(F; f)**
3. “Sim. A mãe faz o comer. O pai mente a mesa e levanta ao fim do jantar.” **(F; f)**
4. “Sim. Enquanto se arruma porque não dançar cantar ou até mesmo uma corrida á apanhada até ao outro lado da casa.” **(F; m)**
5. “Sim. Enquanto um faz o jantar/almoço outro arruma a cozinha;” **(F; m)**
6. “Mais ou menos. Nem sim, nem não. Todos fazem sempre que lhes é pedido.” **(F; f)**

7. “Sim. Pai: aspira, arrumar o loiça na máquina; pôr a mesa. Mãe: cozinhar, passar roupa a ferro; arrumar a casa.” **(F; f)**

8. “Sim. Como o pai e a mãe trabalham o que chega primeiro a casa faz o jantar e dividimos todas as tarefas como a limpeza da casa, arrumação” **(F; f)**

9. “Sim. Arrumação e limpeza da casa. Alimentação.” **(F, M; m)**

Questão 5 – É pedido à criança para participar nas tarefas domésticas? Indique as tarefas que ela costuma desempenhar.

1. “Sim. As referidas anteriormente, por vontade de iniciativa da ___.” (costuma arrumar o quarto dela, ajuda a fazer bolos, a pôr a mesa, gosta muito de andar com a esfregona na mão). **(F; f)**

2. “Sim. Por os pratos na mesa, os talheres, tudo o que compõe a hora da refeição, fazer a cama dela, arrumar o quarto, dobrar as cuecas, colocar a roupa suja na máquina, ajudar é bom e eles aprendem.” **(F; f)**

3. “Sim. Ajuda-me, a fazer bolos, ajuda-me a arrumar a roupa, nas gavetas.” **(F; f)**

4. “Sim. Ajudar a estender a roupa, fazer a cama e arrumar o quarto, levantar a mesa.” **(F; m)**

5. “Sim. Pôr a mesa, fazer o jantar, ajudar a limpar a casa.” **(F; m)**

6. “Sim. Arrumar os brinquedos que desarruma e deitar o lixo no caixote.” **(F; f)**

7. “Sim. Ajudar a fazer as refeições, pôr a mesa, arrumar os brinquedos.” **(F; f)**

8. “Sim. Por a mesa, arruma o quarto, ajuda a lavar a louça.” **(F; f)**

9. “Sim. Arrumação do brinquedos, livros direitos na parteleira, participa na lavagem da loiça e confecção de doces.” **(F, M; m)**

Questão 6 – Qual é o tipo de brinquedos que oferece ao seu/sua filho/a? Porquê?

1. “Normalmente brinquedos/ jogos/ livros didáticos que a ajudem a desenvolver a sua capacidade psicomotora. A ___ adora pintar, colar, rasgar, desenhar, observar...” **(F; f)**

2. “Carros, jogos educativos, puzzles.” **(F; f)**

3. “Jogos, didáticos, puzzles, cd, música, bonecas. Porque os jogos, e os puzzles, fazem-na desenvolver o cérebro.” **(F; f)**

4. “Teto sempre comprar brinquedos didáticos interactivos, que lhes ensinem a brincar como mala de enfermeiro, mala de ferramentas, computadores interactivos, etc.” **(F; m)**

5. “Legos, livros de actividade, porque é aquilo que ele gosta e que o incentiva.” **(F; m)**

6. “Animais, porque são os que mais aprecia e também livros porque adora histórias.” **(F; f)**

7. “Livros _ porque estimulam a curiosidade e, o interesse por tudo o que nos rodeia e é através dos livros que se adquire o conhecimento para mais tarde aplica-lo na vida adulta. Bonecas_ porque de certa forma desenvolve o relacionamento interpessoal (cuidar, tratar).” **(F; f)**

8. “Computadores, bicicletas, motas, carros, é bom brincar com tudo.” **(F; f)**

9. “Didáticos, para um melhor desenvolvimento da criança.” **(F, M; m)**

Questão 7 – Quais as suas expetativas quanto à futura profissão do seu/sua filho/a?

1. “As minhas expectativas são que ela consiga alcançar os objectivos na profissão que escolher com garra, determinação e inteligência, para vingar no seu futuro. O melhor para ela!” **(F; f)**

2. “Espero que sejam boas, pensamento positivo, há-de ter uma profissão melhor que a da mãe e do pai, espero.” **(F; f)**

3. “Não sei. Ela e que deve escolher.” **(F; f)**

4. “Ui, isso é muito relativo, mas com o presente que temos, ainda é muito cedo para olhar o futuro, mas desejo que seja qual for a sua profissão que seja uma que ele goste de exercer.” **(F; m)**

5. “Não sei.” **(F; m)**

6. “Não sei bem, mas ela tem muito jeito com animais, e ela tem contacto com vários tais como cães, cabras, pássaros, tartarugas, peixes... enfim ela gosta de todos.” **(F; f)**

7. “Neste momento não tenho expectativas em relação à profissão, no futuro a minha filha escolherá a profissão que a fará feliz (esta é a resposta ideal!), se não for possível concretizar o “sonho” espero que escolha uma profissão possível para a conjuntura sócio-económica da altura, compatível com o conhecimento adquirido.” **(F; f)**

8. “Essencialmente algo que a faça feliz e que a motive no dia a dia.” **(F; f)**

9. “Seja qual for a profissão que se sinta realizado profissionalmente.” **(F, M; m)**

Questão 8 – Considera que a escolha da profissão deve ser feita de acordo com o género? Porquê?

1. “Não. Como referi no início deve haver igualdade de oportunidades sem discriminação. Cada ser humano tem o valor que têm independentemente das capacidades ou estatuto.” **(F; f)**

2. “Sim. Porque não vão as meninas fazer certas coisas que os meninos fazem ou podem fazer melhor! Há profissões que só os homens devem fazer assim para as mulheres.” **(F; f)**

3. “Não. Porque agora as profissões que são para o homem, e mulher.” **(F; f)**

4. “Não. Hoje em dia já se vêem muitas mulheres exercerem profissões masculinas, como mulheres camionistas e homens cabeleireiros, penso que se cada género tiver competências e qualidades para a exercer, porque não. Quando se trabalha com gosto, não se cansa!” **(F; m)**

5. “Não. Para qualquer profissão é necessário que haja capacidades para a realizar, e essa capacidade pode surgir num rapaz ou numa rapariga. Tudo parte da educação.” **(F; m)**

6. “Não. Porque essa escolha deve ser feita de acordo com as ambições e gostos de cada um. Deve-se ser feliz e se possível se for a fazer o que se gosta, tanto melhor.” **(F; f)**

7. “Não. Porque a Igualdade de Género é poder escolher a profissão que torna o jovem completamente realizado independentemente do género.” **(F; f)**

8. “Não. Cada qual deve seguir aquilo que gosta e para o qual tem aptidão. O género não é importante.” **(F; f)**

9. “Não. Pelas respostas às perguntas anteriores, penso que esta respondido.” **(F, M; m)**

(*; *) No final de cada resposta encontram-se sinais para que sejam identificados os sexos dos adultos que responderam, assim como o sexo do seu educando.

Legenda:

F – Adulto do sexo feminino

M – Adulto do sexo masculino

f – Criança do sexo feminino

m – Criança do sexo masculino

Anexo N - Guião da história “Extraterrestre”

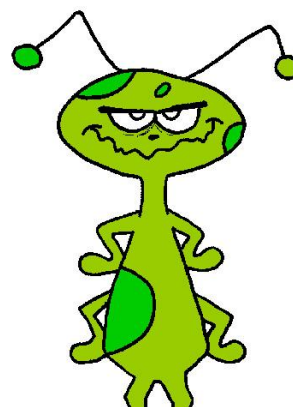


Escola Superior de Educação de Castelo Branco Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

E.T. era um extraterrestre muito simpático. Certo dia, já farto de não conhecer nada para além do seu planeta, decidiu partir à aventura pela galáxia.

E.T. entrou em órbita na galáxia da Via Láctea (conhecem essa galáxia, meninos?)

Pois é, ele visitou a nossa galáxia! Começou por visitar o planeta Neptuno, passando pelo Úrano e, assim sucessivamente, até que chegou ao planeta Terra. (Porque será que lhe despertou o interesse no planeta Terra?)



E.T. visitou em pormenor todos os continentes, da “bolinha azul”. Neles encontrou vários animais, várias formas de relevo e de vegetação. Mas houve uma coisa em comum que encontrou em todos os continentes. (O que terá sido?)

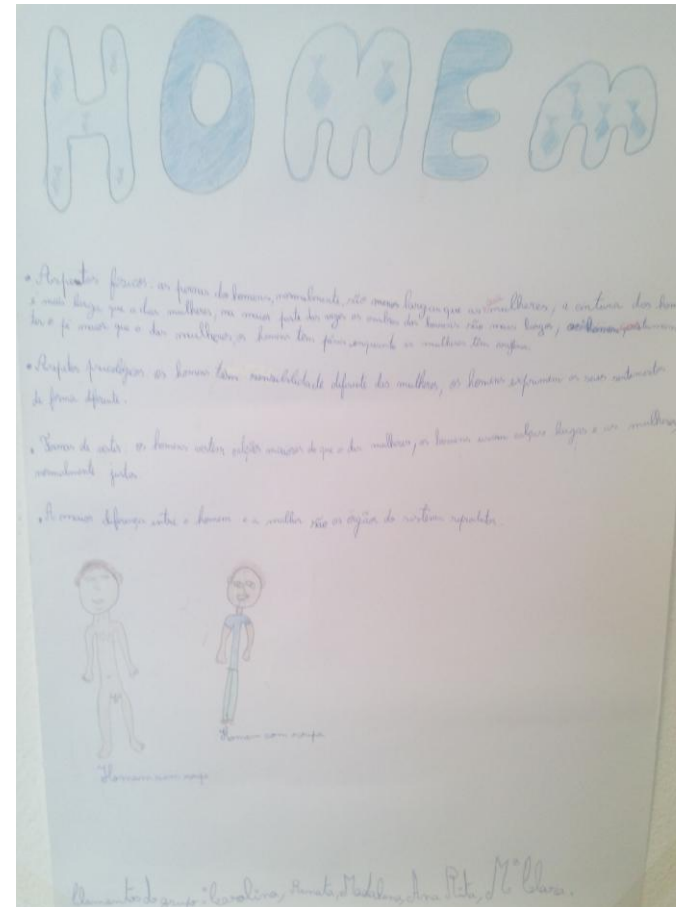
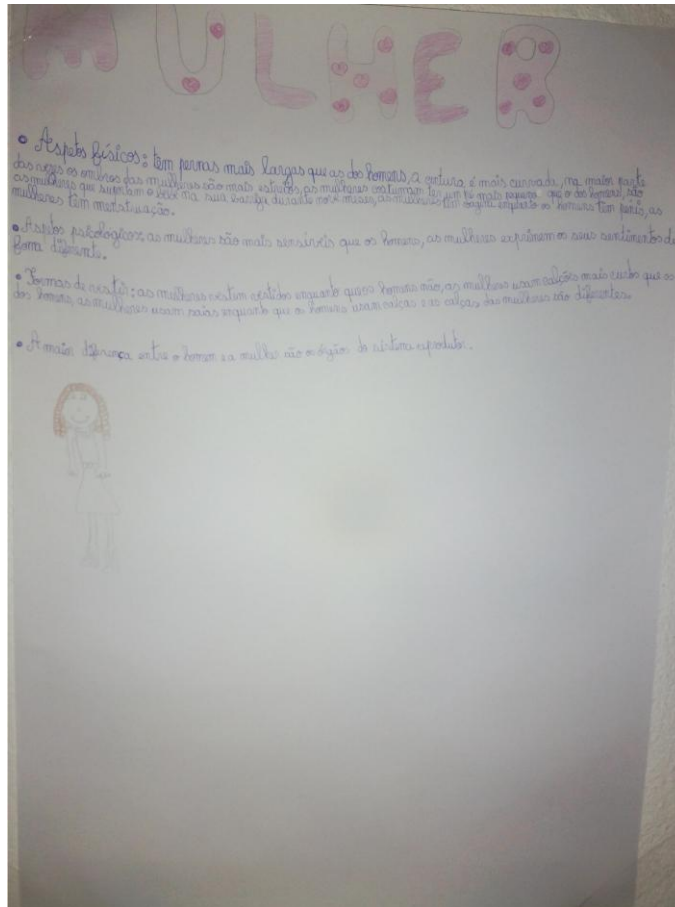
O nosso pequeno amigo, encontrou as pessoas. No entanto, encontrou algumas diferenças entre o homem e a mulher.

E.T. então questionou:

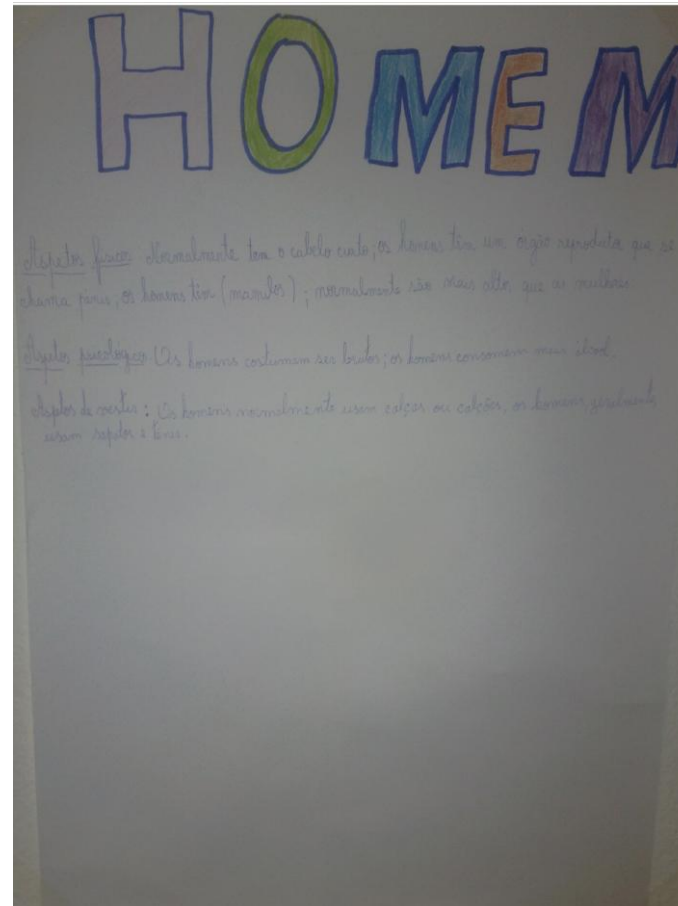
-- Como é ser homem? E mulher? (Vocês serão capazes de responder ao nosso amigo?)

Anexo O - Trabalhos realizados pelas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico

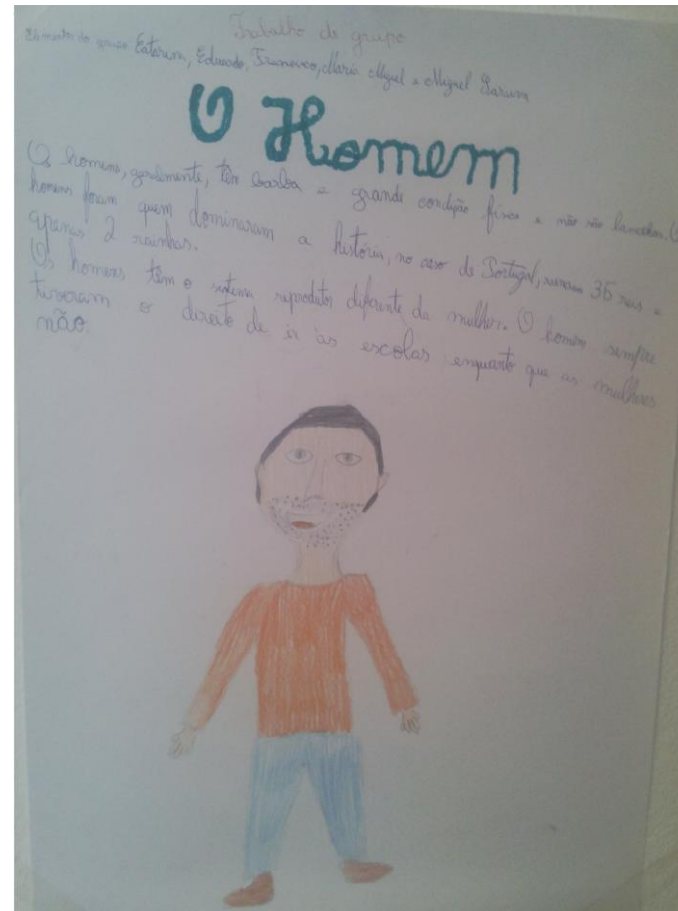
Grupo feminino



Grupo masculino



Grupo misto



Anexo P - Cartões com adjetivos



Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Prática Supervisionada em 1º Ciclo do Ensino Básico

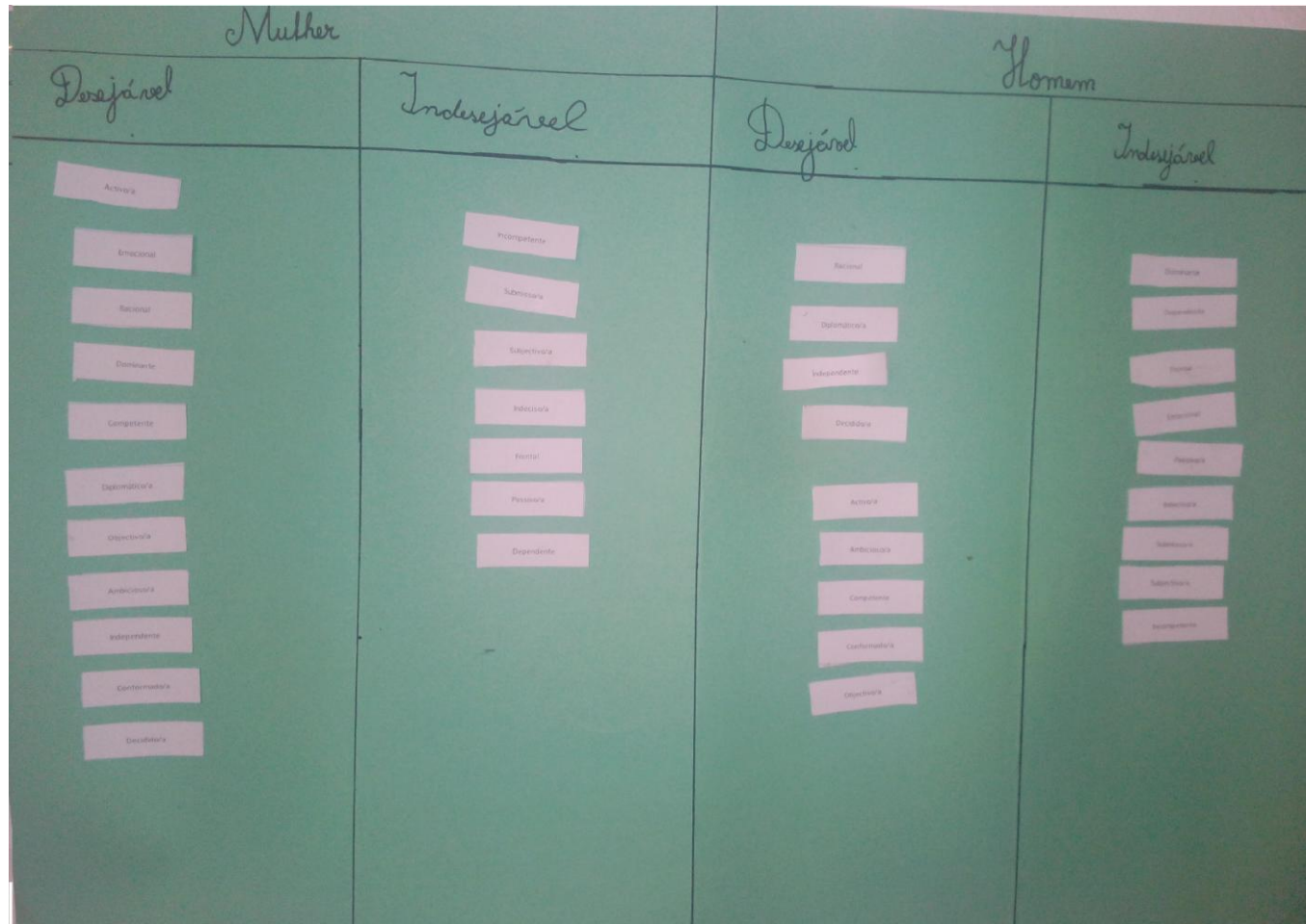
Dependente	Independente
Emocional	Racional
Objectivo/a	Subjectivo/a
Submisso/a	Dominante
Passivo/a	Activo/a
Competente	Incompetente
Indeciso/a	Decidido/a
Ambicioso/a	Conformado/a
Diplomático/a	Frontal

Anexo Q - Trabalhos realizadas pelas crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico

Grupo feminino



Grupo masculino



Grupo misto



Grupo misto



Anexo R - Transcrição das entrevistas aos pais do 1º Ciclo do Ensino Básico

Questão 1 – O que entende por Igualdade de Género?

1. “A igualdade de género é igualdade para todos da mesma forma.” **(F; m)**
2. “É a igualdade entre o feminino e o masculino, a inexistência de diferenças entre sexos.” **(F; m)**
3. “Rapaz ou raparigas todos têm um deve ter igualdade de oportunidades.” **(F; f)**
4. “Igualdade de género é a obrigatoriedade do mesmo número de oportunidades sem discriminação do sexo.” **(F; f)**
5. “Haver igualdade entre indivíduos sejam eles homens ou mulheres.” **(F; f)**
6. “Igualdade: de direitos, deveres para com a família, profissão e habitação (vida doméstica).” **(F; f)**
7. “Independentemente de ser feminino ou masculino deverá ter os mesmos direitos/deveres.” **(F; f)**
8. “Igualdade de direitos, liberdades e oportunidades entre mulheres e homens, nos vários domínios da sociedade.” **(M; m)**
9. “É a equivalência social entre o homem e a mulher.” **(M; f)**
10. “Entendo por igualdade de género, o reconhecimento e a valorização de mulheres e de homens, em todos os domínios da sociedade.” **(F; f)**
11. “Para mim acho que tem a ver com a personalidade da pessoa.” **(F; m)**
12. “Igualdade de tratamento e de oportunidades na vida ativa.” **(F; m)**
13. “Os mesmos direitos e os mesmos deveres para os diferentes sexos.” **(F; m)**
14. “Os mesmos direitos, os mesmos deveres e as mesmas oportunidades para homens e mulheres.” **(M; m)**
15. “Igualdade de direitos e oportunidades para ambos os sexos.” **(F; f)**
16. “Meninos e meninas fazerem as mesmas actividades e serem tratados da mesma forma.” **(F; m)**
17. “Igualdade entre os géneros masculinos e feminino.” **(F; f)**
18. “Igualdade de tratamento entre crianças (neste caso!) quer sejam do sexo feminino quer masculino.” **(F; f)**
19. “Igualdade de género é não haver diferenças entre sexo, seja masculino ou feminino ambos têm os mesmos direitos e deveres.” **(M; m)**

Questão 2 – Concorda com a crescente preocupação por parte dos profissionais de educação em promover a igualdade de género? Porquê?

1. “Sim. Para saberem que somos todos iguais e tenhamos a mesma possibilidade de oportunidade.” **(F; m)**
2. “Sim. Para que as nossas crianças cresçam com a noção que o homem e a mulher tenham igualdade de direitos e deveres.” **(F; m)**
3. “Sim. Há anos atrás só os homens é que podiam trabalhar em empresas.” **(F; f)**
4. “Sim. Porque ao contrário do que acontecia no tempo dos nossos pais a mãe também trabalha não está sempre em casa logo é necessário dividir tarefas.” **(F; f)**
5. “Sim. Por ser importante haver igualdade de oportunidades independentemente do género.” **(F; f)**
6. “Sim. Somos todos iguais apesar de pertencermos a géneros diferentes, temos a mesma capacidade intelectual.” **(F; f)**
7. “Sim. Porque somos todos diferentes contudo somos todos iguais.” **(F; f)**
8. “Sim. Porque se verifica ainda uma grande desigualdade, assumindo os homens ainda um lugar privilegiado” **(M; m)**
9. “Sim. Porque é importante desenvolver um esforço para a eliminação da discriminação social.” **(M; f)**
10. “Sim. Para que fiquem a saber que deve haver (a) igualdade de oportunidades entre mulheres e homens no mercado de trabalho.” **(F; f)**
11. “Sim. Pois “eles” passam muito tempo com as crianças.” **(F; m)**
12. “Sim. Por forma a dar ênfase e credibilidade a uma reflexão já antiga mas nem sempre levada a sério.” **(F; m)**
13. “Sim. Precisamente porque, embora tenha havido uma melhoria relativamente à igualdade de género ainda não estamos numa situação ideal.” **(F; m)**
14. “Sim. Uma boa educação de base nesta matéria, pode ser determinante para eliminar ideias pré-concebidas da existência de um sexo forte e de um sexo fraco.” **(M; m)**
15. “Sim. Porque, em vários aspectos na sociedade, há diversas diferenças entre sexos que continuam bastante acentuadas. **(F; f)**
16. “Sim. Porque ainda existe a ideia errada de que cada género pode e não pode fazer.” **(F; m)**
17. “Não. Os géneros são diferentes entre si.” **(F; f)**

18. “Sim. É importante que as crianças sejam tratadas e levadas a realizar tarefas de igual forma independentemente do género para que no futuro o continuem a fazer.” **(F; f)**

19. “Sim. Desde crianças é que se educa que não há diferenças, depois já não há nada a fazer.” **(M; m)**

20.

Questão 3 - Na função de pai/mãe tem como preocupação educar para a Igualdade de Género? Em caso afirmativo, indique um comportamento que costuma adoptar para esse objetivo.

1. “Sim.” **(F; m)**

2. “Sim. Em casa, tanto faz ser a mãe ou o pai a fazer todo o tipo de serviço doméstico.” **(F; m)**

3. “Sim. Todos limpam a casa. Jogar à bola.” **(F; f)**

4. “Sim. Por exemplo cada um desde ajudar em casa “fazer as camas” por exemplo.” **(F; f)**

5. “Sim. Costumo atribuir as mesmas tarefas ao meu filho e à minha filha.” **(F; f)**

6. “Sim. Tenho dois filhos, um do sexo masculino e outro do género feminino, atribuo-lhes as mesmas tarefas: estender a roupa, arrumar o quarto, limpar o pó, colocar as pratos na mesa para refeições, cozinhar comigo.” **(F; f)**

7. “Sim.” **(F; f)**

8. “Sim. Valorizar as diferentes culturas e classes sociais.” **(M; m)**

9. “Sim. É tão importante existir um bom relacionamento com um amigo como com uma amiga.” **(M; f)**

10. “Sim. Alertá-la dizendo que não existe diferença entre cultura, religião e classe social, ou seja, todos diferentes, todos iguais.” **(F; f)**

11. “Não.” **(F; m)**

12. “Sim. Divisão de tarefas domésticas de forma equilibrada e também muito diálogo sobre o assunto.” **(F; m)**

13. “Sim. Ambos os meus filhos (de diferentes sexos) ajudam em casa, nas mesmas tarefas.” **(F; m)**

14. “Sim. Distribuição de tarefas, independentemente de quais elas sejam.” **(M; m)**

15. “Sim. Por exemplo, dando exemplos de situações ou comportamentos (reais ou fictícios) como nos desenhos animados ou séries infantis.” **(F; f)**

16. “Sim. Na nossa casa dividimos todas as tarefas domésticas.” **(F; m)**

17. “Não.” **(F; f)**

18. “Sim. As tarefas que são pedidas para realizar e os comportamentos adotados por mim em relação aos meus filhos (um de cada sexo) são iguais não havendo discriminação.” **(F; f)**

19. “Sim. Não interferimos quando repreendemos o nosso filho, embora à vezes estejamos em desacordo, em frente à criança nunca o mostramos.” **(M; m)**

Questão 4 – É costume dividir-se as tarefas domésticas em casa? Dê exemplos.

1. “Sim. Quarto arrumado, brinquedos e roupa” **(F; m)**

2. “Sim. Se a mãe cozinha, o pai arruma a cozinha. Os banhos dos filhos tanto são dados pela mãe como pelo pai.” **(F; m)**

3. “Sim.” **(F; f)**

4. “Sim. Fazes as camas, limpeza, etc.” **(F; f)**

5. “Sim. Cada elemento da família tem tarefas domésticas a desempenhar.” **(F; f)**

6. “Sim. Limpar o pó; aspirar a casa; estender a roupa; fazer o jantar e cuidar dos filhos.” **(F; f)**

7. “Sim. Arrumar a cozinha.” **(F; f)**

8. “Sim. Todos ajudam nas arrumações.” **(M; m)**

9. “Sim. Aspirar, limpar o pó, lavar a loiça, arrumar casa, cozinha, etc.” **(M; f)**

10. “Sim. Limpar o pó e arrumação do quarto.” **(F; f)**

11. “Sim. Limpar o pó, levantar a mesa e aspirar.” **(F; m)**

12. “Sim. Quase tudo é feito em comum e sem tarefas prédefinidas.” **(F; m)**

13. “Sim. Por a mesa, arrumar os respetivos quartos, limpar a louça, etc.” **(F; m)**

14. “Sim. Por a mesa, arrumar o quarto, despejar o lixo... Enquanto os pais fazem as refeições, as crianças põem a mesa.” **(M; m)**

15. “Sim. No geral, todos contribuem, sem exceção e diferença, nas tarefas de casa.” **(F; f)**

16. “Sim. O pai cozinha e costuma dar banho às crianças, por sua vez estas arrumam o quarto e põem a mesa.” **(F; m)**

17. “Sim. Lavar a loiça, aspirar, limpar.” **(F; f)**

18. “Sim. Todos participam em tarefas tais como aspirar, limpar o pó, tirar ou por a loiça na máquina, etc. Em relação à preparação das refeições a partilha por enquanto é só entre os pais...” **(F; f)**

19. “Sim. Tudo, a não ser passar a ferro, só porque o cônjuge acha que o faz melhor e sem duvida que sim, de resto toca a todos. **(M; m)**”

Questão 5 – é pedido à criança para participar nas tarefas domésticas? Indique as tarefas que ela costuma desempenhar.

1. “Sim. Arrumara louça e mesa após refeições.” **(F; m)**
2. “Sim. Fazer a cama, pôr a mesa e ajudar a levantar os pratos.” **(F; m)**
3. “Sim. Arrumar o quarto, colocar os pratos na mesa.” **(F; f)**
4. “Sim. Ajudar a fazer bolos.” **(F; f)**
5. “Sim. Limpar o pó e arrumar o quarto/brinquedos, etc.” **(F; f)**
6. “Sim. Limpar o pó, arrumar a casa, colocar a louça na mesa antes das refeições, estender roupa, cozinhar comigo.” **(F; f)**
7. “Não.” **(F; f)**
8. “Sim. Arrumar o quarto, ajudar a por a mesa e a levantar a pesa, arrumar os brinquedos.” **(M; m)**
9. “Sim. Arrumar o quarto.” **(M; f)**
10. “Sim. Ajuda a dobrar a roupa, pôr a mesa, limpar o pó..., etc.” **(F; f)**
11. “Sim. Arrumar o seu próprio quarto” **(F; m)**
12. “Sim. Colocar e levantar a loiça na mesa.” **(F; m)**
13. “Sim. As acima mencionadas (Por a mesa, arrumar os respetivos quartos, limpar a louça, etc.)” **(F; m)**
14. “Sim. Faz a cama, põe a mesa, põe a roupa para lavar.” **(M; m)**
15. “Sim. Principalmente na arrumação do quarto.” **(F; f)**
16. “Sim. Arrumar o quarto, por a mesa, tirar e arrumar a loiça da máquina.” **(F; m)**
17. “Sim. Ajuda na limpeza, fazer a sua cama, arrumar a mesa” **(F; f)**
18. “Sim. Limpar e arrumar o respetivo quarto e por vezes outras partes da casa, por a mesa, tirar a loiça da máquina, ...” **(F; f)**
19. “Não.” **(M; m)**

Questão 6 – Qual é o tipo de brinquedos que oferece ao seu/sua filho/a? Porquê?

1. “Legos; *puzzelles*; livros e jogos. Em primeiro lugar ele gosta em segundo penso que lhe faz bem ao raciocínio e consentração.” **(F; m)**

2. “Jogos, livros e bonecos. Normalmente porque é o que gosta.” **(F; m)**
3. “Livros, jogos” **(F; f)**
4. “Playstation, jogos, livros, roupa, etc. porquê eles pedem e porquê é o que os meninos da idade deles solicitam.” **(F; f)**
5. “Legos, jogos. Livros... porque são os seus preferidos e são bons para o seu desenvolvimento.” **(F; f)**
6. “Ofereço os brinquedos de que gosta: *skate*, patins, bonecos *pinypons*, etc...” **(F; f)**
7. “Bonecas, jogos de tabuleiro, jogos didáticos” **(F; f)**
8. “Brinquedos educativos, porque permitem que a criança desenvolva as suas capacidades cognitivas e motoras.” **(M; m)**
9. “Didáticos e interactivos. Para que possa desenvolver as suas capacidades cognitivas e intelectuais.” **(M; f)**
10. “Bonecas *barbie* e nenucos. De vez em quando livros de histórias.” **(F; f)**
11. “Jogos e livros, pois é bom para desenvolver a sua mentalidade.” **(F; m)**
12. “Diversificado, mas tenho ido ao encontro dos seus interesses, nomeadamente livros, *mottos* e jogos.” **(F; m)**
13. “Livros, porque além de serem um instrumento de aprendizagem, permitem aperfeiçoar a leitura e a interpretação. Jogos, de preferência, que estimulem o raciocínio.” **(F; m)**
14. “Bolas, livros, alguns jogos, são oferecidos brinquedos que permitem intervir em várias áreas: desporto, cultura, divertimento.” **(M; m)**
15. “Brinquedos adequados à idade e/ou gosto da criança. Porque as crianças são crianças; e a imaginação é um bom estimulados também, o que faz com que a opinião em relação aos brinquedos seja relativa.” **(F; f)**
16. Ofereço brinquedos de carater pedagógico. O meu filho quando o irmão nasceu pediu um nenuco, e nós comprá-mos. Adorava brincar na sua cozinha. Não costumamos dizer que este ou aquele brinquedo é de “menina”. **(F; m)**
17. “Brinquedos educativos e outros.” **(F; f)**
18. “Jogos educativos, livros.” **(F; f)**
19. “Jogos de computador porque é o que ele gosta de fazer, é um viciado, um *Gamer*.” **(M; m)**

Questão 7 – Quais as suas expetativas quanto à futura profissão do seu/sua filho/a?

1. “Sempre o acompanharei na profissão que ele escolher embora hoje não exista grandes expectativas.” **(F; m)**
2. “Economia, gestão, qualquer coisa que o realize, que o faça feliz e que tenha sucesso.” **(F; m)**
3. “Ser advogada.” **(F; f)**
4. “Infelizmente com a direcção que o país tem levado nos últimos tempos é necessário que tenham grande aproveitamento escolar.” **(F; f)**
5. “Espero que consiga uma formação boa de modo a conseguir uma carreira sólida.” **(F; f)**
6. “Espero que a minha filha, tenha uma profissão que goste e que a realize.” **(F; f)**
7. “Não tenho, ainda.” **(F; f)**
8. Desejava que concluísse um curso superior numa área que fosse do seu agrado.” **(M; m)**
9. “Presentemente e devido à conjuntura actual com alguma apreensão.” **(M; f)**
10. “Não muito promissoras devido á situação do país.” **(F; f)**
11. “Espero que sejam boas, mas por enquanto não há certezas.” **(F; m)**
12. “Ainda não tenho, procuro que seja uma pessoa segura e feliz.” **(F; m)**
13. “Ainda é cedo, mas espero que seja possível escolher uma profissão com a qual se identifique muito.” **(F; m)**
14. “Ainda não estão fundamentadas. Uma profissão que lhes permita saídas para sustentar a vida.” **(M; m)**
15. “Desejo que alcance, principalmente, aquilo que realmente quer fazer, e que o faça com sucesso e dignidade.” **(F; f)**
16. “O meu filho deverá escolher a profissão que se “adapte” a si e á sua personalidade.” **(F; m)**
17. “O que ele quiser ser.” **(F; f)**
18. “Espero que seja uma profissão em que se sinta realizada.” **(F; f)**
19. “Não tenho certeza nenhuma, mas penso que está mais virado para informática.” **(M; m)**

Questão 8 – Considera que a escolha de profissão deve ser feita de acordo com o género? Porquê?

1. “Não. Escolherá o que ele pretender e poderei sim aconselhar mas não irá passar a vida a fazer algo em que não se sinta realizado só porque não é para homens ou mulheres.” **(F; m)**
2. “Não. Porque deve haver igualdade de géneros e ambos os sexos têm as mesmas capacidades para executarem as mesmas profissões.” **(F; m)**
3. “Não. Tanto mulheres como homens devem fazer o que gostam, não há profissões para mulheres ou para homens, há profissões para pessoas.” **(F; f)**
4. “Não. Existem de facto algumas profissões que pela sua natureza específica se adequam mais a homens e a mulheres.” **(F; f)**
5. “Não. Porque deve ser feita de acordo com os gostos e capacidades das pessoas.” **(F; f)**
6. “Não. Acho que a escolha da profissão deve ser feita de acordo com os nossas gostos e com a nossa realização enquanto ser humano.” **(F; f)**
7. “Não.” **(F; f)**
8. “Não. Homens e mulheres têm as mesmas capacidades e as mesmas responsabilidades.” **(M; m)**
9. “Não. Qualquer ser humano tem apetência e capacidades para desenvolver qualquer tipo de profissão adequada à sua condição física.” **(M; f)**
10. “Não. Porque não há distinção.” **(F; f)**
11. “Não. Porque isso tem a ver com a escolha que se faz.” **(F; m)**
12. “Não. Creio que a escolha deve ter em conta a vocação, e nos dias que correm, a sobrevivência.” **(F; m)**
13. “Não. Porque a escolha da profissão deve ser feita, tendo em conta o gosto pessoal de cada um. (No entanto, as características físicas inerentes ao género, podem ser impeditivas de escolher certas profissões).” **(F; m)**
14. “Não. As profissões não têm género. Têm bons ou maus profissionais.” **(M; m)**
15. “Não. Porque o género ou sexo do ser humano não deve ser impedimento para nada.” **(F; f)**
16. “Não. Todas as profissões não são de acordo com o género, mas sim de acordo com a pessoa que a desempenha.” **(F; m)**
17. “Não.” **(F; f)**
18. “Não. Porque as capacidades para ser um bom profissional não têm relação com o sexo da pessoa.” **(F; f)**

19. “Não. Não vejo qual a diferença a apontar na escolha da pessoa, a não ser se for uma profissão que se tenha de fazer muito esforço físico, mas só por esta razão.” (**M; m**)

(*; *) No final de cada resposta encontram-se sinais para que sejam identificados os sexos dos adultos que responderam, assim como o sexo do seu educando.

Legenda:

F – Adulto do sexo feminino

M – Adulto do sexo masculino

f – Criança do sexo feminino

m – Criança do sexo masculino